



# Companhia Usinas Nac

AÇUCAR

“PEROLA”

SACO AZUL

Cinta encarna

Pacotes de 1 a

quilos

**FABRICAS:**

RIO DE JANEIRO

SÃO PAULO

SANTOS

TAUBATE'

JUIZ DE FÓRA

BELO HORIZONTE

NITEROI

CAXIAS - EST. DO RIO

SÉDE:

RUA PEDRO A

TELEGRAMAS

TELEFONE

RIO DE JA

INSTITUTO DO AÇUCAR E DO ALCOOL



**BRASIL**

**AÇUCAREIRO**

ANO VI — VOL. XIV  
OUTUBRO — 1939  
N.º 4

# INSTITUTO DO AÇUCAR E DO ALCOOL

Criado pelos decretos ns. 22.789 e 22.981, respectivamente, de  
1 de Junho e 25 de Julho de 1933

Expediente — nos dias uteis, de  
9 ás 11 e meia e de 13 e meia  
ás 17 horas. Aos sabados, en-  
cerra-se ao meio dia.

Sessões da Comissão Executiva — quarta-feira,  
ás 10 horas. Sessões do Conselho Consultivo —  
última sexta-feira do mês, ás 10 horas

## COMISSÃO EXECUTIVA

Delegado do Banco do Brasil — A. J. Barbosa Lima Sobrinho, presidente.  
Delegado do Ministerio da Fazenda — Alberto de Andrade Queiroz, vice-presidente.  
Delegado do Ministerio do Trabalho — Otavio Milanez.  
Delegado do Ministerio da Agricultura — Alvaro Simões Lopes.  
Delegado dos usineiros de Pernambuco — Alde Sampaio.  
Delegado dos usineiros de São Paulo — José Inácio Monteiro de Barros.  
Delegado dos usineiros do Estado do Rio — Tarcisio de Almeida Miranda.  
Delegado dos usineiros de Alagôas — Alfredo de Maia.

## CONSELHO CONSULTIVO — 12 MEMBROS

Delegado dos usineiros da Baía — Arnaldo Pereira Oliveira, presidente.  
Delegado dos plantadores de São Paulo — Romeu Cuocolo, vice-presidente.  
Delegado dos usineiros da Paraíba — Luiz Veloso.  
Delegado dos plantadores da Paraíba — Oswaldo Trigueiro  
Delegado dos plantadores de Pernambuco — Aderbal Novais  
Delegado dos plantadores de Alagôas —  
Delegado dos plantadores de Sergipe — Lauro Sampaio.  
Delegado dos usineiros de Sergipe — João Dantas Prado  
Delegado dos plantadores da Baía — José Augusto Lima Teixeira.  
Delegado dos plantadores do Estado do Rio — Dermeval Lusitano de Albuquerque  
Delegado dos usineiros de Minas Gerais — Joaquim Azarias de Brito  
Delegado dos plantadores de Minas Gerais — José Pinheiro Brandão

## DELEGACIAS REGIONAIS NOS ESTADOS

FARAIBA — Rua Barão do Triunfo, 306 — João Pessoa.  
PERNAMBUCO — Av. Marquês de Olinda, 58 — 1.º — Recife.  
ALAGÔAS — Edificio da Associação Comercial — Maceió.  
SERGIPE — Agencia do Banco do Brasil — Aracajú.  
BAIA — Edificio da Associação Comercial — São Salvador.  
RIO DE JANEIRO — Edificio Lizandro — Praça São Salvador — Campos.  
SÃO PAULO — Rua da Quitanda, 96 — 4.º — São Paulo.  
MINAS GERAIS — Palacete Brasil — Av. Afonso Pena — Belo Horizonte.

Séde: RUA GENERAL CAMARA, 19 - 4.º, 6.º e 7.º andares

**Fones:**

Presidencia, 23-6249; Vice-presidencia, 23-2935; Gerencia, 23-5189;  
Contabilidade, 23-6250; Secretaria, 23-0796; Almoxarifado, 23-6253;  
Alcool-matar, 23-2999; Estatística, 43-6343; Fiscalização, 23-6251;  
Publicidade, 23-6252; Secção Juridica, 23-6161;  
Funcionalisma 43-6109

Secção Tecnica — Avenida Venezuela, 82 — Tel. 43-5297  
Deposito de alcool-matar — Avenida Venezuela, 98 — Tel. 43-4099

Endereça telegrafica—COMDECAR—RIO DE JANEIRO—Caixa Postal, 420

# SUMARIO

OUTUBRO — 1939

FOLITICA ACUCAREIRA .....	3
DIVERSAS NOTAS : Balancete do I. A. A. , Mercado da Capital da Republica, Quotas de Equilibrio da Safra 1938/39, Estado do Rio, Exportação de Açúcar, Abastecimento de S. Paulo, Cotações no Exterior .....	8
RELATORIO QUE DOCUMENTA UM TEMPERAMENTO E UMA CULTURA por Agamenon Magalhães .....	14
COMO EVITAR AS EXPLOSÕES DEVIDAS A'S POEIRAS DE ACUCAR .....	11
RESOLUÇÕES DA COMISSÃO EXECUTIVA DO I. A. A. ....	15
NOVOS USOS PARA O FERMENTO .....	15
DECISÕES DO PRESIDENTE DO I. A. A. ....	16
O QUE TODO FAZENDEIRO DEVE SABER .....	29
PRIVILEGIO DOS SENHORES DE ENGENHO, NOS TEMPOS COLONIAIS, Alberto Lamego .....	21
DISTILAÇÃO ALCOOLICA A MULTIPLO EFEITO .....	23
OS PREÇOS DO ACUCAR EM FACE DA NOVA GUERRA EUROPEIA ..	26
AUMENTA O CONSUMO DE ACUCAR NOS ESTADOS UNIDOS E NA EUROPA .....	26
IRRIGAÇÃO POR MEIO DE UM TRATOR .....	26
CRONICA ACUCAREIRA INTERNACIONAL .....	27
PODE A INDUSTRIA DIRIGIR-SE A SI MESMA ? — O. W. Willcox .....	32
O ACUCAR COMO REMEDIO .....	37
BALANCETE DO I. A. A. ....	38
ACUCAR ALEMÃO PARA O SUDESTE EUROPEU .....	42
PRODUÇÃO E MOVIMENTO DE ALCOOL NO MUNDO .....	44
FERMENTAÇÃO ALCOOLICA NA CANA DE ACUCAR ATINGIDA PELA GEADA .....	44
ESTUDOS SOBRE OS APARELHOS DE VACUO — Colin W. Waddell .....	45
ATAS DA COMISSÃO EXECUTIVA DO I. A. A. ....	46
A INGLATERRA E O MERCADO MUNDIAL DE ACUCAR .....	48
QUADROS DA SECCÃO DE ESTATISTICA .....	50
A INDUSTRIA ACUCAREIRA EM MOÇAMBIQUE .....	54
PRODUÇÃO E CONSUMO DE ACUCAR NO MUNDO .....	56
PUBLICAÇÕES .....	59
COMENTÁRIOS DA IMPRENSA .....	61
A AUTARQUIA E A FABRICAÇÃO DO ALCOOL .....	63

## ANUNCIOS

NOTICIAS DE PETREE & DORR .....	2
BALANCA AUTOMATICA "TOLEDO" .....	13
USINA SERRA GRANDE S/A .....	15
LES USINES DE MELLE .....	24-25
E. G. FONTES & C.º .....	31
LAR BRASILEIRO .....	37
HALLESCHER MASCHINENFABRIK E EISENGIESSEREI .....	41
COCKSHUTT PLOW Cº. LIMIT. ....	55
BANCO DO BRASIL .....	Capa
CIA. USINAS NACIONAIS .....	"

Redação e Administração - RUA GENERAL CAMARA N.º 19 - 7.º Andar - Sala 12

Telefone - 23-6252 — Caixa Postal, 420

Diretor : MIGUEL COSTA FILHO

# Noticias de Petree & Dorr

**NOVOS APARELHOS E PROCESSOS PARA A INDUSTRIA AÇUCAREIRA DO BRASIL NA NOVA SAFRA (DE 1939-1940). VÃO INICIAR-SE OS SEGUINTES :**

**17 CLARIFICADORES DORR DO TYPO NOVO MULTIFEED :**

Nas Usinas Amalia, Santa Barbara, Tamoyo e Vila Raffard, em São Paulo.  
Aliança, São Bento, São Carlos e Terra Nova, Na Baía.  
Santa Terezinha, em Pernambuco e São José (Prado), em Sergipe.

**11 TURBOMIXES DORR, MISTURADORES CONTINUOS DE CAL COM CALDO :**

Nas Usinas Amalia, Monte Alegre, Tamoyo e Vila Raffard, em São Paulo.  
Quissaman, no Estado do Rio e Aliança e Terra Nova, na Baía.

**9 PROCESSOS DA CLARIFICAÇÃO COMPOSTA DORR :**

Nas Usinas Amalia, Monte Alegre, Tamoyo e Vila Raffard, em São Paulo.  
Aliança, São Bento, São Carlos e Terra Nova, na Baía.  
Santa Terezinha, em Pernambuco.

**ILHA DA MADEIRA**

Na Ilha da Madeira, d'onde veiu a cana de açúcar para o Brasil, vão instalar-se **CLARIFICADORES DORR**. Tambem vão **DORRS** novos para Angola, Australia, Trinidad, India e as Ilhas Francêsas das Antilhas.

**DORR MULTIFEED**

O tipo novo de **CLARIFICADOR DORR MULTIFEED** já tem demonstrado suas qualidades superiores pela sua maior capacidade e pela qualidade ótima do caldo clarificado.

**20 ANOS DE SERVIÇO PETREE-DORR.**

Foi no ano de 1919 que começaram as experiencias com o primeiro Clarificador **DORR**, na Usina Mercedita em Cuba. 20 anos depois disso comprovaram-se as qualidades superiores dos **DORR** em todas as partes do mundo, podendo vencer mais de 30 outros tipos de aparelhos, ficando sempre o Clarificador **DORR** sem rival — o melhor Clarificador para as Usinas de Açúcar.

Um aparelho que se amortiza a si proprio em 3 anos ou menos é **BARATO**.  
A Clarificação Composta **DORR** reembolsa o capital em 3 safras no maximo.

**PETREE & DORR ENGINEERS INC.**

**120 WALL STREET, NEW YORK CITY**

Caixa Postal 3623 RIO DE JANEIRO Telefone 26 - 6084

# BRASIL AÇUCAREIRO

Orgão Oficial do  
INSTITUTO DO AÇUCAR E DO ALCOOL

ANO VI VOLUME XIV

OUTUBRO DE 1939

N.º 4

## POLITICA AÇUCAREIRA

Na sessão efetuada pela Comissão Executiva do Instituto do Açúcar e do Alcool, a 22 de setembro ultimo, o sr. Barbosa Lima Sobrinho apresentou a seguinte exposição:

“Para conhecer a influência que a guerra europeia pode ter no mercado do açúcar, ou para definir as linhas gerais de uma política do açúcar, não ha melhor orientação do que a de procurar a repercussão, que teve, nesse mesmo domínio, a conflagração mundial em 1914.

Naquela época, a beterraba e a cana de açúcar vinham disputando as preferências do mercado europeu, em que dia a dia avultava o açúcar de beterraba, mercê de tarifas e de facilidades de transporte, fatores ou elementos de uma situação privilegiada.

A Convenção de Bruxelas, em 1902, não havia conseguido evitar a expansão da beterraba, muito embora limitasse os direitos alfandegários sobre o açúcar e proibisse a concessão de premios à exportação desse produto.

A deflagração da guerra mundial trouxe, entretanto, a desorganização do mercado produtor da Europa, o que veio reduzir, de ano para ano, no conjunto da produção mundial, a percentagem correspondente ao açúcar de beterraba, como se poderá ver dos algarismos seguintes:

1913/14. . . . .	44,8
1914/15. . . . .	42,3
1915/16. . . . .	33,0
1916/17. . . . .	32,1
1917/18. . . . .	27,7
1918/19. . . . .	25,4
1919/20. . . . .	20,1

De 1913 a 1920, a produção de açúcar de beterraba desceu, na Europa, de 8,257.000 a 2.567.000 toneladas, o que daria uma redução de quasi 70%. As superficies cultivadas

passaram de 2.200.000 hectares para..... 1.279.346 hectares, naquelle mesmo período de 1913 a 1920.

As reduções foram quasi gerais, só se podendo contar entre as exceções algumas nações neutras, que muito fizeram conservando a produção mais ou menos no mesmo nível de 1913, como a Holanda, a Dinamarca, a Suécia e a Espanha. Quanto aos outros, vale a pena recordar alguns números, em milhares de toneladas:

	1913/14	1918/19	1919/20
França. . . . .	797	122	172
Alemanha. . . . .	2.716	1.328	702
Austria. . . . .	1.680	8	5
Tcheco-Slovaquia. . . . .	—	624	507
Bélgica. . . . .	230	74	147
Russia. . . . .	1.740	370	88
Italia. . . . .	330	120	186

Os fatores dessa redução podem ser relembrados. Foram:

1º — A própria guerra, que destruiu lavouras e fábricas. Foi o que ocorreu, por exemplo, na França, onde a principal cultura de beterraba se havia concentrado nos Departamentos do Norte, justamente os que mais sofreram com a invasão germânica. De 206 fábricas de açúcar, que funcionavam em 1913/14, 51 sómente conseguiram trabalhar em 1918/19. A area da lavoura da beterraba contava 206.000 hectares em 1913/14 e não passava, em 1919/20, de 65.259 hectares. Na Austria houve tambem quatro fábricas destruidas, no decorrer das hostilidades. No território polonês, pertencente à Russia, de 49 usinas existentes, houve 21 devastadas pela guerra.

2º — A mobilisação trouxe a escassez de

mao de obra, que se tornou tambem inferior a que existia antes da guerra.

3º — Houve tambem falta de materias primas, de adubos, de carvão e mesmo de metais para a reforma, ou o reparo dos maquinismos.

4º — Outro fator, que se fez sentir na baixa de produção do açúcar, foi o interesse maior dedicado a culturas mais rendosas, como a dos cereais. Em 1915, na Alemanha, fôra tão grande a falta de cereais, que o governo alemão permitiu a todos os agricultores que se libertassem parcialmente dos contrátos em vigor, consagrando a essa cultura 25% das terras que, normalmente, deveriam ter recebido sementes de beterraba. A mesma cousa ocorreu na Russia, onde a cultura de batatas e de cereais tambem desviou trabalhadores e interesses das lavouras de beterraba.

5º — Devemos registrar as influências mais gerais da grande guerra, as dificuldades de transporte, obstáculos criados ao comércio, o efeito da luta nos espíritos, impedindo que houvesse ambiente para um trabalho realmente produtivo. Na Bélgica, por exemplo, embora poucas fábricas fossem devastadas, o certo é que os alemães não conseguiram manter, sob o regimen de ocupação, o ritmo anterior, observado no tempo da paz.

Uns e outros fatores concorreram, não apenas para que se reduzissem às lavouras, como tambem para que descesse o rendimento agricola.

Na França, o rendimento desceu de 238 quintais métricos por hectare, em 1913/14, a 167 quintais métricos em 1919/20. Na Alemanha verificava-se o mesmo fenômeno, sendo, em 1913/14, de 318 quintais métricos o rendimento por hectare, e passando a 186 quintais métricos o rendimento por hectare, e passando a 186 quintais métricos em 1919-20. O publicista J. A. Pennock, em cujos dados se apoiam as informações acima, observa muito bem que "as consequências das destruições ocorridas no período de 1914 a 1918 se faziam sentir ainda por muito tempo, e o rendimento por hectare, que havia diminuido consideravelmente, só muito devagar se reergueu. Esse rendimento menor (acrescentava o autorizado F. O. Licht) é uma das consequências naturais de um trabalho de campo defeituoso, de adubos insuficientes, etc., e ainda não foi de todo remediado, mes-

mo hoje, em numerosos países. O sr. Licht escrevia essas palavras em 1929. Na realidade, sómente em 1926/27, a Europa conseguiu voltar ao nível de produção de 1913, e isso mesmo à custa de medidas, que fizeram da indústria açucareira uma das industrias mais protegidas do universo, nos programas de autarquia, ou mercê de tarifas altas e até de premios, ou subsídios especiais. Desde 1919, a Convenção de Bruxelas havia sido denunciada, e o esforço dos ex-beligerantes, vencidos ou vencedores, ia aplicar-se deliberadamente à restauração de suas fabricas de açúcar.

## II

A' medida que se ía reduzindo a produção europeia, cresciam as probabilidades dos demais produtores.

Lembremos o caso de Cuba que, no começo da guerra, produzia aproximadamente 2.600.000 toneladas. Em 1915/16, ela passava de 3.000.000 toneladas, quantidade que não fôra alcançada até então em país nenhum. Em 1917/18, excedendo-se a si mesma, Cuba produziu 3.444.605 e quasi completava quatro milhões de toneladas em 1918/19, num surto de produção surpreendente e quasi fabuloso, se não fosse conhecido o vulto dos capitais americanos, que nesse objetivo se aplicaram.

Esse mesmo fenômeno poderá ser observado nos Algarismos brasileiros, através de nossa exportação de açúcar.

Em 1913, havíamos exportado apenas 5.371 toneladas.

A partir dessa data, fomos numa expansão regular, descontada, em alguns anos, a influencia que podia advir da situação de nossas safras. A exportação, a partir de 1914, foi a seguinte:

	Toneladas
1914. . . . .	31.875
1915. . . . .	59.170
1916. . . . .	54.438
1917. . . . .	138.159
1918. . . . .	115.634
1919. . . . .	69.429
1920. . . . .	109.149
1921. . . . .	172.094
1922. . . . .	252.112

A influencia da guerra foi sensível. No periodo anterior á guerra, a nossa média de exportação anual não ía adiante de 20.000 toneladas.

Nos primeiros três anòs de luta, subiu a

cerca de 50.000 toneladas. De 1917 em diante, porém, tomou expansão maior, alcançando o máximo no triênio de 1920 a 1922. Neste último ano se registra, aliás, a maior exportação verificada no século atual. Se observarmos que o decréscimo de produção do açúcar de beterraba, na Europa, chegou ao ponto extremo em 1920, concluiremos que o desenvolvimento de nossa exportação acompanhou, de perto, o decréscimo da produção europeia.

Entre o volume de exportação e o preço, a correspondência foi também contínua. O valor da tonelada de açúcar, em moeda inglesa, o qual, desde 1910, vinha em média pouco acima de onze libras, não se alterou nos dois primeiros anos da luta, sendo, para 1914 e 1915, respectivamente, de 11,7 e 12,8. Mas a partir dessa data, sobe, vertiginosamente:

1916. . . . .	24,0
1917. . . . .	27,9
1918. . . . .	47,2
1919. . . . .	44,7
1920. . . . .	45,6

O valor máximo foi verificado em 1918, enquanto a exportação maior se fazia em 1922. As variações cambiais cooperavam, todavia, para essas divergências, pois que a maior cotação, em moeda brasileira, ocorria em 1920, com o preço de 970\$000 por tonelada.

A partir do ano de 1920, descem os preços quasi aos níveis anteriores à guerra, com uma pequena reação em 1923 e 1924. A queda do câmbio dissimulava, todavia, ou mascarava a queda do valor em moeda britânica.

Se a influência da guerra europeia não foi imediata quanto aos preços, o certo é que desde o primeiro momento surgiu, para a produção brasileira, uma oportunidade nova, que se foi ampliando com o tempo, à medida que se tornavam mais sensíveis os efeitos da desorganização das lavouras de beterraba.

### III

O que se passou no Brasil ocorreu também nos demais países produtores de açúcar, todos eles favorecidos pela guerra, apesar das medidas que os grandes compradores haviam tomado.

Sabia a Alemanha que a Inglaterra não possuía grandes estoques de açúcar, mercadoria que a Grã-Bretanha em grande parte recebia dos Imperios Centrais, na proporção de 39% em 1912 e 66% em 1913. No começo da luta, todo o açúcar existente na Inglaterra chegava apenas a 337.000 toneladas, para um

consumo anual de 1.385.000 toneladas. Afim de fazer face à situação, o governo inglês criou uma Comissão de Suprimento de Açúcar, centralizando todas as aquisições dessa mercadoria. Os seus grandes fornecedores, no período da luta, foram Cuba, Java, as Índias Inglesas do Ocidente e o Perú. Depois de 1919, ainda continuou a contribuição desses vendedores, incluindo-se também o Perú. Os Estados Unidos e o Canadá concorreram com parcelas consideráveis de açúcar cristal. No período de 1914/15 a 1921, as aquisições britânicas de açúcar se elevaram a um total de 9.029.344 toneladas, por conta própria, e a 1.077.840, por conta dos aliados. A guerra submarina dificultava o abastecimento, o que não impediu que a Inglaterra concluísse a guerra com um estoque de 238.332 toneladas, mais do que o seu estoque de 1917.

Cessada a guerra, as lavouras de beterraba ressurgiram. Mas o desenvolvimento da produção de cana de açúcar tivera tão grande expansão, que em 1923/24, o total da produção mundial de açúcar de todos os tipos já excedia de um milhão e meio de toneladas a produção de antes da guerra.

Já em 1923/24, a produção mundial ultrapassava o consumo universal. O gráfico, baseado nos algarismos de Gustav Mikusch, mostra que em 1923/24 se encontravam as duas linhas, a do consumo e a da produção. No ano imediato, havia um excesso de dois milhões de toneladas, continuando o consumo abaixo da produção. Em 1926/27, novamente se aproximavam as duas linhas, para de novo se separarem a partir dessa data. Em 1928/29, a diferença era de quasi dois milhões de toneladas. Em 1930/31 excedia a dois milhões de toneladas.

A partir de 1925, desaparecera a situação excepcional criada pela guerra, muito embora a grande crise do açúcar se viesse verificar, de acôrdo com o que se passava no universo, em 1930, como poderemos certificar pelos preços de 1921 a 1935, tomados em média, sobre a praça de Londres, em shillings e pence por hundredweight (cwt = 50 qg. 802):

1921. . . . .	18/3	½
1922. . . . .	15/3	
1923. . . . .	25/9	
1924. . . . .	21/9	
1925. . . . .	12/9	
1926. . . . .	12/3	
1927. . . . .	13/9	
1928. . . . .	11/7	½
1929. . . . .	9/0	½
1930. . . . .	6/7	

1931. . . . .	6/3	¾
1932. . . . .	5/9	½
1933. . . . .	5/3	
1934. . . . .	4/8	¾
1935. . . . .	4/7	¾

A primeira queda violenta ocorre de 1924 a 1925, passando os preços de 21-9 a 12/9. Estacionam nêsse nível, mais ou menos, até 1927. Em 1928 sofrem nova queda, que se repetiu em 1929. Em 1930 se acentua a baixa, que continúa até 1935. Essas oscilações estavam, aliás, em correspondência com o movimento de produção, refletindo a influência dos saldos existentes sobre o consumo mundial.

De todas essas considerações, em torno da conflagração mundial de 1914, e de sua influência no mercado açucareiro, poderemos concluir o seguinte:

I — A guerra abriu novas e maiores oportunidades à produção açucareira, embora nem sempre se pudesse observar essa influência, dada a demora do ciclo vegetativo da cana de açúcar e as incertezas das safras.

II — A situação que daí resultou garantiu um período de cerca de dez anos de prosperidade às lavouras canavieiras do universo.

#### IV

Não podíamos estudar a situação, sem a recordação de experiências recentes, como as que havíamos apurado na conflagração mundial de 1914. Entretanto, seria insensato confundir os acontecimentos e tirar as mesmas conclusões, quando ha uma série enorme de fatores, diversificando os dois sucessos. Procuremos apontar os aspectos mais significativos do problema:

I — Os estoques de açúcar são hoje maiores, pelas reservas acumuladas por conta dos próprios governos.

II — No começo da guerra de 1914, a Inglaterra recebia de suas colonias cerca de 4% do açúcar que importava, o que a tornava dependente do mercado mundial. Mesmo durante a guerra, não cresceu muito essa percentagem, adquirindo a Grã-Bretanha de aliados e neutros 85% do açúcar de que precisava. Em 1913, os Dominios produziam cerca de . . . . . 3.200.000 toneladas de açúcar; em 1937, a produção deles alcançava a 7.700.000 toneladas, o que fez passar a sua percentagem, na produção mundial, de 17% a 26%. Atualmente,

a parte de produção dos Dominios, nas importações britânicas, excede a 60%, o que torna mais precária a posição dos demais produtores.

III — Na guerra de 1914, houve muita usina destruída e campos de beterraba devastados pela própria luta. As depredações, na guerra atual, não chegaram ainda a ter importância. Foram poupados, pelo menos, os campos francêses, que na peleja anterior haviam sido ocupados pelos exercitos germanicos e devastados pela sucessão das tremendas batalhas a que serviram de teatro.

Entretanto, mesmo que sejam dados esses descontos, nem por isso a situação parece menos favorável a um surto de exportação, se não com a importância do outro, ao certo com uma procura maior do que a anterior à peleja. Basta a mobilização para determinar, quasi infalivelmente, uma queda de produção nos campos europeus. Devemos contar ainda com os efeitos da guerra submarina, que não poupará os navios pelo fato de fazerem o transporte de açúcar. Além de tudo isso, a execução do Acôrdo Internacional de Londres trouxe, para o terceiro ano quota, um excesso previsto de 350.000 toneladas, mas excesso que os técnicos acreditavam que se reduziria muito com as renuncias voluntárias, como o demonstrava, aliás, a posição dos preços internacionais, com a redução da diferença, ainda ha pouco em vigor, entre as vendas para entrega em prazo curto e a prazo longo.

Dir-se-á que ainda estamos vinculados ao Acôrdo Internacional de Londres. Esse Acôrdo, porém, previa, no art. 51, que "qualquer Governo contratante, caso se envolva em hostilidades, pode pedir a suspensão de suas obrigações em face do Acôrdo. Se o pedido fôr negado, tal Governo pode dar aviso de sua retirada do Acôrdo". A letra "e" do art. 36 não é menos explicita, dizendo: "No caso de qualquer Governo dar aviso de retirada do Acôrdo, em conformidade com as disposições deste artigo, qualquer dos outros governos contratantes terá o direito, nos três meses que se seguem, de dar tambem aviso de retirada."

Acresce que o Acôrdo, criando um Conselho Geral e uma Comissão Executiva, lhes deu por séde a cidade de Londres, o que por si só mostraria a necessidade de pelo menos suspender a vigência do Acôrdo, enquanto existir o estado de guerra. Em 1914, a Convenção de Bruxelas ficou tambem suspensa.

Sómente depois da conflagração se manifestaram as denúncias do tratado.

Não podemos, pois, nos considerar presos pelas obrigações do Acôrdo de Londres. E voltamos à situação já apontada: ha perspectivas de maior procura internacional de açúcar. Devemos abster-nos de maior interesse pela situação? Ou será antes o caso de estudar as possibilidades, para que o Brasil não fique à margem de uma exportação vantajosa? A inação acarretaria responsabilidades sérias para o Instituto do Açúcar e do Alcool, que passaria a ser o culpado pelo que houvessemos deixado de lucrar.

## V

A dificuldade, porém, está em avaliar exatamente a situação.

Tudo parece indicar que estamos diante de uma guerra demorada.

Mas poderia também suceder que ela se encerrasse dentro de pouco. Tudo depende da influência que venha a ter a intervenção soviética, ou da maneira como a interpretem a Inglaterra e a França. O ciclo vegetativo da cana de açúcar torna ainda mais precários os calculos e arriscadas as decisões.

Por outro lado, o Brasil possui hoje uma organização da indústria canavieira, organização que não existia em 1914 e cuja continuação pode ser considerada muito mais importante para o produtor do que a obtenção de lucros, ou de novos mercados, na equivalência dos que tivemos naquela quadra. O problema essencial, na hora presente, é menos o de conseguir mercados estrangeiros do que o de não comprometer a existência, ou o prestígio do Instituto. Todas as vantagens devem ser procuradas dentro da organização existente, ou por seu intermédio.

Não havendo organização, cada produtor planta por sua própria conta, correndo todos os riscos do aumento de lavouras. Depois do Instituto, porém, êsses riscos desapareceram. E' o Instituto encarregado de superintender a produção, garantindo preços. Dado um volume excepcional de safra, na ausência de consumo equivalente, poderia o próprio Instituto sossobrar, na impossibilidade de colocação dos excessos de produção. Além dêsse aspecto, devemos considerar a distribuição das quotas entre as unidades federativas e a conveniência de manter a situação presente. Uma produção livre, ou não controlada, poderia subverter ou alterar o estado atual das quotas, trazendo problemas de enorme gravidade para

o que pode ser denominado o aspecto federativo da política do açúcar.

Dai resulta a necessidade de se manter o controle da produção sob a autoridade do Instituto. Qualquer medida, para aproveitar a situação dos mercados externos, deve ser do Instituto e não da iniciativa dos produtores.

Resta vêr se as quotas atuais permitem atender a essas exigências, trazidas pela guerra.

Devemos argumentar com a limitação? Ou com o volume da produção efectiva?

E' claro que com a limitação, fundamento da politica do Instituto. Tomar por base a produção seria o mesmo que admitir, ou reconhecer a liberdade de produção, atitude perigosa para os destinos do Instituto.

A limitação atual atinge a 12.170.000 sacos de açúcar de usina. O consumo, depois de se manter na média mensal de 340.000 sacos, no triênio de 1935 a 1937, subiu, em 1938, a 915.000 sacos. No ano corrente, de janeiro a agosto, a média mensal é de 949.000 sacos. Tomando a média do consumo de 1938 e dos oito meses de 1939, teríamos cêrca de 930.000. A tendencia, porém, é para que a média do segundo semestre seja superior à do primeiro. A probabilidade é para que o consumo, na safra 1939/40, não seja muito inferior a..... 11.600.000 sacos.

Teríamos, assim, um saldo de 670.000 sacos, menos que a nossa quota internacional, quota que tudo indica venha a ser inferior à procura, ou à possibilidade de colocação da mercadoria brasileira. Abandonaremos a quota? E' claro que não. Se nos esforçamos para mantê-la, em periodos de preços baixos, não se explica que a desprezemos quando as cotações devem melhorar.

E' verdade que existe o extra-limite. Embora a limitação seja de 12.170.000 sacos, espera-se, para a safra atual, uma produção de 13.000.000 o que equivale a um acrescimo de 6,8% sôbre a limitação. Dir-se-á que o extra-limite é inevitavel, mas se o admitimos como normal e o incorporamos ao nosso regime de economia coordenada, estamos, praticamente, abrindo uma brecha na represa da limitação. Seria mais prudente, nêsse caso, fixar essa margem de tolerância, tomando por ponto de referência a produção nacional, e admitindo o rateio entre os Estados, quando não fosse alcançada em todos êles a margem estabelecida."

O assunto foi, em seguida, debatido pelos membros da Comissão Executiva presentes à

# DIVERSAS NOTAS

## BALANCETE DO I. A. A.

Na sessão efetuada a 5 de setembro ultimo pela C. E. do I. A. A., o presidente submeteu à consideração da Casa o balancete do Instituto, levantado em 31 de agosto passado.

Entre os elementos que constituem o documento exibido, destacam-se os referentes ao orçamento do exercício corrente e aos fundos disponíveis do Instituto, como parte integrante do seu patrimonio.

A posição atual do balancete demonstra uma economia real já de Rs. 625:169\$000, na verba de Pessoal e Rs. 95:731\$756, na verba Material, o que indica uma economia provavel, no exercício, de cerca de Rs. 1.000:000\$000.

Das cifras referentes ao patrimonio do Instituto, constata-se que é constituído o mesmo por quarenta e oito mil contos de réis em dinheiro, 18.000:000\$000 em empréstimos legais, 51.000:000\$000 em distilarias e refinarias e 2.000:000\$000 em estoques de açúcar e melação, perfazendo um total de Rs. .... 119:000:000\$000.

O balancete foi remetido ao Conselho Consultivo, para o devido exame e aprovação.

## MERCADO DA CAPITAL DA REPUBLICA

O presidente do I. A. A. dirigiu à Cia Usinas Nacionais, a 1º de setembro ultimo, uma carta solicitando-lhe definir as condições do preço de 47\$000 Fob Recife, proposto para o açúcar cristal destinado ao abastecimento das refinarias desta Capital.

Em resposta recebeu s. s. a seguinte carta:

---

sessão, tendo sido finalmente tomada a seguinte resolução:

“O Instituto do Açúcar e do Alcool estudará as consequências, condições e modalidades de uma nova quota, correspondente a 5% sobre a limitação geral do país, para atender a necessidades novas que resultem da situação de guerra. Essa quota se destina tão sómente à safra futura.”

\* \* \*

O sr. J. I. Monteiro de Barros, representante dos usineiros de São Paulo, fez então um apelo à Comissão para que, à vista da si-

“Snr. Presidente.

“Acusamos recebida a carta de v. excia. destacada de ontem. Quando em carta dirigida a v. excia. propuzemos pagar à razão de 47\$000 Fob — Recife todo o açúcar que fôr adquirido por esta Companhia para o suprimento de sua fabrica neste Distrito Federal, é claro que considerâmos esse preço comercial. Não pudesse a empresa que dirigimos arcar com as responsabilidades decorrentes dessa oferta, de certo não a teríamos feito. Seria uma leviandade imperdoavel de nossa parte não consultar antes se os novos preços constantes da oferta feita decorriam da “exata e rigorosa apreciação das condições comerciais e industriais existentes”. A nossa proposta baseou-se na experiencia colhida em sete meses de administração e consequentemente na média de lucro que esta Companhia pode e deve ter em condições normais de trabalho.

Póde, pois, v. excia. ficar tranquilo que se a nossa oferta beneficia a produção, oferecendo-lhe preço mais elevado, não prejudicará todavia as necessidades de conservação e melhoramento do patrimonio que administramos.

Com os nossos cumprimentos atenciosos.

Ass. Duarte Lima — Presidente da Cia. Usinas Nacionais”.

Essa ultima carta foi lida perante a C. E. do I. A. A., em sua sessão de 5 de setembro recém-findo, tendo os delegados se manifestado satisfeitos com a resposta da Cia. Usinas Nacionais e ratificado, em consequencia da

tução favoravel dos mercados externos, proceda o Instituto a um estudo minucioso e imediato, para determinar, desde logo, uma formula a adotar para a liberação dos extralimite da safra corrente.

No Estado de São Paulo a safra já ultrapassou a primeira metade, e necessitam os produtores tomar uma orientação sobre os excessos de sua produção, afim de que, desde já, nesse sentido, encaminhem devidamente o curso da mesma.

O presidente declarou que o pedido do sr. J. I. Monteiro de Barros será tomado na devida consideração, oportunamente.

carta citada, a autorização para o preço de 47\$000 Fob, Recife ou Alagôas, para a rama destinada ao abastecimento do mercado da Capital Federal.

### QUOTAS DE EQUILIBRIO DA SAFRA 1938/39

Na sessão efetuada a 19 do mês passado pela Comissão Executiva do I. A. A., foi lida a seguinte exposição da Gerencia do Instituto:

#### “Reajustamento de quotas de equilibrio da safra 1938/1939

	Sacos
Produção do Brasil em 1938/39..	12.702.710

Quota de equilibrio:

	Sacos
Pernambuco. . . . .	726.558
Alagôas. . . . .	210.000
Rio de Janeiro. . . . .	271.570
	1.208.123

Sobre a produção do país, a quota fornecida pelos Estados mencionados representa uma percentagem de 9,5%.

Considerando, naquela proporção, a quota de equilibrio dos mesmos Estados, teriamos:

Pernambuco. . . 9,5%		
sobre. . . . .	4.974.561 =	472.583
Alagôas. . . . . 9,5%		
sobre. . . . .	1.588.786 =	150.934
Rio de Janeiro.. 9,5%		
sobre. . . . .	2.023.707 =	192.252
	8.587.054	815.769

Para o reajustamento, teriamos:

Parte reajustavel:

Pernambuco:		Sacos
Quota efetuada. . . . .	726.558	
Quota devida. . . . .	472.583	253.975

Alagôas:		Sacos
Quota efetuada. . . . .	210.000	
Quota devida. . . . .	150.934	59.066

Rio de Janeiro:

		Sacos
Quota efetuada. . . . .	271.570	
Quota devida. . . . .	192.252	79.318
		392.359

Sobre-taxas de liberação, pagas:

Pernambuco. . . 489.316 a 2\$000	978:632\$000
Alagôas. . . . . 231.681 a 2\$000	463:362\$000
Rio de Janeiro. 25.269 a 4\$000	101:076\$000
	1.543:070\$000

Est. do Rio — Sobre-taxa de 6\$000, de reajustamento de quotas de equilibrio. . . . .	110:164\$000
---	--------------

Rs. 1.653:234\$000

Por conta já foram efetuados os seguintes reajustamentos:

Pernambuco. . . . .	198:643\$500
Alagôas. . . . .	92:108\$500
Rio de Janeiro. . . . .	52:547\$000

Rs. 343:299\$000

Recebido — total. . . . .	1.653:234\$000
Pago. . . . .	343:299\$000

Saldo... . . . . Rs 1.309:935\$000

Computando em 3\$000, por sacco, o imposto de exportação, teriamos a restituir:

A Pernambuco 253.965 scs. a 3\$	761:925\$000
A Alagôas..... 59.066 scs. a 3\$	177:198\$000
A Rio de Jan... 79.318 scs. a 3\$	237:954\$000

392.359 scs. Rs. 1.177:077:\$000

Ass. **Julio Reis** — Gerente”

Ante os fundamentos da exposição, o sr. Barbosa Lima Sobrinho lembrou o aproveitamento das importancias a restituir, e que perfazem o total de 1.177:077\$000, em obras de utilidade publica, ligadas a interesses da industria açucareira nos três Estados em causa, isto é, Pernambuco, Alagôas e Rio de Janeiro. Poderiam as mesmas ser applicadas em melhoramentos de estradas de rodagem que servissem ao transito publico e ao das distilarias do Instituto no Cabo e em Campos e ao transito geral em Alagôas.

A uma consulta do sr. Monteiro de Barros, esclareceu o presidente que não se trata absolutamente de devolução de qualquer parcela a usineiros dos três Estados referidos, mas de reparação aos cofres dos Estados, por impostos de exportação que deixaram de arrecadar sobre quotas de açúcar retirados do consumo interno, por conta de contribuições que caberiam a outros Estados, para o equilíbrio entre a produção e o consumo nacionais.

Os delegados de Alagôas e do Estado do Rio sugeriram que aquelas importancias fossem empregadas em melhorias e ampliações dos hospitais existentes em Maceió e Campos. Finalmente, a Comissão resolveu, por unanimidade, facultar a aplicação pelo I. A. A. das importancias de 761:925\$000, 177:198\$000 e 237:954\$000, respectivamente, em Pernambuco, Alagôas e Rio de Janeiro, reservando-se o estudo do plano ou proposta para o destino correspondente.

### ESTADO DO RIO

No interesse comum do Instituto do Açúcar e do Alcool e dos produtores fluminenses, propôz a Gerencia do I. A. A. uma formula de reajustamento da quota de equilíbrio do Estado do Rio de Janeiro, proporcionando aos produtores a redução da quota de açúcar de merara de 6 para 4%, suprimindo a diferença com a entrega de melaços, em volume correspondente.

Por sacco de açúcar reduzido da quota, receberia o Instituto um volume de 125 quilos de melaços, a que equivaleria, em ambos os casos, uma mesma produção de 30 litros de alcool.

A quota de equilíbrio do Estado do Rio seria, assim, constituída por 80.000 sacos de açúcar de merara e 5.000 toneladas de melaços, mantido o preço de 36\$000 para o açúcar e estabelecido o de Rs. 200\$000 por tonelada de melaços normais, posta na Distilaria.

Ao Instituto, a par de uma economia de Rs. 200:000\$000, proporcionaria a operação os elementos necessários à maior facilidade e eficiencia na dissolução do açúcar em alcool, pela sua mistura em maior proporção com os melaços.

Aos produtores proporcionar-se-ia uma operação rendosa, com a venda de melaços a Rs. 200\$000 a tonelada, ao mesmo tempo que se lhes facultaria uma produção de 40.000 sacos de açúcar cristal, a mais, para o seu mercado livre.

Submetida a proposta à consideração da Comissão Executiva, na sessão de 5 do mês

passado, o sr. Tarcisio d'Almeida Miranda, representante dos usineiros fluminenses, declarou que interessará a proposta, contanto que o preço dos melaços seja fixado em 280\$000 a tonelada, compatível com os preços atuais do alcool potavel produzido nas usinas do Estado do Rio.

S. s. apresentou a alternativa da opção dos usineiros, de entrega da quota integral em açúcar, ou parte em açúcar e parte em melaços, nas condições da proposta em debate.

Os delegados presentes, inicialmente, se manifestaram contrários ao preço de 280\$000, bem como à opção proposta pelo sr. Tarcisio de Miranda.

A proposta só poderia ser objeto de consideração da Casa, nas condições indicadas na sugestão da Gerencia do Instituto, devendo, em qualquer hipotese, presidir à sua resolução o exame e verificação das vantagens técnicas que possam advir para o Instituto, da aquisição dos melaços, nas condições ali indicadas, sem maior transtorno ao plano de defesa da safra, já instituido.

O sr. Tarcisio de Almeida Miranda insistiu no ponto de vista que externou, afirmando que, fóra dele, a proposta se afasta dos interesses dos produtores fluminenses.

Com a palavra, o sr. Alde Sampaio declarou que, uma vez que a proposta em debate estava merecendo impugnação pelo proprio representante do Estado do Rio, se sentia à vontade para afirmar que julgava inconveniente qualquer alteração no plano de defesa da safra 1939/1940, em qualquer dos Estados que para o mesmo vão contribuir.

O presidente observou que a aceitação da proposta em debate, embora fosse de interesse para o Instituto, sem prejuizo para os produtores, proporcionaria alterações ao plano de defesa, promovendo, talvez, reivindicações equivalentes por parte de outros Estados, e cujos efeitos, em geral, prejudiciais à execução dos principios de autoridade do Instituto, que têm sido sempre o segredo do exito de suas resoluções.

O sr. Alde Sampaio lembrou ainda que o Instituto, para garantir a eficiencia industrial da distilaria, por meio da compra de melaços em proporção necessária à mistura ao açúcar, para facilidade de sua fermentação, deverá adquirir esse produto aos preços do mercado, de acôrdo com a cotação do alcool potavel, isto é, segundo a proposta do sr. Tarcisio de Miranda, a Rs. 280\$000 a tonelada.

O sr. Alberto de Andrade Queiroz ressaltou que as distilarias do Instituto são instaladas para atender à utilização dos excessos de

materia prima, quando oferecidos pelos produtores, adquirindo-os a preços que, sem causar prejuízo, não poderão constituir, entretanto, vantagens especiais para os produtores.

No caso em debate se apresentava circunstancia contrária à prevista na lei, relativamente à finalidade das destilarias do Instituto.

Os produtores fluminenses não dispõem de excessos de materia prima, para cuja utilização seja necessária a intervenção da destilaria do Instituto; indica-o claramente a condição de preços que impõem os produtores, para a materia prima, através das propostas de seu representante junto à Comissão Executiva.

Nessas condições, a destilaria não necessitará funcionar, aguardando que situações menos favoráveis que possam surgir para os produtores fluminenses, demandem a sua interferencia, para atenuar a crise surgida.

Assim, constatado que não deverá ser dispensada a contribuição do Estado do Rio ao plano de defesa da safra, opinava pela manutenção da quota de equilíbrio integral, instituída no proprio plano para os produtores fluminenses.

Debatido suficientemente o assunto, submeteu-o o sr. Barbosa Lima Sobrinho ao voto da Casa. Contra o voto do sr. Tarcisio d'Almeida Miranda, que mantém as alternativas de sua proposta, resolveu a Comissão Executiva "não aprovar a proposta de alteração da quota de equilíbrio do Estado do Rio de Janeiro, para manter a quota de equilíbrio integral de 120.000 sacos de açúcar demerara, de acôrdo com o estipulado no plano de defesa da safra 1939/1940, tomando o Instituto as medidas necessárias para a imediata regularização das entregas da mencionada quota à Destilaria do Instituto, em Martins Lage".

## EXPORTAÇÃO DE AÇÚCAR

Com a aproximação da safra dos Estados do Norte do Brasil, e dada a natural procura de açúcar nos mercados externos, por motivo da guerra européa, avolumam-se as ofertas de toda a parte, para compra de açúcar brasileiro.

Entre as propostas recebidas, destaca-se uma de Montevideo, por intermedio do embaixador Batista Luzardo, para a compra de 10 mil toneladas de açúcar, efetuando-se, desde já, um embarque de 2.400 toneladas, para atender à urgente necessidade do mercado uruguaio.

No telegrama em causa, pede ainda aquele diplomata brasileiro cotações para resolver ofertas que lhe são encaminhadas por outros pretendentes.

A segunda oferta foi apresentada por Marcelino Martins & Cia., firma exportadora de café, desta praça, para a compra de 200 000 sacas, a embarcar de setembro a dezembro deste ano. O pagamento será efetuado, pelo preço que fôr estipulado, em mil réis, contra entrega de documentos relativos à mercadoria, posta a bordo dos navios determinados pelo comprador, nos portos designados pelo Instituto.

Uma terceira proposta foi ainda feita ao Instituto, por intermédio do sr. Arnaldo Pereira de Oliveira, para uma venda de dez mil toneladas de açúcar branco moído frio, para embarque de setembro a novembro.

Recebeu ainda o Instituto uma oferta de negocio, diréta de Helsingfors, na Finlândia.

Nenhuma das ofertas mencionadas estipula qualquer base de preço, estabelecendo apenas as condições de embarque e garantias de pagamento. Esta circunstancia mostra seguramente a desorientação dos mercados externos do açúcar, indicando as evidentes perspectivas de altas imediatas em todos os mercados mundiais.

O presidente do I. A. A., ante a indeterminação de estimativas reais da safra brasileira até o momento, e por não existir tambem em nossos mercados qualquer estoque disponível para a exportação para o estrangeiro, a todos os pretendentes tem informado que sómente a partir de novembro próximo poderá indicar as possibilidades e condições da realização de qualquer negocio de açúcar para o exterior.

## ABASTECIMENTO DE SÃO PAULO

Na 42ª sessão da Comissão Executiva do Instituto do Açúcar e do Alcool, o sr. Barbosa Lima Sobrinho leu o seguinte telegrama que lhe foi dirigido pela Delegacia Regional do I. A. A., em São Paulo, a 31 de agosto ultimo:

"Em consequencia da mediação do Instituto — remessa de açúcar das Usinas Paulistas para a Capital — ficou quebrada a firmeza do mercado cristal, hoje frouxo, tendo sido feitos diversos negócios na base correspondente ao preço estabelecido pelo I. A. A. — 61\$800. Em virtude de compras feitas pelos refinadores é possível que não se verifique necessidade de encaminhamento de quantida-

de superior a 15.000 sacos para esta Capital o que será apurado a primeiro de setembro, estando, portanto, assegurada a regularidade do abastecimento para o consumo da capital”.

Os delegados presentes se congratularam com o presidente pelo pronto e eficaz resultado das providencias tomadas em São Paulo, para normalização do mercado de açúcar de consumo da capital paulista.

— Em telegrama posteriormente dirigido à administração do I. A. A., a Delegacia Regional, em São Paulo, prestou informações sobre a situação de crise de abastecimento de açúcar que voltou a afligir as refinarias da capital paulista.

Sobre o assunto, a Gerencia do Instituto emitiu o parecer abaixo que foi lido na sessão efetuada pela Comissão Executiva, a 5 de setembro ultimo:

“Refinarias de São Paulo — Em 13-9-39.

Dos 40.000 sacos de açúcar destinados ao abastecimento da capital do Estado de São Paulo, já entregaram os usineiros paulistas 30.000 sacos, e estão sendo tomadas as providencias para os embarques dos restantes 10 mil sacos.

Esses 40.000 sacos haviam sido calculados para sustentar o mercado, até a chegada dos primeiros lotes de uma compra efetuada pelos refinadores paulistas aos produtores de Pernambuco, para embarque até 9 do corrente. Também falharam, para São Paulo, os embarques esperados da Baía.

Estes fatos, aliados à maior procura de açúcar, estão determinando a probabilidade de elevação de preços de refinados até 80\$000, por 60 quilos, para atender a necessidade de aquisição do cristal nas usinas do Estado, a 65\$000, independente de fretes e outras despesas.

Está sendo afirmado pela Delegacia Regional que o saldo de produção das Usinas que não atingirão às respectivas quotas, subirá a 140.000 sacos e dentro desta cifra poderia ser estabelecida uma nova quota de cristal para as refinarias paulistas, nas condições de garantia e preços, estabelecidas na operação anterior.

A nova quota não superaria a 40.000 sacos, necessários à manutenção do mercado até o fim do mês, quando deverá começar a entrar açúcar dos Estados do Norte, por conta das compras ali já realizadas.

Será atingido, assim, o total de 80.000 sacos de açúcar para abastecimento da capital paulista, correspondente a uma liberação de 4% sobre o limite do Estado, por conta de saldos de produção de cerca de 7% do mesmo limite.

Trata-se, pois, de uma liberação antecipada para as Usinas que contribuíram para o abastecimento da cidade de São Paulo, sem outras vantagens de qualquer natureza.

Ass. **Julio Reis** — Gerente”.

A Comissão Executiva, por unanimidade, aprovou o parecer da Gerencia, autorizando, pois, a realização de um novo lote de 40.000 sacos de açúcar cristal, para abastecimento às refinarias da Capital do Estado de São Paulo, mantidas às usinas fornecedoras as mesmas garantias de antecipação de liberação de excesso, que no caso anterior, e mantido o preço de Rs. 61\$000, por sacco de 60 quilos, Cif São Paulo.

## COTAÇÕES NO EXTERIOR

A Gerencia do I. A. A. organizou o quadro abaixo, relativo aos preços do açúcar no mercado de Nova York, bem como aos da sua correspondencia em nossa moeda, no caso de embarque para portos europeus:

### EXPORTAÇÃO

#### Cotação Nova York

Cif — por libra — 0,458 quilos — 2,17 cents.  
Taxa dolar — média de compra pelos Bancos  
— 18\$831.

Libra de açúcar. . . . = \$409  
um quilo. . . . . = \$893  
um sacco. . . . . = 553\$600 — Cif Europa

Frete — tonelada. . . . . 30 sh. = 122\$400  
Frete por sacco. . . . . 7\$200  
Seguro 8% ad valorem. . . 4\$000 11\$200

Preço Cif. . . . . = 53\$600  
Preço Fob. . . . . = 42\$400

#### Despesas a cargo do embarcador:

Imposto e despesas de embarque — 4\$000.  
Liquido em terra — 38\$400 — demerara.  
(Cristal — negocios normais Fob 52\$000 — despesas embarque 4\$000 — terra 48\$000).  
(Demerara — idem 48\$000 — 12%; 48\$000 — 5\$800 = 42\$200).

# BALANÇA AUTOMÁTICA "TOLEDO"

ESPECIALMENTE CONSTRUÍDA PARA PESAR AÇÚCAR E CEREAIS

MODELO 31-1891

CAPACIDADE: 100 kg. — SENSIBILIDADE = 15 grs.



O modelo em apreça, cuja foto-gravura reproduzimos á margem, é usado com resultados altamente satisfatórios em importantes usinas e engenhas de açúcar, tanto no Brasil, como em todas os países da munda.

A rapidês, exatidão e durabilidade, sab as mais severas condições de trabalho, fazem das balanças "Toledo" um instrumento ideal para a controle da produção, proporcionam, em média, uma economia de 150/200 Réis par saca. Paga-se por si mesma em três meses de trabalho.

É dez vezes mais rápida que as balanças comumente usadas em engenhas de açúcar e usinas.

É a única balança que indica automaticamente a quantidade de açúcar ou cereal que falta ou sobra.

## TOLEDO SCALE COMPANY, TOLEDO-OHIO

Representantes para todo a Brasil:

AV. RIO BRANCO, 66/74  
Teleph. 43-4820 - Ramal 11

### HERM. STOLTZ & Co.

End. Telegr. "HERMSTOLTZ"  
CAIXA POSTAL 200

Seção Técnica

RIO DE JANEIRO

SÃO PAULO  
Caixa Postal 461

RECIFE  
Caixa Postal 168

# RELATORIO QUE DOCUMENTA UM TEMPERAMENTO E UMA CULTURA

Agamenon Magalhães.

O relatório de Barbosa Lima Sobrinho, apresentado à Comissão Executiva do Instituto do Açúcar e do Alcool, é documento que se lê com interesse e emoção intelectual. O homem de letras, quando escreve, mesmo relatório, movimentando os assuntos, deixando nos conceitos e no estilo as faíscas do espírito.

O que ha, entretanto, no relatório de Barbosa Lima Sobrinho, não é um liberal. É um homem de sistema. O pensador, que procura na cultura, a estática das grandes linhas. O intelectual que procura encontrar a harmonia das atitudes e do pensamento no equilíbrio das idéias. Diria melhor na equidistância, que leva ao ecletismo e nunca aos extremos.

É seu relatório é uma tese, cheia de observações lucidas, sobre a intervenção do Estado no domínio econômico. O homem de cultura, diante da responsabilidade de uma administração e diante de fatos econômicos, transige com os sistemas. Cede. Mas as transigências ou concessões, que faz, são para voltar às suas idéias centrais. Leia-se esse trecho: "O maior perigo, aliás, da intervenção na economia, é que nos leva a um plano inclinado, onde se torna difícil estacar. Não que aumente o desejo de ação da instituição interveniente, mas porque as consequências das intervenções anteriores trazem necessidades novas de ação do poder coordenador. Cumpre, entretanto, no instante mesmo em que reconhecemos essa contingência, proclamar a moderação do Instituto, ou o seu desejo de permitir, quanto possível, a ação livre das forças econômicas, convencido, como está, e sempre esteve, que assim foge à influência perigosa dos elementos artificiais, que constituem o clima inevitável da intervenção. Não quero, com essas palavras, estabelecer restrições à fórmula de intervenção, adotada na política açucareira, pois que maior mal teria sido, no caso, a continuação do regime de livre produção e de livre comércio, através do qual a indústria açucareira havia chegado, no Brasil, a uma fase de profunda depressão e de

falência fatal. A política do sr. Getúlio Vargas, executada pelos srs. Leonardo Truda e Andrade Queiroz, constituiu mais do que uma conveniência, a própria salvação da economia açucareira. O que desejo, todavia, frisar, com aqueles reparos, é que o Instituto tem tido a inteligência de permitir, dentro de um regime de intervenção, a influência corretiva das forças econômicas, orientando sem oprimir, coordenando sem violências e sem vexames".

É o liberal que transige. Transige para não ir até os extremos da intervenção. Na máquina que mais lhe seduz são os freios. Nessa atitude, o temperamento de Barbosa Lima Sobrinho define-se. Define-se pelo pendor das medidas exatas. Pelo censo do que é demais e pode ser evitado. Prefere refletir e fazer que os outros reflitam a avançar contundindo.

## COMO EVITAR AS EXPLOSÕES DEVIDAS A'S POEIRAS DE AÇUCAR

(F. Tödt — "Zeitschrift d. Wirtschaftsgruppe Zuckerindustrie", abril 1936)

O autor realiza, de início, uma espécie de "compte-rendu" das medidas postas em prática até o presente para evitar as explosões motivadas pelas poeiras de açúcar (tomada com terra de certas peças metálicas, ionização do ar, aumento do teor em humidade da atmosfera, preparação de um pó cujas partículas tenham todas a mesma dimensão afim de suprimir novas peneiradas, redução do teor em oxigênio ou adição de gases inertes, como o gás carbonico, etc., etc.). Tais processos, como o têm demonstrado investigações recentes e em particular as realizadas por Burkhardt, são as mais das vezes totalmente ineficazes, quando não perigosos, como por exemplo a humificação da atmosfera, sabido atualmente que o açúcar humido explode muito mais depressa e mais facilmente que o seco.

O estudo das causas de eletrização do açúcar mostra que a melhor proteção contra as explosões propiciadas pelas poeiras reside, dum lado, na instalação de redes ou grelhas metálicas permitindo cindir em diversas partes o espaço total reservado às poeiras e, doutro lado, no emprego dum excesso de ar tão fraco quanto possível, no momento em que se movimentam ou páram os moínhos.

# RESOLUÇÕES DA COMISSÃO EXECUTIVA DO I. A. A.

**RESOLUÇÃO N° 10/39 — De 22 de agosto de 1939**

**Dispõe sobre a organização de um arquivo de legislação**

A Comissão Executiva do Instituto do Açúcar e do Alcool, usando das atribuições que lhe são conferidas por lei, resolve:

Art. 1° — A Secção Juridica manterá um arquivo no qual será classificada e fichada toda a legislação federal, estadual relativa à materia orçamentária, fiscal, processual e de organização administrativa, especialmente a organização judiciária, e a legislação municipal referente à materia orçamentária e fiscal.

Art. 2° — A Secção Juridica organizará um cadastro da tributação federal, estadual e municipal sobre as usinas, engenhos, bangüês e meio aparelhos e sobre a cana de açúcar e seus derivados.

Art. 3° — Sempre que a Secção Juridica verificar a ilegalidade ou inconstitucionalidade de algum imposto ou taxa incidente sobre os estabelecimentos ou mercadorias referidas no art. 2°, comunicará o fato ao Presidente do Instituto, mediante relatório circunstanciado, no qual indicará as razões em que se funda.

§ unico — O Presidente do Instituto poderá submeter o relatório acima referido à apreciação da Comissão Executiva, para os fins previstos na letra "o" do Art. 4° do Decreto n° 22.981.

Art. 4° — Afim de dar cumprimento ao disposto nos Arts. 1° e 2° fica a Secção Juridica autorizada a elaborar a correspondencia que se tornar necessária.

§ 1° — Essa correspondencia será subscrita pelo Presidente do Instituto e remetida por intermédio da Secção de Arquivo. O Presidente poderá autorizar o Chefe da Secção Juridica a subscrever parte ou a totalidade dessa correspondencia.

§ 2° — A Secção Juridica arquivará cópia da correspondencia relativa a esse serviço.

Art. 5° — Será fornecido à Secção Juridica todo o material que fôr necessário à perfeita organização deste serviço.

Rio de Janeiro, 5 de Setembro de 1939.  
Barbosa Lima Sobrinho — Presidente.

---

## NOVOS USOS PARA O FERMENTO

Das 305.000 toneladas de fermento produzidas anualmente no Reino Unido, cerca de 175.000 são estragadas. Agora, quantidade tão apreciavel irá ser utilizada, como, de resto, já se faz no continente europeu, na produção do chamado extrato de fermento, que apresenta a caracteristica de em nada poder ser distinguido — gôsto, cheiro e apparencia — do extrato de carne. Sua composição tambem é bem semelhante á dêste ultimo, se bem que não identica, a unica diferença residindo no fato de encerrar o produto animal maior riqueza proteínica. Entretanto, seu teor em vitaminas é bem alto, constituindo, assim, um alimento de grande valia e daí não ser coisa das mais problematicas a criação de um mercado promissor para a sua exploração industrial em larga escala.

RECIFE • SERRA GRANDE  
ALAGOAS • MACEIÓ

**USINA SERRA GRANDE S/A**

**ASSUCAR**

TODOS OS TIPOS

**"U S G A"**

O COMBUSTIVEL NACIONAL

# DECISÕES DO PRESIDENTE DO I. A. A.

O sr. Barbosa Lima Sobrinho, presidente do Instituto do Açúcar e do Alcool, despachou os seguintes processos: 1.077/39 — Josué Lins de Andrade — Gravata — PE — Transferência de fábrica de aguardente — Foi deferido — 7-8-39.

1.148/39 — José Severino Alves — Imaruá — SC — Cancelamento de inscrição — Foi deferido — 7-8-39.

5.414/35 — José Gallo — Itaperuna — ER — Inscrição de engenho rapadureiro — Foi deferido — 7-8-39.

3.388/39 — José Joaquim Azevedo — Macaúbas — BA — Inscrição de fábrica de aguardente — Foi deferido — 7-8-39.

1.075/39 — José Barbosa do Amaral — Valença — ER — Montagem de engenho — Foi indeferido — 7-8-39.

2.999/38 — Manoel Messias de Oliveira — Pósse — GO — Cancelamento de inscrição — Foi deferido — 7-8-39.

3.372/38 — Miguel Antonio de Souza — Macaúbas — BA — Inscrição de fábrica de aguardente — Foi deferido — 7-8-39.

2.816/38 — Maria Afra da Conceição — Afonso Claudio — ES — Cancelamento de inscrição — Foi deferido — 7-8-39.

1.444/38 — Miletto de Cerqueira Pinto — Itaperuna — ER — Inscrição de engenho rapadureiro. — Foi deferido — 7-8-39.

1.439/38 — Manoel Antonio Donato — Itaperuna — ER — Inscrição de engenho rapadureiro — Foi deferido — 7-8-39.

3.384/38 — Heitor Ramos Neto — Macaúbas — BA — Inscrição de fábrica de aguardente — Foi deferido — 10-8-39.

90/38 — Gabriel Elias Pereira — S. Miguel da Anta — MG — Transferência de inscrição — Foi arquivado por faltar ao requerente a qualidade de procurador devidamente autenticada — 11-8-39.

411/38 — Orosimbo Valentim Barbosa — Itaperuna — ER — Alteração de inscrição — Foi indeferido — 11-8-39.

3.036/38 — Alvaro Alves Vilas Bôas — Guarará — MG — Transferência de inscrição — Foi deferido — 12-8-39.

1.335/39 — Alecbiades Marques Rodrigues — Delfinópolis — MG — Inscrição de engenho — Foi indeferido — 12-8-39.

1.231/39 — Almiro Candido da Silva — Guarará — MG — Transferência de inscrição — Foi deferido — 12-8-39.

3.289/38 — Antonio Benjamin da Costa — Alto Rio Doce — MG — Inscrição de engenho — Foi indeferido — 12-8-39.

3.288/38 — Antonio Dias Moreira — Alto Rio Doce — MG — Inscrição de engenho — Foi indeferido — 12-8-39.

435/39 — Antonio Lucio de Oliveira — Virginópolis — MG — Inscrição de engenho — Foi indeferido — 12-8-39.

984/39 — Antonio Francisco Gomes — Carmo do Paranaiha — MG — Inscrição de engenho rapadureiro — Foi deferido — 12-8-39.

71/39 — Antonio Maciel — Virginópolis — MG — Inscrição de engenho — Foi indeferido — 12-8-39.

835/39 — Antonio Nepomuceno Teixeira — Alto Rio Doce — MG — Inscrição de engenho — Foi indeferido — 12-8-39.

834/39 — Antonio Pereira de Paiva — Alto Rio Doce — MG — Inscrição de engenho — Foi indeferido — 12-8-39.

962/39 — Benevenuto Candido Ferreira — Delfinópolis — MG — Inscrição de engenho — Foi indeferido — 12-8-39.

857/39 — Antonio Domingues da Silva — Carmo do Paranaiha — MG — Inscrição de engenho rapadureiro — Foi deferido — 12-8-39.

1.059/39 — Francisco Joaquim Pinto Filho — Delfinópolis — MG — Inscrição de engenho — Foi indeferido — 12-8-39.

1.295/38 — Laurindo José da Silva — Paramirim — BA — Inscrição de engenho — Foi deferido — 12-8-39.

1.055/39 — João Euzehio Gomes — Delfinópolis — MG — Inscrição de engenho — Foi indeferido — 14-8-39.

957/39 — João Francisco Costa — Delfinópolis — MG — Inscrição de engenho — Foi indeferido — 14-8-39.

1.859/38 — João Tosta — São José dos Campos — SP — Transferência de inscrição — Foi deferido — 14-8-39.

831/39 — Francisco Rodrigues de Paula — Alto Rio Doce — MG — Inscrição de engenho — Foi indeferido — 14-8-39.

960/39 — Manoel Gomes dos Reis — Delfinópolis — MG — Inscrição de engenho rapadureiro — Foi indeferido — 14-8-39.

1.065/39 — Maria Filisbina de Jesus — Delfinópolis — MG — Inscrição de engenho — Foi indeferido — 14-8-39.

1.136/39 — Lindolfo Alves da Silva — Guanhões — MG — Inscrição de engenho rapadureiro — Foi deferido — 14-8-39.

954/39 — José Alves Pereira — Delfinópolis — MG — Inscrição de engenho — Foi indeferido — 14-8-39.

1.376/39 — José Amancio de Faria — Delfinópolis — MG — Inscrição de engenho — Foi indeferido — 14-8-39.

1.243/39 — José Ferreira de Oliveira — Delfinópolis — MG — Inscrição de engenho — Foi indeferido — 14-8-39.

1.063/39 — José Marques da Costa — Delfinópolis — MG — Inscrição de engenho — Foi indeferido — 14-8-39.

849/39 — José Pedro Pereira — Alto Rio Doce — MG — Inscrição de engenho — Foi arquivado por já se achar inscrito — 14-8-39.

1.133/39 — José de Sá Barreto Sampaio — Barbalha — CE — Transferência de inscrição — Foi deferido — 17-8-39.

899/39 — Germano José do Prado — Boa Esperança — MG — Inscrição de engenho rapadureiro — Foi deferido — 19-8-39.

2.765/36 — Joaquim Basilio de Godoy — Lindoya — SP — Transferência de inscrição — Foi deferido — 19-8-39.

841/39 — Joaquim Gonçalves Viana — Alto Rio Doce — MG — Inscrição de engenho — Foi indeferido — 19-8-39.

326/39 — José Claro Coelho — Virginópolis — MG — Inscrição de engenho — Foi indeferido — 19-8-39.

567/39 — José Jardiano de Araujo — Virginópolis — MG — Inscrição de engenho — Foi indeferido — 19-8-39.

999/39 — José da Silva Araujo Primo — Viçosa — MG — Inscrição de engenho — Foi indeferido porque o engenho em causa se encontra completamente paralizado — 19-8-39.

1.054/39 — José Pinto da Costa — Delfinópolis — MG — Inscrição de engenho — Foi indeferido — 19-8-39.

983/39 — José Pedro da Silva — Carmo do Paranaiha — MG — Inscrição de engenho rapadureiro — Foi deferido — 19-8-39.

2.909/38 — José Matoso da Costa — Curvelo — MG — Cancelamento de inscrição — Foi deferido — 19-8-39.

- 729/39 — João da Cruz Reis — São Manoel — MG — Inscrição de engenho — Foi indeferido — 19-8-39.
- 926/39 — Manoel Moreira da Silva — Carmo do Paruaíba — MG — Inscrição de engenho rapadureiro — Foi deferido — 19-8-39.
- 5.052/35 — Antenor Thomé da Costa — Itaperuna — RJ. Inscrição de engenho — Foi deferido — 5-8-39.
- 1.049/39 — Braz Bento Barroso — Teófilo Otoni — MG — Cancelamento de inscrição — Foi deferido — 17-8-39.
- 741/39 — Matilde Maria de Almeida — Cassia — MG — Cancelamento de inscrição — Foi deferido — 19-8-39.
- 2.926/38 — Antonio Silva Gusmão — Arassuaí — MG — Cancelamento de inscrição — Foi deferido — 19-8-39.
- 1.616/38 — Antonio Manoel de Oliveira — Dóres da Boa Esperança — MG — Inscrição de engenho — Foi indeferido — 19-8-39.
- 978/38 — Antonio Firmino Ferreira — Pedra Branca — MG — Cancelamento de inscrição — Foi deferido — 19-8-39.
- 2.884/38 — José Gabriel Ribeiro — Monte Carmelo — MG — Cancelamento de inscrição — Foi deferido — 19-8-39.
- 836/39 — Benedito Soares Ferreira — Minas Novas — MG — Cancelamento de inscrição — Foi deferido — 17-8-39.
- 1.465/38 — Antonio Rodrigues dos Reis — Rio Casca — MG — Alteração de inscrição — Foi arquivado por nada haver o que deferir — 19-8-39.
- 1.760/39 — Arsenio Armenio da Silveira — Joazeiro — CE — Inscrição de engenho — Foi deferido — 19-8-39.
- 2.925-38 — Camillo Araujo Pechin — Arassuaí — MG — Cancelamento de inscrição — Foi deferido — 21-8-39.
- 177/39 — Gabriel Machado Pinheiro — Minas Novas — MG — Cancelamento de inscrição — Foi deferido — 21-8-39.
- 2.921/38 — José Alexandrino Borges — Frutal — MG — Cancelamento de inscrição — Foi deferido — 21-8-39.
- 573/37 — Sociedade Produtos Agrícolas do Estado de São Paulo — São Paulo — SP — Inscrição de fábrica de alcool de cereais — Foi arquivado — 22-8-39.
- 773/36 — Jonas Veiga — Nepomuceno — MG — Inscrição de engenho — Foi mandado inscrever como produtor de aguardente — 22-8-39.
- 109/37 — Anami Kitaro — Juquery — SP — Inscrição de fabrica de aguardente — Foi arquivado por já se achar inscrita — 23-8-39.
- 554/37 — André José Filho — Presidente Wenceslau — SP — Inscrição de fábrica de aguardente — Foi arquivado por já se achar inscrita — 23-8-39.
- 110/37 — Antonio Bueno de Moraes — Juquerí — SP — Inscrição de fabrica de aguardente — Foi arquivado por já se achar inscrita — 23-8-39.
- 142/37 — Antonio Martins — Mogi das Cruzes — SP — Inscrição de fábrica de aguardente — Foi arquivado por já se achar inscrita — 23-8-39.
- 575/37 — Antenor Brandão — Jaboticabal — SP — Inscrição de fábrica de aguardente — Foi arquivado por já se achar inscrita — 23-8-39.
- 20/38 — Avelino Benedito Ramos — Nazareth — SP — Inscrição de fábrica de aguardente — Foi arquivado por já se achar inscrita — 23-8-39.
- 2.323/38 — Claudio de Almeida Pena — Paramirim BA — Inscrição de engenho rapadureiro — Foi deferido — 24-8-39.
- 1.245/39 — João Alves da Silva — Guanhões — MG — Inscrição de engenho rapadureiro — Foi deferido — 21-8-39.
- 520/39 — Albertino Ferreira de Toledo — Carangola rido — 24-8-39.
- MG — Inscrição de fabrica de aguardente — Foi defe-
- 832/39 — Diogenes Gomes de Oliveira — Alto Rio Doce
- MG — Inscrição de engenho — Foi indeferido — 24-8-39.
- 249/37 — Francisco Pedro Monteiro da Silva — Araquára — SP — Inscrição de fábrica de aguardente — Foi arquivado por já se achar inscrita — 24-8-39.
- 1.882/38 — Gonçalo Tavares — S. Vicente Ferrer — MA — Remoção de engenho — Foi deferido — 24-8-39.
- 136/37 — Gastão Raebou — Itapecceria — SP — Inscrição de fábrica de aguardente — Foi arquivado por já se achar inscrita — 24-8-39.
- 558/37 — Guilherme Chaves de Oliveira — Paruaíba — SP — Inscrição de fábrica de aguardente — Foi arquivado por já se achar inscrita — 24-8-39.
- 139/37 — Guilherme Maller — Xirica — SP — Inscrição de fabrica de aguardente — Foi arquivado por já se achar inscrita — 24-8-39.
- 557/37 — Henrique Dias Rodrigues Filho — Iporanga — SP — Inscrição de fábrica de aguardente — Foi arquivado por já se achar inscrita — 24-8-39.
- 691/37 — Irmãos Bertivelli — Amparo — SP — Inscrição de fábrica de aguardente — Foi arquivado por já se achar inscrita — 24-8-39.
- 180/39 — João Moura de Araujo — Virginópolis — MG — Inscrição de engenho — Foi indeferido — 24-8-39.
- 8.906/35 — João Ilorta do Prado — Descalvado — SP — Inscrição de fábrica de aguardente — Foi arquivado por já se achar inscrita — 24-8-39.
- 308/39 — Joaquim Miguel da Costa — Virginópolis — MG — Inscrição de engenho — Foi indeferido — 24-8-39.
- 141/37 — Bazilde Godoy — Cabriúva — SP — Inscrição de fabrica de aguardente — Foi arquivado por já se achar inscrita — 24-8-39.
- 692/37 — Benedito Alves Capucho — Lenções — SP — Inscrição de fábrica de aguardente — Foi arquivado por já se achar inscrita — 24-8-39.
- 560/37 — Benedito Pereira de Souza — Lageado — SP — Inscrição de fábrica de aguardente — Foi arquivado por já se achar inscrita — 24-8-39.
- 555/37 — Domingos Jamariquele — Monte Aprazivel — SP — Inscrição de fábrica de aguardente — Foi arquivado por já se achar inscrita — 24-8-39.
- 851/37 — Cassio Marcondes de Godoy — Pindamonhangaba — SP — Inscrição de fabrica de aguardente — Foi arquivado por já se achar inscrita — 24-8-39.
- 85/37 — Carlos Moretto & Irmãos — Lenções — SP — Inscrição de fábrica de aguardente — Foi arquivado por já se achar inscrita — 24-8-39.
- 824/37 — Benedito Pinto de Moraes — Santa Branca — SP — Inscrição de fábrica de aguardente — Foi arquivado por já se achar inscrita — 24-8-39.
- 271/38 — Faustino Bizetto — Jundiá — SP — Inscrição de fábrica de aguardente — Foi arquivado por já se achar inscrita.
- 544/37 — Toragiro Torigoe — Juquerí — SP — Inscrição de fábrica de aguardente — Foi arquivado por já estar inscrito — 24-8-39.
- 277/37 — Takashi Aricava — Iguape — SP — Inscrição de fábrica de aguardente — Foi arquivado por já estar inscrita — 24-8-39.
- 216/38 — Thomaz Rossetti — Limeira — SP — Inscrição de fábrica de aguardente — Foi arquivado por já estar inscrita — 24-8-39.
- 108/37 — Tahira Eki — Juquerí — SP — Inscrição de fábrica de aguardente — Foi arquivado por já estar inscrita — 24-8-39.
- 689/37 — Tarcilio de Oliveira Dias — Caconde — SP — Inscrição de fábrica de aguardente — Foi arquivado por já estar inscrita — 24-8-39.
- 215/38 — Sebastião Gonçalves da Silva — Botucatu — SP — Inscrição de fábrica de aguardente — Foi arquivado por já estar inscrito — 24-8-39.
- 68/37 — Raul Vieira da Silva — Santa Branca — SP

— Inscrição de fábrica de aguardente — Foi arquivado por já estar inscrita — 24-8-39.

655/38 — Renato Pereira — Itapira — SP — Inscrição de fábrica de aguardente — Foi arquivado por já estar inscrita — 24-8-39.

579/37 — Paulino Nunes — Juquerí — SP — Inscrição de fábrica de aguardente — Foi arquivado por já se achar inscrita — 24-8-39.

581/37 — Oliveira & Machado — Parnaíba — SP — Inscrição de fábrica de aguardente — Foi arquivado por já estar inscrita.

829/37 — Oliveira Lopes & Cia. — Rio Preto — SP — Inscrição de fábrica de aguardente — Foi arquivado por já estar inscrita.

690/37 — Nahar Soubhia — Monte Aprazível — SP — Inscrição de fábrica de aguardente — Foi arquivado por já estar inscrita — 24-8-39.

576/37 — Merlindo Marchetti — Lençóis — SP — Inscrição de fábrica de aguardente — Foi arquivado por já estar inscrita — 24-8-39.

270/38 — Manoel Nascimento Menezes Martins — Rio Preto — SP — Inscrição de fábrica de aguardente — Foi arquivado por já estar inscrita — 24-8-39.

580/37 — Manoel Antunes da Silva — Jacupiranga — SP — Inscrição de fábrica de aguardente — Foi arquivado por já estar inscrita — 24-8-39.

2/38 — Lazaro Ribeiro — Cabreúva — SP — Inscrição de fábrica de aguardente — Foi arquivado por já estar inscrita — 24-8-39.

773/37 — Leopoldo Casella — Bariri — SP — Inscrição de fábrica de aguardente — Foi arquivado por já estar inscrita — 24-8-39.

593/37 — Luiz Campanari — Monte Alegre — SP — Inscrição de fábrica de aguardente — Foi arquivado por já estar inscrita — 24-8-39.

254/38 — Kiugo Morimitu — Juquerí — SP — Inscrição de fábrica de aguardente — Foi arquivado por já estar inscrita — 24-8-39.

577/37 — Kakukiti Nisioka — Jundiá — SP — Inscrição de fábrica de aguardente — Foi arquivado por já se achar inscrita — 24-8-39.

823/37 — Julio de Sordi — Caconde — SP — Inscrição de fábrica de aguardente — Foi arquivado por já estar inscrita — 24-8-39.

86/37 — Josino Ferraz de Camargo — Ibitinga — SP — Inscrição de fábrica de aguardente — Foi arquivado por já estar inscrita — 24-8-39.

887/37 — José Benedito da Fonseca — Socorro — SP — Inscrição de fábrica de aguardente — Foi arquivado por já estar inscrita — 24-8-39.

556/37 — José F. Teixeira de Barros — S. Carlos — SP — Inscrição de fábrica de aguardente — Foi arquivado por já estar inscrita — 24-8-39.

214/38 — José Portari — Itapolis — SP — Inscrição de fábrica de aguardente — Foi arquivado por já estar inscrita — 24-8-39.

592/37 — Jorge Candido de Souza — São Paulo — SP — Inscrição de fábrica de aguardente — Foi arquivado por já estar inscrita — 24-8-39.

687/37 — Joaquim Ribeiro — Promissão — SP — Inscrição de fábrica de aguardente — Foi arquivado por já estar inscrita — 24-8-39.

693/37 — Joaquim Martiniano Ferreira — Buquira — SP — Inscrição de fábrica de aguardente — Foi arquivado por já estar inscrita — 24-8-39.

140/37 — João Alcides de Ramos — Xirivica — SP — Inscrição de fábrica de aguardente — Foi arquivado por já estar inscrita — 24-8-39.

571/37 — João Carlos Pereira — Pindamonhangaba — SP — Inscrição de fábrica de aguardente — Foi arquivado por já estar inscrita — 24-8-39.

863/37 — João Finazzi — Itapira — SP — Inscr

ção de fábrica de aguardente — Foi arquivado por já se achar inscrita.

8.953/35 — João Ramos de Camargo — Santa Isabel — SP — Inscrição de fábrica de aguardente — Foi arquivado por já estar inscrita — 24-8-39.

2.710/36 — Jesuino Afonso Ferreira — Piracaiá — SP — Inscrição de fábrica de aguardente — Foi arquivado por já estar inscrita — 24-8-39.

278/37 — Jeronymo Ometto — Rio Claro — SP — Inscrição de fábrica de aguardente — Foi arquivado por já estar inscrita.

279/37 — Jeronymo Alves — Santa Isabel — SP — Inscrição de fábrica de aguardente — Foi arquivado por já estar inscrita — 24-8-39.

574/37 — Climerio Martins de Siqueira — Santa Branca — SP — Inscrição de fábrica de aguardente — Foi arquivado por já estar inscrita — 24-8-39.

578/37 — Benedito Alves Vereira — Santa Branca — SP — Inscrição de fábrica de aguardente — Foi arquivado por já estar inscrito — 24-8-39.

822/37 — Antonio Carino da Silva — Itapolis — SP — Inscrição de fábrica de aguardente — Foi arquivado por já se achar inscrita — 24-8-39.

53/38 — Verissimo Antonio de Moraes — Nazareth — SP — Inscrição de fábrica de aguardente — Foi arquivado por já estar inscrita — 24-8-39.

1.762/39 — Abel Dias Ferreira — Joazeiro — CE — Inscrição de engenho — Foi arquivado por já estar inscrito — 28-8-39.

3.020/38 — Adelina Aguida Vilela — Virgínia — MG — Inscrição de engenho — Foi indeferido — 28-8-39.

1.674/38 — Agnelo Pereira — Paramirim — BA — Inscrição de engenho rapadureiro — Foi deferido — 28-8-39.

1.320/39 — Amancio Antonio de Almeida — São João Evangelista — MG — Montagem de engenho — Foi indeferido — 28-8-39.

1.749/39 — Antonio Dias Solreira — Joazeiro — CE — Inscrição de engenho — Foi arquivado por já estar inscrito — 28-8-39.

967/39 — Cristiano Francisco de Medeiros — Delfinópolis — MG — Inscrição de engenho — Foi indeferido — 28-8-39.

3.018/38 — Domingos Firmino dos Santos — Virgínia — MG — Inscrição de engenho — Foi indeferido — 28-8-39.

219/39 — Domingos Gonçalves Branco — Arassuaí — MG — Inscrição de engenho — Foi indeferido — 28-8-39.

955/39 — Emilio Ferreira de Brito — Delfinópolis — MG — Inscrição de engenho — Foi indeferido — 28-8-39.

1.059/39 — Evaristo Martins da Silva — Delfinópolis — MG — Inscrição de engenho — Foi indeferido — 28-8-39.

2.033/39 — Cia. Agricola e Industrial Magalhães (Usina Barcelos) — São João da Barra — RJ — Importação de material para destilaria de alcool anidro — Aprovado o plano — 28-8-39.

1.062/39 — Francisco Beraldo Rodrigues Moreira — Delfinópolis — MG — Inscrição de engenho — Foi indeferido — 28-8-39.

1.051/39 — Francisco Joaquim Pinto — Delfinópolis — MG — Inscrição de engenho — Foi indeferido — 28-8-39.

1.052/39 — Francisco Vital de Brito — Delfinópolis — MG — Inscrição de engenho — Foi indeferido — 28-8-39.

958/39 — Gabriel José Garcia — Delfinópolis — MG — Inscrição de engenho — Foi indeferido — 28-8-39.

917/39 — Jacinto Moreira da Silva — Carmo do Paranaíba — MG — Inscrição de engenho rapadureiro. — Foi deferido — 28-8-39.

968/39 — Jeronimo Vilela Martins — Delfinópolis — MG — Inscrição de engenho — Foi indeferido — 28-8-39.

850/39 — João Moreira da Silva — Carmo do Paranaíba

— MG — Inscrição de engenho rapadureiro — Foi deferido — 28-8-39.

703/39 — João Luiz Vinhal — Carmo de Paranaíba — MG — Inscrição de engenho rapadureiro — Foi deferido — 28-8-39.

860/39 — João Moreira de Morris — Carmo de Paranaíba — MG — Inscrição de engenho rapadureiro — Foi deferido — 28-8-39.

1.991/38 — João Alves de Oliveira — Curvelo — MG — Inscrição de engenho — Foi deferido — 28-8-39.

964/39 — Joaquim Francisco Pinto Junior — Delfinópolis — MG — Inscrição de engenho — Foi indeferido — 28-8-39.

179/39 — Joaquim Inácio de Figueiredo — Virginópolis — MG — Inscrição de engenho — Foi indeferido — 28-8-39.

982/39 — José Silvestre de Andrade — Carmo de Paranaíba — MG — Inscrição de engenho rapadureiro — Foi deferido — 28-8-39.

2.244/38 — José Raimundo Vieira — Paramirim — BA — Inscrição de engenho rapadureiro — Foi deferido — 28-8-39.

1.380/38 — Josino Bento de Toledo — Campo Belo — MG — Inscrição de engenho — Foi indeferido — 28-8-39.

1.186/39 — Juventino Barnabé Dias Duarte — Cunhães — MG — Inscrição de engenho rapadureiro — Foi deferido — 28-8-39.

966/39 — Levindo Teófilo Rodrigues — Delfinópolis — MG — Inscrição de engenho — Foi indeferido — 28-8-39.

953/39 — Marcolino Marques Barbosa — Delfinópolis — MG — Inscrição de engenho — Foi indeferido — 28-8-39.

197/39 — Marcial de Magalhães Barbalho — Virginópolis — MG — Inscrição de engenho — Foi indeferido — 28-8-39.

2.247/38 — Manoel Marques dos Santos — Paramirim — BA — Inscrição de engenho rapadureiro — Foi deferido — 28-8-39.

2.322/38 — Manoel Francisco de Souza — Paramirim — BA — Inscrição de engenho rapadureiro — Foi deferido — 28-8-39.

2.312/38 — Otaviano José Trindade & Irmãos — Paramirim — BA — Inscrição de engenho rapadureiro — Foi deferido — 28-8-39.

965/39 — Otaviano Francisco de Mereiros — Delfinópolis — MG — Inscrição de engenho — Foi indeferido — 28-8-39.

3.327/38 — Pascoal Guerra — Itapira — SP — Transferência e remoção de engenho — Foi deferido — 28-8-39.

2.148/39 — Tancredo Costa & Cia. — Palmares — PE — Importação de material para destilaria — Foi aprovado o plano — 28-8-39.

1.774/39 — José Corrêa Lima — Joazeiro — CE — Inscrição de engenho — Foi arquivado por já estar inscrito — 4-9-39.

1.787/39 — José Gomes dos Santos — São Pedro — CE — Inscrição de engenho — Foi arquivado por já estar inscrito — 4-9-39.

1.801/39 — José Joaquim de Souza — Joazeiro — CE — Inscrição de engenho — Foi arquivado por já estar inscrito — 4-9-39.

1.758/39 — José Moreira Cabral — Joazeiro — CE — Inscrição de engenho — Foi arquivado por já estar inscrito — 4-9-39.

1.775/39 — José Serafim de Oliveira — São Pedro — CE — Transferência de inscrição — Foi deferido — 4-9-39.

1.789/39 — Joaquim Alves do Nascimento — São Pedro — CE — Inscrição de engenho — Foi arquivado por já estar inscrito — 4-9-39.

1.790/39 — João Marcelino de França — Joazeiro — CE — Inscrição de engenho — Foi arquivado por já estar inscrito — 4-9-39.

1.724/39 — Gertrudes Moreira da Silva — Varzea Ale-

gre — CE — Inscrição de engenho — Foi arquivado por já estar inscrito — 4-9-39.

2.977/38 — Candido Marques da Rocha — Paranaíba — MG — Inscrição de engenho — Foi arquivado por já estar registrado — 4-9-39.

895/39 — Barbara Maria de Jesus — Campo Belo — MG — Inscrição de engenho — Foi arquivado por já estar inscrito — 4-9-39.

2.799/36 — Segisfredo Pinto Cunha — Monte Aprazível — SP — Inscrição de engenho — Foi arquivado por ter desaparecido o seu objeto — 8-9-39.

8.206/35 — Theofilo Pedro de Oliveira — São Luiz do Paraitinga — SP — Inscrição de engenho — Foi arquivado por ter desaparecido o seu objeto — 8-9-39.

8.212/36 — Pedro Gonçalves Rios — Caconde — SP — Inscrição de engenho — Foi arquivado por ter desaparecido o seu objeto — 8-9-39.

8.166/35 — Osorio Higino de Souza — Tapiratiba — SP — Inscrição de engenho — Foi arquivado por ter desaparecido o seu objeto — 8-9-39.

8.210/35 — Manoel Luciano da Silva — Monte Aprazível — SP — Inscrição de engenho — Foi arquivado por ter desaparecido o seu objeto — 8-9-39.

3.108/35 — Luiz Ribeiro Porto — Santa Branca — SP — Inscrição de engenho — Foi arquivado por ter desaparecido o seu objeto — 8-9-39.

8.432/35 — Luiz de Oliveira Santos — Redenção — SP — Inscrição de engenho — Foi arquivado por ter desaparecido o seu objeto — 8-9-39.

8.170/35 — José Thomaz do Prado — Caconde — SP — Inscrição de engenho — Foi arquivado por ter desaparecido o seu objeto — 8-9-39.

8.150/35 — José Rodrigues Coelho — São Luiz do Paraitinga — SP — Inscrição de engenho — Foi arquivado por ter desaparecido o seu objeto — 8-9-39.

2.977/35 — José Lino Nunes de Arruda — São Luiz do Paraitinga — SP — Inscrição de engenho — Foi arquivado por ter desaparecido o seu objeto — 8-9-39.

8.168/35 — José Henrique Gonlart — Monte Aprazível — SP — Inscrição de engenho — Foi arquivado por ter desaparecido o seu objeto — 8-9-39.

8.908/38 — José Gomes Conceição — Rio Preto — SP — Inscrição de engenho — Foi arquivado por ter desaparecido o seu objeto — 8-9-39.

8.165/35 — José Antonio de Moura — Paraiibuna — SP — Inscrição de engenho — Foi arquivado por ter desaparecido o seu objeto — 8-9-39.

8.882/35 — Francisco Antonio Barbosa — Cajurú — SP — Inscrição de engenho — Foi arquivado por ter desaparecido o seu objeto — 8-9-39.

8.892/35 — Francisco Alves Cursino — Redenção — SP — Inscrição de engenho — Foi arquivado por já estar inscrito — 8-9-39.

2.772/36 — Fernando dos Santos — Olimpia — SP — Inscrição de engenho — Foi arquivado por já estar inscrito — 8-9-39.

8.880/35 — Benedito Carvalho de Souza — Natividade — SP — Inscrição de engenho — Foi arquivado por já estar inscrito — 8-9-39.

8.195/35 — Benedito Bebiano da Silva — Rio Preto — SP — Inscrição de engenho — Foi arquivado por já estar inscrito — 8-9-39.

8.149/35 — A. Luiz Vieira — S. Luiz do Paraitinga — SP — Inscrição de engenho — Foi arquivado por já estar inscrito — 8-9-39.

8.420/35 — Antonio Massa Grande — Redenção — SP — Inscrição de engenho — Foi arquivado por ter desaparecido o seu objeto — 8-9-39.

8.151/35 — Antonio Basílio dos Santos — São Luiz do Paraitinga — SP — Inscrição de engenho — Foi arquivado por já estar inscrito — 8-9-39.

8.175/35 — Antonio Antunes de Oliveira — São Luiz do

Laratinga — SP — Inscrição de engenho — Foi arquivado por já estar inscrito — 8-9-39.

8.169/35 — Alexandrino Pereira — Caconde — SP — Inscrição de engenho — Foi arquivado por já estar inscrito — 6-9-39.

2.774/36 — José Cezar Fernandes — Rio Preto — SP — Inscrição de fabrica de aguardente — Foi arquivado por já estar inscrita — 8-9-39.

340/39 — Francisco Pimenta da Silva — Nepomuceno — MG — Inscrição de engenho rapadureiro — Foi deferido — 8-9-39.

2.737/38 — Canuto Ferreira de Jesus — Piranga — MG — Inscrição de engenho — Foi arquivado por já estar inscrito — 8-9-39.

8.889/35 — Benedito Rogerio Abel — São Luiz do Paraitinga — SP — Inscrição de engenho — Foi arquivado por ter desaparecido o seu objeto — 8-9-39.

8.824/35 — Aristides Dias & Irmãos — Cajuru — SP — Inscrição de engenho — Foi arquivado por já estar inscrito — 8-9-39.

5.370/35 — Alberto Pedro Martins — Frenal — MG — Inscrição de engenho — Foi arquivado por já estar inscrito — 8-9-39.

8.272/35 — José Francisco de Souza — Amargosa — BA — Inscrição de engenho — Foi deferido — 8-9-39.

8.891/35 — Candido Corrêa de Queiroz — Redenção — SP — Inscrição de engenho — Foi arquivado por já estar inscrito — 11-9-39.

8.881/35 — Floriano José da Silva — Cajuru — SP — Inscrição de engenho — Foi arquivado por já estar inscrito — 11-9-39.

8.821/35 — Fernandes Faria — Redenção — SP — Inscrição de engenho — Foi arquivado por já estar inscrito — 11-9-39.

8.921/35 — Guilhot & Rodrigues — Bananal — SP — Inscrição de fábrica de aguardente — Foi arquivado por já estar inscrita — 11-9-39.

8.161/35 — Geraldo Caetano França — São Luiz do Paraitinga — SP — Inscrição de engenho — Foi arquivado por ter desaparecido o seu objeto — 11-9-39.

2.396/36 — Januário da Silva Rosa — Itaperuna — RJ — Alteração de inscrição — Foi arquivado por não haver o que deferir — 11-9-39.

8.870/35 — João José Prates — Cajuru — SP — Inscrição de engenho — Foi arquivado por já estar inscrito — 11-9-39.

8.163/35 — José Bento de Almeida — Caconde — SP — Inscrição de engenho — Foi arquivado por já estar inscrito — 11-9-39.

8.198/35 — José Claro Pereira — São Luiz do Paraitinga — SP — Inscrição de engenho — Foi arquivado por já estar inscrito — 11-9-39.

8.162/35 — José Candido Limão — Caconde — SP — Inscrição de engenho — Foi arquivado por já estar inscrito — 11-9-39.

8.160/35 — José Gabrielle Barbosa — São Luiz do Paraitinga — SP — Inscrição de engenho — Foi arquivado por já estar inscrito — 11-9-39.

8.221/36 — José Marcelino da Silva — Caconde — SP — Inscrição de engenho — Foi arquivado por ter desaparecido o seu objeto — 11-9-39.

1.018/38 — José Jeremias Alberto — Santa Barbara — MG — Inscrição de engenho — Foi arquivado por já estar inscrito — 11-9-39.

118/38 — Maria Francisca Schwenck — Carangola — MG — Cancelamento de inscrição — Foi arquivado por nada haver que deferir — 11-9-39.

8.817/35 — Manoel Barbosa Machado — Santa Branca — SP — Inscrição de engenho — Foi arquivado por já estar inscrito — 11-9-39.

8.153-35 — Marcelino Rodrigues Donrado — Rio Preto — SP — Inscrição de engenho — Foi arquivado por já estar inscrito — 11-9-39.

8.223/36 — Narciso Louveço Correia — Caconde — SP — Inscrição de engenho — Foi arquivado por já estar inscrito — 11-9-39.

8.226/35 — Nefthal Gonçalves Rios — Caconde — SP — Inscrição de engenho — Foi arquivado por já estar inscrito. — 11-9-39.

8.430/35 — Onofre Pires Dias — Redenção — SP — Inscrição de engenho — Foi arquivado por já estar inscrito — 11-9-39.

2.320/39 — José Manoel de Oliveira — Paramirim — BA — Foi autorizada a inscrição como engenho rapadureiro. — Em 10-8-939 (\*).

(\*) Reproduz-se por ter saído com incorreções.

## O QUE TODO FAZENDEIRO DEVE SABER

Com o titulo acima, publica "La Fertilización Científica" de Havana, o seguinte:

1 — Sabe o senhor que a variedade de cana mais produtiva é a que absorve mais elementos nutritivos do terreno e, por consequencia, a que mais rapidamente esgota a fertilidade do mesmo?

2 — Sabe que uma produção de 80 arrobas de cana por "cavaleria" (\*) absorve do terreno circundante 1 libra de nitrogenio, 1 de acido fosforico e 3 de potassa?

3 — Sabe o senhor que a cana necessita de uma proporção definida de nitrogenio, fosforo e potassa em seus tecidos, para que a produção seja satisfatoria?

4 — Sabe o senhor que a aplicação de um adubo incompleto, com um ou dois desses elementos, faz que a planta absorva o terceiro do terreno, esgotando-o desse último mais prontamente?

5 — Sabe o senhor que aplicar a um terreno esgotado, ou muito pobre em um elemento nutritivo, adubos que não contemham esse elemento é perder tempo e dinheiro, pois a planta não poderá utiliza-los?

6 — Sabe o senhor que adubar o terreno só com nitrogenio ou semente com nitrogenio e fosforo esgota o terreno mais prontamente de potassa, e que se a provisão desse elemento no terreno é deficiente, a cana não pôde utilizar os outros?

7 — Sabe o senhor que se a planta não contem potassa suficiente, o nitrogenio se acumula nas folhas, mas não se aproveita e, consequentemente, o crescimento é muito pouco?

8 — Sabe o senhor que, em consequencia dessa falta de equilibrio, contem a planta maior quantidade de açúcares reductores que de sacarose?

9 — Sabe o senhor que, nessas condições, parte dos açúcares reductores se convertem em materias como o amido e a dextrina, que passam ao açúcar e dificultam a defeção?

10 — Sabe o senhor que, adubando com um adubo completo com nitrogenio, fosforo e potassa, se assegura um bom rendimento em tonelagem de cana de açúcar?

(\*) — Cavaleria é uma medida agraria cubana, que corresponde a 1.343 areas, e a area equivalente a um quadrado de 10 metros de lado.

# O PRIVILEGÍO DOS SENHORES DE ENGENHO, NOS TEMPOS COLONIAIS

Alberto Lamego

Em fevereiro de 1777, o Major Gregorio Francisco de Miranda e mais mercadores da Vila de São Salvador representaram ao monarca contra as pretensões de alguns lavradores pobres, que, possuindo dois ou tres escravos, “com os quais cultivavam pequeno terreno, armando as suas engenhocas com dinheiro emprestado, onde fabricavam diminuto assucar”, queriam gozar dos privilegios de senhores de engenho.

Alegaram que eles já haviam pedido “o titulo ou regalias” ao vice-rei, mas como este o indeferira, por conhecer que só queriam fraudar os negociantes, haviam, na qualidade de camaristas, que o eram alguns, recorrido ao Secretario do Reino.

Para obstarem a concessão da graça obrepticamente, juntaram os suplicantes uma justificação, na qual provavam que tudo o que aqueles possuíam era comprado com promessa de pagamento, com as futuras safras de cana, mas estas eram tão limitadas que nẽm chegavam para o sustento das suas familias e, quando “sobrava algum assucar, o vendiam de noite, para não satisfazerem as suas dividas”. (1).

Muitos dos proprietarios das engenhocas se achavam, então, ausentes de Campos, destacados na fortaleza de Santa Cruz e em outros pontos, a serviço real e, tendo conhecimento da representação e justificação referidas, se dirigiram ao Marquês de Lavradio, pedindo-lhe que ordenasse ao ouvidor e mais justicas da Comarca, “a suspensão de todas as execuções, até que, desembaraçados do serviço real”, pudessem continuar as suas safras e, com o rendimento delas, pagar aos seus credores. (2).

A sua petição lançou o vice-rei este despacho: “Os que estão prejudicados devem assignar este requerimento. Rio, 26 de Março de 1777”, o que foi imediatamente cumprido. (3).

Essa supplica foi enviada, em 14 de fevereiro de 1778, ao Secretario do Reino, Cons.<sup>o</sup> Martinho de Melo Castro, mostrando-se o Marquês de Lavradio favoravel aos desejos dos senhores de engenho de Campos, “pois o assucar que fabricavam era em maior abundancia que o dos engenhos da capital e seus

reconcovos” e servia para a carga da maior parte dos navios que seguiam para Lisboa. (4).

Decorrido bastante tempo, sem ter solução o pedido dos senhores de engenho de Campos, tornaram á presença real, pedindo que se lhes concedesse a graça de não poderem os devedores ser executados em suas fabricas e sómente nos seus rendimentos, como se fazia no Rio de Janeiro, pois os seus credores não queriam que as regalias concedidas pela provisão de 26 de abril de 1760 (5) se extendessem aos lavradores de cana de Campos.

O procurador da Corôa, que teve de dar o seu parecer sobre a nova petição, assim se manifestou: “A agricultura de assucar que ha muitos annos, apenas, era conhecida nos Campos Goytacazes, onde só haviam dois ou tres engenhos de assucar, tem se adiantado tanto, nos ultimos tempos, que presentemente se acham alli erigidos muitos e se cultiva tanta canna, que é importante este ramo de lavoura naquella terra e della se transporta mui commodamente, pelo rio Parahyba e, depois, pela costa do norte, para o Rio de Janeiro a cuja capitania pertence e sempre pertenceu ainda, quando formava a pequena capitania da Parahyba do Sul, pertencente ao Visconde de Asseca e então separada do dominio da Corôa e hoje a ella unida.

Parece, pois, que os supplicantes devem gozar dos mesmos privilegios, concedidos aos lavradores de assucar do Rio de Janeiro, não só pelas razões do dito privilegio, como porque os Campos dos Goytacazes sempre se reputavam parte da capitania do Rio de Janeiro”.

O Procurador da Fazenda foi de opinião que se devia ouvir o governador do Rio de Janeiro e tambem foi este o parecer do Conselho Ultramarino, pelo que foi expedida a carta régia, para esse fim, em 1 de julho de 1784. (6).

O procurador dos lavradores — Duarte Francisco do Rego Escossia — não ficou satisfeito com a resolução régia, porque as providencias tomadas roubavam muito tempo.

Na esperança de obter a graça pedida, sem serem precisas novas informações do

governo do Rio de Janeiro, por nova supplica que faria, decorrido algum tempo, requereu a entrega da sua petição anterior, "por não querer por ora usar della", o que lhe foi deferido em 3 de julho, recebendo-a em 20 do dito mês e ano.

De fato, no ano seguinte, novo requerimento fez à rainha, insistindo pelas referidas regalias, para os seus constituintes, que continuavam em angustiosa situação, ameaçados pelos credores, implorando que a estes só fosse permitido executar a terça parte dos rendimentos, "pois não era justo que, tendo Campos mais de 200 donos de engenhocas de assucar, não gozassem estes dos privilegios concedidos a todos os lavradores do Brasil".

O expediente usado de nada lhe serviu; os Procuradores régios e Conselho Ultramarino não mudaram de opinião e aos 9 de junho do dito ano ordenou-se ao governador do Rio que informasse com o seu parecer.

Final, foram concedidos aos senhores de engenho, de Campos, os mesmos privilegios concedidos aos do Rio de Janeiro, pela resolução de 22 de setembro de 1758, de que fôra expedida a provisão já citada de 26 de abril de 1760.

Mais tarde, por alvará de 21 de janeiro de 1809, foi outorgado a todos habitantes do Brasil e dominios ultramarinos o privilegio de não serem executados os seus engenhos de assucar e lavoura de cana e sómente a terça parte dos seus rendimentos.

Depuzeram as testemunhas:

**Domingos Fernandes da Rocha**, sapateiro, que, confirmando as alegações, acrescentou que em Campos consta mais de 200 engenhos, a que não se devia dar o nome de engenhos e os que mereciam ser assim chamados eram: os da viuva de Pedro Freire Vidal, de José Licerio da Fonseca, do capitão Belchior Rangel de Souza, de Maria das Neves Pinto, de Antonio da Silva Esteves, de Sebastiana de Almeida, de Manoel Pereira da Costa, da viuva de Carlos Martins Pestana, de João Batista Pereira, de Caetano José da Mota, de José Soares, de Custodio Valentim Codiço, de Inácio Gago Machado, da viuva do capitão Miguel de Moraes Pessanha, do capitão Antonio Pereira da Silva, e do mestre de Campo João José de Barcelos Coutinho, todos engenhos reais, com terras e escravos proprios, como eram igualmente os de Visconde Asseca, da Religião de São Bento e o de Colegio, sequestradas as permutas;

**Manoel de Oliveira Guimarães**, que vivia "do serviço dos seus escravos", incluiu no numero dos que deviam ser considerados como senhores de engenho: José da Silva Rego, José de Oliveira Bastos, Antonio Rodrigues Arêas, Caetano Pereira Rabelo, Francisco Manhães de Andrade, Capitão Antonio Pereira, João Gomes da Mota, capitão Luís Manoel Pinto, Manoel Pereira da Costa, João Alvaro de Araujo, José Luís Martins e a viuva de José Luís Martins.

As mais testemunhas: **Joaquim Guilherme da Mota**, **Francisco Pinto de Oliveira**, **Miguel da Rocha**, **Manoel Furtado de Mendonça** e **João Fernandes da Costa**, confirmaram os itens da justificação, que foi julgada pelo juís ordinario José Licenio de Campos, em junho de 1776, funcionando nela o escrivão Manoel de Azevedo Castelo Branco. ("Arch. Mar. Ult. de Lisboa").

(2) "Sr. Marquez, Vice-rei.

Dizem os senhores de engenho de fazer assucar, dos Campos dos Goytacazes e seus lavradores, que os commerciantes daquella villa, apenas, apanharam os supplicantes destacados na fortaleza de Santa Cruz desta cidade e em outros lugares, (porque todos os ditos commerciantes lá ficaram) romperam no attentado de proseguir as suas respectivas execuções contra os supplicantes, pondo-lhes em praça os bens pertencentes ás ditas fabricas e ainda estas, sem quererem attender que tanto uma cousa como outras não podem ser arrematadas pelo privilegio da Provisão Régia e mais que V. Excia., foi o mesmo que em utilidade publica, por essa incomparavel grandeza, foi servido dirigir uma carta ao Ouvidor daquella comarca em que lhe dizia tinha dado a El-rei da utilidade que se seguia dos povos, na conservação daquellas fabricas, que davam assucar, que delle tinha comprado muitos navios dos que tinham saído deste porto; utilidade que interessa ao Estado. Senhor, talvez que essa carta fosse o estimulo daquelle rompimento, porque os supplicados, postos em desesperação, chegaram de certo a mofar de despacho de V. Excia. e tiveram o punivel arrojado de fazer contra elle e contra os supplicantes uma celebre justificação, para com ella, requererem a S. Mag., o que fizeram. Pedem a V. Excia. se digne, pela sua conhecida grandeza e piedade, ordenar que o Ouvidor e mais justias daquella Comarca, façam sustar as ditas execuções, até que os supplicantes, desembaraçados do serviço real, possam voltar á labuta de suas fabricas e tirem dellas o rendimento para pagar aos supplicados".

(3) Assinaram: Alferes Antonio Luís de

Souza, alferes Francisco Nunes Coutinho, capitão André Mendes Viuva, capitão Paschoal de Macedo e Castro, alferes Manoel de Menezes, Celestino José Ribeiro de Mendonça, Manoel Ribeiro da Silva, João Clemente Sá, Manoel Soares, José Gomes Crespo, Antonio da Silva Riscado, João da Silva Tavares, Gregorio Gomes Rangel, Luís da Silva Riscado, Pedro Vasques de Mendonça, Antonio da Terra Pereira, Manoel de Barros Carneiro, José da Silva Tavares, Manoel da Silva Tavares, Antonio Furtado de Mendonça, José Pereira Ramos, Luís Pereira Gomes, Vicente Pereira Gomes, José Ferreira Malte, José Barros Carneiro, Nicolau de Almeida Pessanha, Venceslau Pereira da Silva, José Rangel da Silva, Antonio Batista Franco, Francisco Correia, João Francisco Guimarães, Joaquim José de Aguiar, Antonio Ferreira, Inácio Ferreira, Manoel Ferreira de Araújo e José da Silva (Idem).

(4) "Exmo. Snr.

Remetto a V. Excia. o requerimento junto que fazem os donos das fabricas de assucar da villa de Campos e seus lavradores, aos quaes não tem attendido o ouvidor da Capitania do Espirito Santo, por mais que elles lhe têm requerido e, se acaso favorecer, alguns dos mesmos, entram logo a embarçar os commerciantes daquella villa e da cidade do Rio de Janeiro, que têm procurado todos os meios de destruir as ditas fazendas, sem eu até o presente alcançar o fim para que procuram destrui-las, tendo o assucar dellas servido para a maior parte dos serviços, que deste porto tem seguido viagem para o dessa Côrte, que aliás, não poderia ter daqui partido, por serem diminutos os assucares dos engenhos desta Capital e seus reconcavos, sendo tanto os daquellas fabricas quanto o fazem o resto dos engenhos desta cidade, de que já dei conta por officio de 3 de junho de 1775, de que ainda, não me tem chegado a resolução e como são muitos os requerimentos desta natureza, que todos os dias se fazem, os quaes, subindo por agravo para a Relação, não querem os Ministros da mesma attendê-los e eu não sabendo quaes os despachos que hei de proferir, torno a remetter a V. Excia., o ultimo requerimento, para pôr na presença da Rainha, minha Senhora". (Idem).

(5) Referiam-se a esta Provisão:

"D. João, etc. Faço saber aos que esta minha provisão virem que, por parte dos officiaes da Camara do Rio de Janeiro, se me representou... Hey por bem conceder aos supplicantes a mercê que pedem, sem deli-

mitação de tempo, para que não sejam executados os senhores de engenho da Capitania do Rio de Janeiro, nem se façam penhoras, por seus credores, nas fabricas dos ditos engenhos e das fazendas de canna, e somente serão executados os devedores nos rendimentos das suas fazendas, para assim se poderem conservar e terem cabedacs com que acudir ao meu serviço, com declaração que sempre os bens moveis, fabricas dos engenhos e fazendas de cannas, fiquem obrigados aos credores pelo prejuizo que se seguirá, de que não fazendo embargo nelles, poderão os possuidores vendê-los a outros e ficarem prejudicados os que pretenderem os pagamentos das suas dividas. Pelo que mando ao meu governador e capitão General do Rio de Janeiro, etc. que cumpram esta minha provisão. Lisboa, 26 de abril de 1760". (Idem).

(6) Carta Régia de 1 de julho de 1784 que ordenou ao Vice-rei: "...declaro tudo que houver a este respeito..." (Idem).

---

#### DISTILAÇÃO ALCOOLICA A MULTIPLO EFEITO

Gustavo T. Reich, de Filadelfia, ha tempos, teve occasião de se ocupar dum método, de sua invenção, para a evaporação a multiplo efeito do môsto fermentado ou "cerveja", compreendendo uma pluralidade de ciclos. No começo do primeiro ciclo, deixa-se que o liquido do primeiro efeito flúa continuamente para o segundo, cuja saída é fechada até que o liquido, ali, atinja um determinado nivel. Fecha-se, depois, a comunicação dos liquidos entre os dois efeitos e remove-se o conteúdo residual alcoolico do liquido do segundo efeito, enquanto se deixa o liquido referido ir-se accumulando até um limite pre-determinado. A essa altura, deixa-se o liquido residual do segundo efeito correr para o terceiro ou, então, para uma corrente intermediaria, onde os meios fiquem igualizados, como, por exemplo, um reservatorio; fecha-se, depois, a saída do liquido no segundo efeito e faz-se com que o liquido do primeiro efeito entre para aquele ultimo, começando assim novo ciclo.

O atual ponto de vista do autor é que se pode muito bem eliminar ou atenuar, pelo menos, as desvantagens decorrentes do trabalho nos evaporadores a niveis variaveis. Acentua Reich que não é difficil uma operação mais limpa e suave, com um aumento de capacidade do evaporador, para tanto bastando a colocação de recipientes de reserva nos condutos do liquido, entre os efeitos, os quais devem ficar em comunicação com o tubo de vapor do efeito, precedente ou procedente. Quando tais recipientes se comunicam com o vapor do efeito procedente (colocaam posteriormente), resulta logo uma vantagem, na operação, que é realizar-se o aquecimento do liquido, contido nos vasos aludidos, por meio indireto, isto é, com uma porção de vapor do efeito precedente, de modo que, em ultima análise, os recipientes nada mais representam, na verdade, que evaporadores intermediarios, agindo paralelamente ao efeito procedente.

# Les Usines de Melle

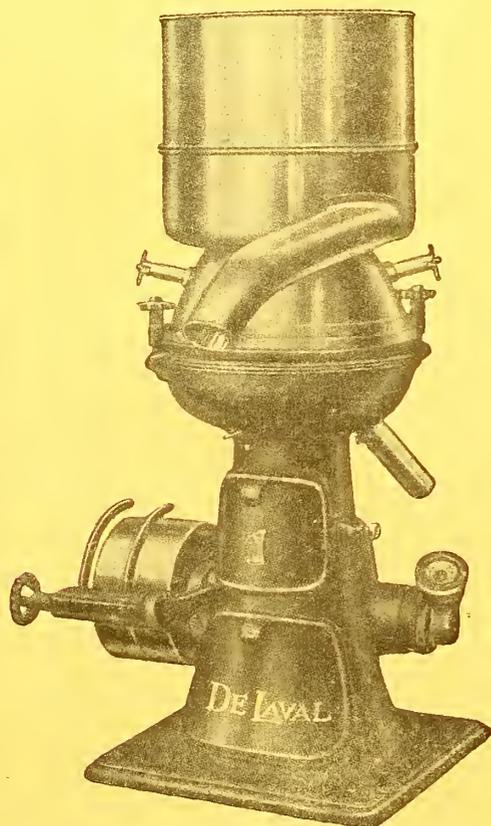
SOCIÉTÉ ANONYME AU CAPITAL DE FR. 17.000,000

Anciennement: DISTILLERIES des DEUX - SÈVRES - MELLE (Deux-Sèvres) FRANCE

DISTILARIAS APLICANDO O NOVO PROCESSO DE  
FERMENTAÇÃO DAS USINES DE MELLE

(PATENTEADO EM TODOS OS PAISES)

Mais de 40 instalações na Europa: em França, Alemanha, Austria, Belgica, Italia, Suíça, Tchecoslovaquia, realizando uma produção diaria superior a 750.000 litros de alcool.



## INSTALAÇÕES NO BRASIL

	Capacidade de produção diaria em litros
Barcelos (Em funcionamento) . . . . .	10.000
Utinga " . . . . .	10.000
Santa Cruz " . . . . .	10.000
Laranjeiras " . . . . .	4.000
Vassununga " . . . . .	3.000
Catende " . . . . .	30.000
Porto Feliz " . . . . .	20.000
Piracicaba " . . . . .	15.000
Serra Grande " . . . . .	10.000
Timbó Assú " . . . . .	5.000
Quissaman " . . . . .	15.000
Ponte Nova " . . . . .	20.000
Amalia (Em montagem) . . . . .	10.000
Vila Raffard " . . . . .	20.000
Brasileiro " . . . . .	15.000
Santa Barbara " . . . . .	6.000
Outeiro " . . . . .	5.000

O novo processo de fermentação das USINES DE MELLE proporciona as seguintes vantagens:

- Notavel aumento do rendimento de fermentação
- Aumento da capacidade de produção das instalações de fermentação
- Grande segurança e funcionamento tornando quasi automatico o trabalho
- Melhor qualidade do alcool fabricado.

Usineiros e distiladores, peçam informações a **GEORGES P. PIERLOT**  
Avenida Beira Mar, 210 — Tel. 42-8607 — Caixa Postal 2984  
RIO DE JANEIRO

# Les Usines de Melle

SOCIÉTÉ ANONYME AU CAPITAL DE FRS. 17.000.000

Anciennement: DISTILLERIES des DEUX - SEVRES - MELLE  
(Deux-Sèvres) - FRANCE

## Processos azeotropicos de desidratação e fabricação direta do alcool absoluto

### INSTALAÇÕES REALIZADAS NO BRASIL:

#### ESTADO DE PERNAMBUCO:

	Litros
Usina Catende — Aparelho novo — 4ª tecnica — Em funcionamento — Construtor: Etablissements Barbet. ....	30.000
Usina Santa Teresinha — Aparelho novo — 4ª tecnica — Em funcionamento — Construtor: Estabelecimentos Skoda. ....	30.000
Usina Timbó Assú — Aparelho novo — 1ª tecnica — Em funcionamento — Etablissements Barbet. ....	5.000
Distilaria Central do Cabo — Aparelho novo — 1ª tecnica — Em montagem pelos Est. Skoda. ....	60.000
Usina Cucau — 4ª tecnica — Em montagem — Construtor: Estabelecimentos Skoda. ....	15.000
Usina Trapiche — 4ª tecnica — Em montagem — Construtor: Est. Skoda. ....	15.000
Usina Santo Inacio — Aparelho novo — 2ª tecnica — Em montagem pelos Estabelecimentos Skoda. ....	5.000
Usina Tiúma — Aparelho novo — 1ª tecnica — Em montagem pelos Est. Skoda. ....	21.000
Usina Nossa Senhora das Maravilhas — Aparelho novo — 2ª tecnica — Em construção — Etablissements Barbet. ....	15.000
Usina Pumatí — 4ª tecnica — Em construção. ....	20.000

#### ESTADO DE ALAGÔAS:

Usina Serra Grande — Aparelho novo — 4ª tecnica — Em montagem — Estabelecimentos Barbet. ....	12.000
Usina Brasileiro — Aparelho novo — 4ª tecnica — Em construção pelos Estabelecimentos Barbet. ....	15.000

#### ESTADO DO ESPIRITO SANTO:

Usina Paiziras — Aparelho sistema Guillaume, transformado em 4ª tecnica pelos Est. Skoda — Em montagem. ....	5.000
--	-------

#### ESTADO DO RIO DE JANEIRO:

Distilaria Central de Campos — 2 aparelhos mixtos — 2ª e 4ª tecnicas — Em funcionamento — Construida pelos Estabelecimentos Barbet. ....	60.000
--	--------

Litros

Conceição de Macabú — Em funcionamento — Aparelho Barbet transformado em 2ª tecnica pelos mesmos Estabelecimentos. ....	9.000
Companhia Engenho Central Laranjeiras — Aparelho Barbet transformado em 4ª tecnica pelo Est. Barbet — Em funcionamento. ....	6.000
Cia. Usina do Outeiro — Em funcionamento — Aparelho Sistema Guillaume, transformado em 4ª tecnica — Construtor: Barbet. ....	5.000
Usina do Queimado — Em funcionamento — Aparelho Barbet transformado em 1ª tecnica — Construtor: Barbet. ....	6.000
Usina Santa Cruz — Aparelho sistema Barbet, transformado pelos Est. Skoda — Em funcionamento. ....	12.000
Usina São José — Aparelho novo — 4ª tecnica — Em funcionamento — Construtor: Skoda. ....	20.000
Companhia Engenho Central Quissaman — Aparelho novo — 4ª tecnica — Em montagem — Construtor: Est. Barbet. ....	15.000
Usina Barcelos — Aparelho transformado em 4ª tecnica pelos Est. Skoda. ....	10.000

#### ESTADO DE MINAS GERAIS:

Distilaria de Ponte Nova — Aparelho novo — 4ª tecnica — Em construção pelos Est. Skoda. ....	20.000
--	--------

#### ESTADO DE S. PAULO:

Usina Amalia — F. Mattarazzo Jr. — Retificador Barbet, transformado em 4ª tecnica pelos Estabelecimentos Barbet — Em montagem. ....	10.000
Usinas Junqueira — Aparelho de Distilação — Retificação continua, transformado em 4ª tecnica pelos Estabelecimentos Skoda — Em funcionamento. ....	20.000

Para todas as informações dirija-se a **GEORGES P. PIERLOT**  
Avenida Beira Mar, 210 — Tel. 42-8607 — Caixa Postal 2984  
RIO DE JANEIRO

# OS PREÇOS DO AÇUCAR EM FACE DA NOVA GUERRA EUROPEIA

Escreve o sr. M. Golodetz, de Londres, com a data do mês passado:

“Relativamente às perspectivas dos negócios açucareiros no mundo, encaradas dentro destas condições especiais de tempo de guerra, pode-se afirmar que, a rigor, não é logico estabelecer um paralelo com a situação em 1914-1918. Na safra de 1913-14, produziram os campos beterrabeiros do Velho Mundo 8.400.400 toneladas ou seja um pouco menos da metade da produção total de açúcar, no mundo, naquele ano. Durante os quatro anos da guerra, o continente europeu (este país a esta epoca não era virtualmente produtor de açúcar) continuou a fabricar açúcar mas já com uma redução de cerca de 40% em relação ao que produzira em 1913-14. A produção europeia em 1938-39 ascendeu a 8.711.000 toneladas, representando esses algarismos apenas 30% da produção mundial. Admitindo-se a hipótese de que somente os países europeus sejam envolvidos no conflito, a redução na produção de açúcar, no mundo, a qual fatalmente terá de se seguir, não será de tão grandes proporções,

como à primeira vista se possa afigurar; a entrada dos demais países do velho continente na conflagração é que determinará redução na produção local muito mais drástica do que por ocasião da guerra passada. Por conta de um simples decrescimento na produção é que os preços não irão subir de maneira desordenada, mesmo quando a falta de qualquer controle lhes permita pista livre. Outras condições, entretanto, intervirão fatalmente nas cotações, como a dificuldade de transportes, os altos seguros, a depreciação da moeda e uma serie de outros fatores de perturbação, característicos, aliás, dos tempos de luta. Se realmente existe uma coisa como esta — um preço mundial para o açúcar, em epoca de guerra — esse mesmo preço atingirá uma cotação bem alta, não resta duvida, mas não tão elevada quanto se pensa. E isso é explicavel uma vez que não se deve contar com uma redução imediata, brusca, do consumo europeu. Um certo contingentamento terá lugar, mas, com toda probabilidade isso será realizado numa escala muito menor do que da ultima vez”.

---

## AUMENTA O CONSUMO DE AÇUCAR NOS ESTADOS UNIDOS E NA EUROPA

Durante os cinco primeiros meses do ano em curso, as entregas de açúcar para consumo interno nos Estados Unidos foram de 2.158.677 toneladas metricas, valor bruto, contra 2.040.946 toneladas consumidas no ano anterior. Houve, portanto, este ano, um aumento de 117.731 toneladas, aproximadamente 5 por cento. Esses dados são da Divisão de Açúcar do Departamento de Agricultura. Em Porto Rico, de janeiro a maio deste ano, o consumo de açúcar ascendeu a 24.164 toneladas; no mesmo periodo de 1938 foram consumidas 20.442. Ainda nos cinco primeiros meses do ano corrente, o consumo de Hawaii foi de 7.380 toneladas contra 6.930 toneladas de janeiro a maio de 1938.

Nos treze principais países da Europa, o consumo de açúcar, durante os primeiros nove meses do ano industrial em curso, isto é, de setembro de 1938 a maio de 1939, foi de 6.203.152 toneladas metricas, valor bruto. Em relação a identico periodo do ano anterior, quando se consumiram 5.703.267 toneladas, houve este ano um acrescimo de

499.885 toneladas, ou seja, aproximadamente, 8,8 por cento. Os estoques de açúcar que esses países possuíam em 1 de junho de 1939 elevavam-se a 3.046.780 toneladas, contra 3.447.491 toneladas na mesma data de 1938. Houve, pois, este ano uma diminuição de 400.709 toneladas.

---

## IRRIGAÇÃO POR MEIO DE UM TRATOR

Uma companhia açucareira do Hawái poz recentemente para trabalhar, no acionamento de uma bomba centrífuga de irrigação, um trator Diesel Caterpillar de 60 H.P. Uma calha, colocada na parte trazeira do trator, ficava em ligação com o motor deste ultimo e uma extensa transmissão se encarregava da conexão do motor com a bomba, instalada numa base provisoria. A bomba impulsionava 1.000 galões dagua por minuto, operando à 1.750 rotações na unidade de tempo, sendo a elevação de 193 pés. Num periodo de mais de 1.000 horas de trabalho, as despesas com combustivel e oleo lubrificante medeieram os 27 centavos por hora, enquanto que os calculos para o bombeamento com energia eletrica davam de 1 dolar a 1 dolar e 25 centavos de gasto durante o mesmo espaço de tempo. Com o trator, o custo por tonelada de cana irrigada foi apenas de 2,6 centavos.

# CRONICA AÇUCAREIRA INTERNACIONAL

“Não é facil julgar presentemente o des-envolvimento do consumo de açúcar em alguns países europeus, diz “Facts About Sugar”, devido ás modificações politicas que se processaram no ano passado. Essa observação é particularmente verdadeira em relação á Alemanha, Hungria e á antiga Tchecoslovaquia. Contudo, sabe-se que o consumo de açúcar na Alemanha aumentou consideravelmente e que esse ritmo ascencional não sofreu solução de continuidade. Segundo a Associação Central da Industria Açucareira da Alemanha, o consumo de açúcar no Reich e na Austria, durante o mês de maio ultimo, subiu a 178.524 toneladas de açúcar refinado, cifra que acusa um aumento de 26.10 por cento sobre o mesmo mês do ano anterior, quando foram consumidas 141.576 toneladas. No periodo de outubro de 1938, a maio deste ano, o aumento foi de 15,62 por cento.

Para o protetorado da Boemia e Moravia, os numeros mostram um aparente decrescimo, o que se deve atribuir ao fato de que em 1937/38 e 1938/39 as estatisticas se referiam a diferentes territorios.

No mês de abril, o aumento no consumo de alguns países se exprime nas seguintes percentagens: França, 17,39; Italia, 2,21; Suecia, 28,70; Irlanda, 52,99. Houve decrescimo na Polonia e na Rumania, nesta de 31,47 por cento e naquela de 7,45 por cento.

As importações tambem subiram consideravelmente em abril, excedendo as do ano passado em 34,53 por cento. Esse fato se explica principalmente por ter sido muito reduzida a safra de beterraba no ano passado em muitos países, especialmente na França, Inglaterra, Irlanda e Bulgaria. Tambem concorreu para fazer crescer as importações o desejo de algumas potencias de acumular estoques para o caso de haver guerra.

Quanto ás exportações, ficaram mais ou menos no mesmo nivel de 1938. As exportações da Alemanha elevaram-se ligeiramente, em consecuencia da decisão da Associação Central de exportar um por cento do contingente basico. Explica-se a diminuição nas exportações do Protetorado da Boemia e Moravia pelo fato de que as cifras relativas a 1938/39 compreendem apenas o Protetorado, ao passo que as de 1937/38 abrangiam toda a antiga Tchecoslovaquia. Seria uma conclusão erronea a de que o Protetorado da Boemia e

Moravia não exportará mais grandes quantidades de açúcar.

No que respeita aos estoques não ha modificações de importancia a registrar. Em quasi todos os países os estoques são menores do que os do ano passado, com exceção da Inglaterra e da Rumania. Na Inglaterra, as cifras incluem tambem os estoques de reserva do governo e na Rumania a grande produção levou a um aumento de estoques.

## HUNGRIA

Das comunicações do Congresso Agrario, reunido recentemente em Budapest, ressalta que a industria açucareira hungara sofreu muito com a redução do seu territorio e a interdição de exportação. Desde que as fabricas não têm atendido senão ás necessidades internas, a safra não dura mais que 30-35 dias, o que aumenta consideravelmente o preço de venda.

Demais, é preciso continuar a exploração, para não deixar sem pão os operarios, cujas habitações são agrupadas em torno das usinas.

Atualmente, a situação é tal que apezar da redução das taxas, sobre 100 pengo, (\*) restam á usina 46 pengo, dos quais 16 ou 18 são absorvidos pelo transporte da beterraba. Segundo as estatisticas oficiais, o saldo deverá bastar para assegurar uma produção com lucro.

(\*) Pengo é a moeda hungara, valendo ao par 4 francos 468 cts.

## POLONIA

A situação internacional aumenta o interesse das seguintes informações sobre a Polonia açucareira, publicadas pelo “Journal des Fabricants de Sucre”, de Paris, na sua edição de 19 de agosto ultimo:

“DADOS NUMERICOS -- Recolhidos e postos em dia pelo Grupo Açucareiro Polonês, os dados estatisticos aqui reproduzidos dão a imagem exata do desenvolvimento da industria açucareira no curso das nove ultimas safras:

Safras	Fabricas e Refinarias	Superfície
	ativas	cultivada
1930/31. . . . .	60	180.814
1931/32. . . . .	67	138.239
1932/33. . . . .	64	114.899
1933/34. . . . .	62	98.249
1934/35. . . . .	63	111.989
1935/36. . . . .	61	118.745
1936/37. . . . .	60	122.119
1937/38. . . . .	61	146.239
1938/39. . . . .	61	149.478
	Produção	Exportação
	ton.	ton.
1930/31. . . . .	698.051	269.838
1931/32. . . . .	443.756	217.585
1932/33. . . . .	375.983	98.177
1933/34. . . . .	309.893	83.628
1934/35. . . . .	401.379	99.785
1935/36. . . . .	400.087	73.074
1936/37. . . . .	412.616	37.077
1937/38. . . . .	505.865	80.711
1938/39. . . . .	491.260 (estim.)	50.000

A produção em 1939/40 é estimada em 575.000 toneladas.

Nas duas colunas de produção e de exportação o peso é expresso em açúcar branco.

Desde a safra de 1937/38, a exportação é feita conforme o plano da Convenção Internacional de 6 de Maio de 1937.

**GOLPE DE VISTA SOBRE A SAFRA DE 1938/39** — A superfície das plantações de beterraba aumentou para a safra de 1938/39, sendo de 149.478 hectares, contra 146.239 em 1937/38.

A colheita atingiu a um total de 3.159.159 toneladas métricas de beterraba, contra . . . . . 3.252.125 na safra precedente. A média por hectare foi de 211 quintais.

A safra começou na maior parte das usinas na segunda quinzena de outubro, sendo 61 o numero das fabricas em atividade. A fabricação seguiu geralmente um curso satisfatorio e normal; a riqueza sacarina de beterraba diminuiu: 18,26 em 1938/39, contra 18,37 em 1936/38.

A produção de açúcar se fixou definitivamente em 491.260 toneladas, valor em açúcar branco.

**CONSUMO** — O consumo de açúcar na Polonia, durante a safra de 1937/38, marcou de novo um aumento. O mercado local consumiu, nos doze meses dessa safra 412.551 toneladas, valor em açúcar branco, contra 374.599 na safra precedente. A diferença para mais se elevou, pois, a 37.952 toneladas, ou seja 10,1%.

**EXPORTAÇÃO** — Durante a safra de 1937/38, a Polonia exportou 80.711 toneladas. No primeiro plano dos países importadores pode-se incluir a Finlândia, a Inglaterra, a Grecia e a Rumania.

**TAXAS DE DIREITOS** — A taxa de consumo por 100 qls. de açúcar é fixado, desde 1º de dezembro de 1935, em 37 zlotys, (\*) para os açúcares purificados e 40,50 para os açúcares refinados.

Esse imposto grava unicamente o açúcar indigena, isto é, a parte da produção de cada usina destinada ao mercado interior (açúcar de contingenciamento). Para todo outro açúcar, fóra do contingenciamento, assim como para o açúcar importado, a taxa de consumo está fixada em 125 zlotys. O açúcar aglomerado e o açúcar refinado pagam um direito aduaneiro de 105 zlotys por 100 quilos e o açúcar bruto, 90 zlotys. Por conseguinte, o imposto total que recái sobre o açúcar importado se eleva a 230 zlotys por 100 quilos de açúcar aglomerado e de açúcar refinado e a 215 zlotys por 100 quilos de açúcar bruto.

**A ORGANIZAÇÃO DA INDUSTRIA AÇUCAREIRA POLONÊSA** — As usinas polonêsas são organizadas em duas Uniões:

1 — Związek Zachodnio-Polskiego Przemysłu Cukrowniczego (União da Industria Açucareira da Polonia Ocidental), em Poznan, com 22 usinas em atividade na safra de 1938/39. O presidente da União é o sr. Joseph Zyecklinski.

2 — Związek Zawodowy O. Krolestwa Polskiego, Wolynia, Malspolski, Slaska (União das Usinas do antigo Reino da Polonia), em Varsovia, com 35 usinas em atividade na safra de 1938/39. O presidente da União é o sr. Ludwik Pannenko.

As quatro outras usinas não fazem parte do agrupamento polonês.

Essas duas Uniões são representadas no exterior pela Rada Naczelna Polskiego Przemysłu Cukrowniczego (Conselho Supremo da Industria Açucareira Polonêsa). Esse Conselho representa os interesses de toda a industria polonêsa. O seu presidente é o sr. Joseph Zyecklinski e o vice-presidente o principe Zanusz Rodziwill.

A venda do açúcar das usinas cartelizadas dessas duas Uniões é efetuada em comum pelo Bank Cukrowictwa (Banco da Industria Açucareira), em Poznan, com filiais em Varsovia, Swow e Gdynia.

(\*) 100 zlotys equivalem a 708,71 francos.

## REINO UNIDO

Os dados estatísticos organizados pela Câmara de Comércio Inglêsa acusam um decréscimo de 62 mil toneladas nas importações de açúcar, este ano, em relação a 1938. As exportações de 1939 excederam em 13 mil toneladas as do ano passado, enquanto as cifras referentes ao consumo e aos estoques conservam-se aproximadamente no mesmo nível. De janeiro a junho do ano em curso, as importações sobrepuseram as do mesmo período de 1938 em 88.500 toneladas (numeros redondos); quanto ás exportações nota-se também um aumento — de 23 mil toneladas — em 1939, primeiro semestre, sobre 1938. O consumo de açúcar importado revela igualmente uma elevação de 88 mil toneladas nos seis primeiros meses deste ano. As cifras que se seguem são em toneladas de 2.240 libras:

	1939	1938
Importações junho. . . . .	176.251	238.090
Importações, janeiro a junho:		
Açúcares do Imperio. . . . .	585.858	539.957
Açúcares do estrangeiro. . . . .	574.346	530.290
Açúcar refinado..	17.623	18.949
<hr style="width: 50%; margin-left: 0;"/>		
Total das importações. . . . .	1.177.827	1.089.196
	1939	1938
Exportações, junho. . . . .	44.935	31.782
Exportações, janeiro a junho..	199.586	176.527
Consumo, junho.	168.084 (1)	169.394 (1)
"    janeiro a junho..	1.087.222 (1)	1.006.975 (1)
Estoques, 30 de junho:		
Açúcar bruto. . . . .	267.800	276.000
Açúcar refinado. . . . .	2.550	2.400
Açúcar produzido no país. . . . .	77.750	69.750
<hr style="width: 50%; margin-left: 0;"/>		
Total dos estoques. . . . .	348.100	348.100

(1) Referem-se somente ao consumo de açúcar importado, valor bruto.

Durante o mês de junho, os totais dos estoques decresceram de 66.250 toneladas, das quais 26.150 toneladas se devem à diminuição dos estoques de açúcar de fabricação inglêsa e 40.100 à diminuição nos estoques importados. De janeiro a maio, o consumo de açúcar produzido no país elevou-se a 133.658 toneladas contra 138.442 no mesmo período do ano anterior. O consumo de açúcar da mesma origem em junho do ano passado foi de 18.967 toneladas. A importação de açúcar em junho foi principalmente de São Domingos e Cuba; aquele vendeu 48.076 toneladas e esta 47.244. Dos dominios e colonias, os fornecedores foram os seguintes: Índias Ocidentais Britânicas, 42.838 toneladas; Ilhas Maurício, 18.967 toneladas.

A exportação de açúcar refinado fez-se principalmente para a Suíça, 13.614 toneladas; Finlândia, 5.536 toneladas e Noruega, 3.912 toneladas.

## ÍNDIA

No seu numero de junho, "The Australian Sugar Journal" publicou uma previsão sobre a produção de açúcar pelas fabricas modernas da Índia, na estação de 1938/39. Calculava-se, então, que essa produção seria de cerca de 756 mil toneladas, contra 930.700 toneladas na safra 1937/38.

Essa estimativa, porém, acaba de ser revista pelo Instituto de Tecnologia do Açúcar, de Cawnpore, segundo informa aquela publicação no seu numero de agosto ultimo. Calcula-se agora que a queda da produção açucareira será maior do que se previa. Espera-se que as fabricas produzam mais ou menos 655.900 toneladas.

Nas Provincias Unidas, a redução na safra canavieira foi de 2.500.000 toneladas, resultando numa diminuição de 207.000 toneladas de açúcar, em relação ao ano agrícola anterior. Com exceção de Madras e Bombaim, onde se verificaram pequenos aumentos, todas as demais provincias acusam produção inferior à do ano anterior.

A queda da produção indiana em 1938/39 foi um dos muitos fatores que influíram para que o Conselho Internacional do Açúcar fosse obrigado a fazer reajustamentos nas quotas para atender às condições do mercado mundial.

O Instituto Internacional de Agricultura acaba de receber do governo da Índia informações referentes à cultura da cana na safra 1939/40.

A superfície dedicada ao cultivo da cana

de açúcar é estimada em 1.499.000 hectares, isto é um aumento de 10,4% sobre a primeira estimativa do ano anterior (1.358.000 hectares) e um aumento de 0,4% sobre a média quinzenal precedente (1.493.000 hectares).

## IRAK

O governo irakiano pretende criar a industria açucareira no Irak. Esse projeto acha-se ainda em estado embrionario. O Banco Agrícola e Industrial Irakiano, "Oustansier Strett", Bagda, tem procurado fazer ensaios de cultura de beterraba e de cana de açúcar. A construção de fabricas só será decidida se esses ensaios derem resultados satisfatórios.

A importação de açúcar em Irak, cuja população não passa de 4.500.000 habitantes, é objeto de um comercio relativamente apreciavel (cerca de 43.000 toneladas por ano).

O açúcar é importado nas três fórmulas seguintes:

a) Açúcar em pães — Consumo anual, aproximadamente, de 24.000 toneladas.

b) Açúcar cristalizado ou em pó — Consumo anual de 19.000 toneladas.

c) Açúcar em pedaços — Consumo anual de 500 toneladas.

Além disso, o Irak importa para a industria local de confeitaria uma pequena quantidade de glucose — 15 toneladas anualmente — assim como açúcar refinado — 500 a 1.000 quilos por ano.

O açúcar em pães é importado principalmente do Egito e dos Países Baixos; o açúcar cristalizado ou em pó, das Indias Neerlandêsas, da Inglaterra e da Holanda; o açúcar em pedaços, de Hong-Kong, Belgica e Tchecoslovaquia.

Até 1924/25, grande parte do açúcar importado no Irak provinha da França, (Refinarias de São Luís e Refinaria do Mediterraneo). A concorrência ativa, em particular, da Belgica, Holanda, Egito, Tchecoslovaquia e Russia fez a França perder inteiramente esse mercado, para o qual as suas expedições de açúcar são atualmente nulas.

## ESTADOS UNIDOS

No ultimo numero de sua circular, Willett & Gray publicam o total de consumo de açúcar nos Estados Unidos, durante o primeiro semestre do ano de 1939. A cifra desse consumo demonstra um aumento de 25.253 toneladas inglêsas, com relação à cifra do periodo correspondente de 1938 e sendo com-

parado com a do periodo mais normal do primeiro semestre de 1936, o consumo acusa uma baixa de 455.151 toneladas inglêsas.

Eis um quadro que indica o consumo semestral e total dos dez ultimos anos:

	1º semestre	2º semestre	Total
1939.....	2.512.734	—	—
1938.....	2.491.481	3.112.570	5.604.051
1937.....	2.874.355	2.816.228	5.690.583
1936.....	2.967.885	2.553.627	5.521.512
1935.....	2.831.265	2.508.643	5.339.908
1934.....	2.706.236	2.428.510	5.134.746
1933.....	2.832.488	2.437.978	5.270.366
1932.....	2.616.723	2.597.238	5.213.961
1931.....	2.679.344	2.795.860	5.475.204
1930.....	2.879.882	2.719.495	5.599.377
1929.....	3.009.377	2.801.603	5.810.980

Resulta desse quadro que o consumo do primeiro semestre é, quasi sempre, sensivelmente superior ao do segundo.

— As estatísticas de Lamborn & Cia. demonstram que a exportação de açúcar refinado nos Estados Unidos, durante os cinco primeiros meses do ano em curso, atingiu a . . . . 33.594 toneladas metricas. Em relação ao mesmo periodo do ano anterior, quando as exportações não foram além de 19.861 toneladas, constata-se um aumento de 13.732 toneladas, que correspondem a quasi 70 por cento. As cifras das exportações de 1939 são as mais altas desde 1934, ano em que os embarques alcançaram a 35.183 toneladas.

O açúcar refinado que os Estados Unidos exportaram de janeiro a maio deste ano foi encaminhado para mais de 50 países. Na lista dos importadores do produto norte-americano, figura em primeiro logar a Inglaterra, que comprou 13.141 toneladas; a Belgica vem a seguir com 4.534 toneladas. Em terceiro logar está a Republica de São Salvador com 2.492 toneladas. Em 1938, a Inglaterra tambem ocupou o primeiro posto entre os importadores do açúcar norte-americano, com 12.175 toneladas, seguindo-se Panamá e Honduras, que compraram, respectivamente, 1.735 e 1.380 toneladas.

## TRINDADE

A Usina Santa Madalena, a maior-da colonia, encerrou a safra deste ano com uma produção bastante inferior á de 1938, que foi de 43.872 toneladas. Quasi todas as fabricas de Trindade, aliás, acusam decrescimo de produção. Em consequencia, a colonia não se

aproveitou do aumento de quota que lhe foi concedido pelo Conselho Internacional do Açúcar. Espera-se, no entanto, que Trindade reclamará um acrescimo adicional para o proximo ano, se o limite fôr aumentado.

A circunstancia de muitos plantadores ficarem desencorajados em face da quota concedida á colonia e terem diminuído as suas culturas explica em parte a redução da safra. Uma prova disso está no fato de ter havido uma redução de cerca de 80 mil toneladas na quantidade de cana entregue ás usinas, o que explica a diminuição de pelo menos 9 mil toneladas na produção açucareira. Diversas propriedades sofreram ainda as consequencias de brusca modificações atmosfericas, pois, a uma fase de forte estiagem, seguiram-se pesadas chuvas. O governo cogita de conceder um auxilio especial aos plantadores, atendendo á redução da safra.

### JAVA

Em 1938, funcionaram na ilha de Java 80 fabricas de açúcar. As plantações de cana estenderam-se numa area de 210.779 acres (85.309 hectares), u mpouco menor que a do ano anterior que foi de 211.788 acres..... (85.710 hectares). A quantidade total de cana colhida elevou-se a 11.618.640 toneladas, ou seja uma média de 55,36 toneladas por acre (136.286 toneladas por hectare). A produção de açúcar de todos os tipos atingiu a cifra de 1.378.286 toneladas, que correspondem a um rendimento de 14.380 libras por acre (16.084 quilos por hectare). Esses dados e outros que daremos a seguir baseiam-se nas estatisticas levantadas por Mr. P. C. Nicola, de Pasoe-roean.

A média de produção de açúcar em Java no ano transacto foi de 14.380 libras por acre, ou seja 16.084 quilos por hectare. Como se sabe, todas as usinas dessa possessão holandêsa vendem o açúcar que produzem por intermedio de um "trust" — o Nederlandsch Indische Vereeniging Voor der Afzet van Suiker,—cujas iniciais formam o nome "Nivas", pelo qual é habitualmente designado e conhecido.

Em 1933, a média de tonelagem de cana subiu a 55,36 toneladas por acre, ou seja 136,59 toneladas por hectare. O grupo de Sitoebondo obteve a cifra mais elevada com 62,68 toneladas, seguido do grupo Djcja, com 61,46 toneladas. O Grupo Tegal registrou a cifra mais baixa, não logrando mais do que 50,43 toneladas de cana por acre.

O conteúdo de açúcar na cana foi maior

que o de 1937, bem assim a média de extração que alcançou a cifra de 11,61. O Grupo Pekalongon conseguiu registrar o mais alto rendimento com a cifra de 13,24 por cento; o mais baixo correspondeu ao Grupo Banjoemas com 10,03 por cento.

A média mais elevada de rendimento de açúcar por acre foi obtido no grupo Djcja com 15.899 libras, ou seja 17.782 quilos por hectare e a mais baixa foi a do Grupo Probolingo com 12.051 libras, correspondentes a 13.479 quilos por hectare. A cifra maxima por fabrica foi obtida no Grupo Sitoebondo, onde a propriedade de Pradjekan conseguiu a mais alta cifra de açúcar por acre com 17.971 libras, ou seja 20.098 quilos por hectare.

O total da produção de açúcar subiu a 1.378.286 toneladas, sendo 1.366.477 toneladas de açúcar de primeira e as restantes 11.809 de tipos inferiores. O consumo do territorio das Indias Holandêsas foi estimado em 320.000 toneladas. Todo o remanescente foi destinado á exportação.

O estoque de açúcar existente ao começar a moagem em 1938 era de 309.502 toneladas e em 1 de abril deste ano de 202.831 toneladas.

## **E. G. Fontes & Co.**

Exportadores de Café, Açúcar,  
Manganez

E outros productos nacionaes

Importadores de tecidos e mercadorias em geral

Instalações para produção de  
alcool absoluto pelo processo  
das Usines de Melle

Rua Candelaria Ns. 42 e 44

TELEFONES: { 23-2539  
                  { 23-5006  
                  { 23-2447

CAIXA DO CORREIO N. 3

Telegrammas AFONTES . RIO

RIO DE JANEIRO

# PODE A INDUSTRIA DIRIGIR-SE A SI MESMA ?

## A ECONOMIA DIRIGIDA APLICADA A' INDUSTRIA AÇUCAREIRA

O. W. WILLCOX

(Tradução autorizada de Teodoro Cabral)

### CAPITULO II

Vemos, entretanto, que todas as nações, onde a industria do açúcar de beterraba se firmou, se esforçam por protegê-la e ha mesmo nações que recentemente crearam deliberadamente industrias açucareiras, onde antes não existia nenhuma, sustentando tais industrias "artificiais" com subvenções directas que representam não pequeno encargo para a fazenda publica, ou mantendo altas tarifas aduaneiras, como um meio alternativo de compêlir o povo a pagar a conta. Entre as nações que assim escarneceram dos livre-cambistas e dos economistas classicos, quando podiam ter continuado a deixar os seus povos comprar açúcar estrangeiro barato, devem ser mencionadas a Grã-Bretanha e a Turquia. Acredita-se, em geral, que os homens, quando entregues a si mesmos, comprarão no mercado acessivel mais barato, tal como se esforçarão por vender no mercado mais caro. Todavia, vemos mais da metade da população consumidora de açúcar do globo dar as costas deliberadamente ao açúcar barato, fazendo, como coletividades politicas, exatamente o contrario do que gostosamente fariam como individuos.

Eis aí uma evidente anomalia para a qual a ciencia da economia politica corrente não tem explicação pronta. A industria do açúcar da beterraba, tal qual agora se acha estabelecida e fomentada, não se ajusta a nenhum dos criterios dessa ciencia. A sua dilatada manutenção viola o principio da concorrência e nega aos produtores efficientes a vantagem que deviam usufruir pela sua situação mais favoravel ou pela sua habilidade, ou por ambas as cousas, e nega aos consumidores o direito de adquirir o que precisam ao mais baixo preço possivel; obstrue propositadamente o movimento "natural" das mercadorias no commercio e, por isso, sofre a excomunhão de todos os livre-cambistas. Premeia a relativa inefficiencia, razão pela qual é aborrecida pelos "duros individualistas" e por todos os que

acreditam na sobrevivencia do mais apto. E' a manifesta negação do acariciado desejo de todos os economistas classicos, de que o commercio internacional seja recomposto de modo que a produção dos generos basicos seja entregue ás regiões "mais aptas a produzil-os". Frequentemente se alega tudo isso e mais alguma cousa para provar que a industria do açúcar da beterraba não pôde apresentar a sombra de uma desculpa logica ou legitima para a sua existencia.

Permanece, todavia, o fato de que mais de trinta nações, incluindo praticamente tudo o que chamamos de mundo civilizado fóra dos topicos, estão firmemente determinadas a apoiar uma industria que, em face de todos os dogmas da economia politica ordinaria, é indigna de apoio; não se trata de um fenomeno superficial, mas de um que deve ter profunda significação humana. Talvez a explicação seja esta: a logica da economia corrente não compreende tanta reacção econômica humana quanto julgavam muitos dentre nós; que as regras e doutrinas oriundas da observação da conduta economica de individuos não podem ou não devem aplicar-se á conduta econômica de grandes grupos de individuos integrados. Esse fato é muito bem atestado e muito obvio para admitir duvida. Os homens podem fazer e fazem, corporativamente, o que não fazem e não podem fazer como individuos. Talvez não se afaste da verdade dizer-se que deve haver dois mundos economicos e duas ciencias economicas e que estas duas não se juxtapõem.

Entrámos nessa digressão para antecipar o conceito dominante de que "as leis econômicas não podem ser postas de parte". Este livro está cheio de exemplos em que os homens estão pondo de parte leis econômicas, ou, melhor diriamos, de exemplos em que os homens se movem em campos onde as "leis" da economia corrente não têm validade; é, literalmente, outro mundo. Somos o primeiro a conceder plena competencia aos descendentes intellectuais de Adam Smith no campo de que eles já se aproximaram — o

das reações do "homem econômico" —, mas chamo a atenção contra qualquer tentativa de exportar os conceitos construídos em torno desse indivíduo hipotético para o domínio fundamentalmente diverso da economia da comunidade. Seria complicar o assunto sem nenhum propósito útil. O que se passa a conhecer como economia social é evidentemente uma entidade distinta entre as ciências sociais e tem as suas raízes na natureza humana. Concedemos que o economista ordinário é um obreiro útil — diremos mesmo indispensável — quando trata da sua especialidade; mas, quando tenta cultivar este campo diferente com as suas ferramentas ordinárias, transforma-se com toda a probabilidade numa praga, conforme veremos.

Resumindo: deixando de lado países como a França, onde, no momento, a produção e o consumo de açúcar se acham mais ou menos balanceados, todos os países exportam ou importam açúcar. Os países importadores constituem o chamado mercado livre. Esse mercado é, apenas, relativamente livre; ha, geralmente, nêle, alguma industria açucareira indigena, que é favorecida pela legislação fiscal. Mas, tal qual se apresenta, é uma tentação para os produtores estrangeiros. Para êle afluem de todas as direções os excessos ou "surplus" de açúcar; tanto de países que deliberadamente crearam para si o negocio da exportação, como de países onde só há excessos pequenos ou ocasionais a serem colocados. Onde se concentra dessa maneira a concorrência de tantas procedencias, quem produz com menos custo é que fixa o preço mundial, exceto quando o preço é fixado pelo produtor mais necessitado, ou por produtores que, por uma razão ou por outra, praticam o que é chamado "dumping". Em qualquer dos casos, o produtor que produz a alto custo malbarata o seu capital no esforço desesperado de resistir á maré, ou eventualmente abandona o negocio, a não ser que tenha por traz de si um mercado interno bem protegido.

Mas, estando completamente à mercê da politica fiscal dos países importadores, o mercado de exportação é cheio de perigos a que não escapam mesmo os produtores mais eficientes e que produzam ao mais baixo preço de custo. Um país que tem uma industria açucareira rudimentar e se apresenta como componente do mercado livre pôde entender, amanhã, subitamente, de dar pleno desenvolvimento à sua industria açucareira.

Ilustra este ponto o recente caso de Java. Essa colonia holandêsa fica situada perto do

Equador, onde se associam todas as circunstancias para fornecerem á cana de açúcar um "habitat" mais ou menos ideal. Além de seus dons naturais de sólo e clima, Java podia contar, como produtora de açúcar, com as seguintes vantagens: proximidade das vastas populações da India, China e Japão, ausencia de outros países açucareiros muito desenvolvidos na região, e abundancia de mão de obra barata. Sobre essa base a iniciativa holandêsa montou a industria agricola-manufatureira mais maravilhosa que o mundo já conheceu. Em nenhuma outra parte houve tão intelligente e bem sucedida pesquisa de uma variedade de cana com a maxima "quantidade de vida" possível e em nenhuma outra parte foi essa vida evocada com mais habilidade científica e mais atenção pelo detalhe. O resultado combinado da ciencia holandêsa e da habilidade de organização holandêsa foi que Java podia produzir e produziu açúcar mais barato que qualquer outro país do mundo. Os rivais distantes não tinham a possibilidade de penetrar no mercado oriental de Java, ao passo que Java podia bater o preço mundial ao oeste de Suez. Centenas de milhões de capital holandês e de outras origens foram empregados na industria açucareira da ilha, dando emprego a dezenas de milhares de indigenas numa das nações mais densamente povoadas do mundo; e, graças a sucessivas realizações científicas, os gerentes das usinas e seus agrobiologistas elevaram a sua produção ao maximo de três milhões de toneladas por ano, esquecidos de que, durante todo o tempo, a sua florescente industria estava numa caverna de leões adormecidos.

Eventualmente despertaram os leões figurados. A India, berço original da cana de açúcar, sempre teve industria açucareira. Mas era das mais primitivas. Um par de róllos de madeira ou de ferro, um bufalo, uma caldeira sobre um fogão rustico e três hindús constituíam e em grande parte ainda constituem uma usina açucareira na India. O produto é o "gur", mistura de açúcar e melão que satisfaz o paladar das camadas mais humildes da sociedade indiana. Mas há uma consideravel parte da população que exige açúcar branco e este lhe podia fornecer a preço modico o efficientissimo holandês de Java. Havia uma moderada tarifa aduaneira indiana, que não era bastante elevada para proteger convenientemente as poucas fabricas indianas de açúcar branco, que existiam graças a circunstancias excepcionais.

Os ingleses, senhores da India, que aqui

como em toda parte tinham sido os principais expoentes da idéa do "laissez-faire" em economia, começaram a compreender, afinal, a realidade da situação. Perceberam, afinal, que, do ponto de vista indiano era má economia social a prolongada dependencia da India, quanto a um genero necessario, em face da existencia latente desse genero no país. E esse mal podia ser sanado com o mais simples dos expedientes: uma alta tarifa aduaneira para o açúcar. O efeito foi praticamente instantaneo. Surgiram novas fabricas de açúcar branco em toda parte, tão rapidamente quanto era possivel arranjar contratos para a plantação de cana. Um crescido numero de "ryots" indianos encontrou novas oportunidades de trabalho num país que tanto necessita de tais oportunidades.

Naturalmente, a proporção que se multiplicavam as facilidades locais para a fabricação do açúcar, ia Java perdendo o mercado indiano. Entrementes, os japoneses, que eram bons freguezes, fomentavam igualmente a sua industria açucareira nacional, em Formosa e na Mandchuria, e até os chineses, que, em globo, comem pouco açúcar, começaram a montar usinas açucareiras. O resultado de tudo foi que os plantadores javanêses, que alegremente tinham expandido a sua produção anual ao ápice dos três milhões de toneladas, viram retrahir-se o seu mercado livre a menos de meio milhão de toneladas, a maior parte para satisfazer o consumo "per capita" relativamente baixo dos indigenas javanêses. Em tempo relativamente curto o numero de suas usinas em funcionamento decresceu de 172 para menos de 40. Enormes fabricas do valor de um milhão de dolars foram vendidas, com armas e bagagens, até por mil dolars, para serem desmontadas e carregado o equipamento aproveitavel para a India ou para o Japão, para produzir açúcar para os mesmos clientes, mas sob a administração de uma economia social diferente, onde se paga mais pelo açúcar e onde se ignora a existencia dos apostolos do "laissez-faire" que reclamam a vitoria na corrida para o mais ligeiro e na batalha para o mais forte. Jamais houve tão completa derrocada de uma industria exportadora tão altamente desenvolvida, despedaçada por uma tarifa aduaneira adversa, creada para proteger e desenvolver uma industria nacional.

O desmoronamento da industria açucareira javanêsa oferece materia adequada para basear uma discussão sobre as industrias "parasiticas" e "rapinantes". Do ponto de vista da economia ordinaria, do "laissez-

faire", a industria do açúcar da beterraba é uma industria parasitica por excelencia. Ela é inefficiente por causa dos defeitos inherentes à sua materia prima em comparação com a materia prima muito melhor de outros produtores. Como condição essencial, para viver, tem de receber um premio maior do que o que seria pago se o "homem economico" seguisse a sua natural inclinação; é mantida por um "tour de force" que impede os consumidores de comprarem em mercados mais baratos. Suga recursos ao poder aquisitivo — a que honestamente não tem direito — conforme o que por honestidade entendem os circulos do "laissez-faire". A industria da cana de açúcar na India era, em particular, o que, em geral, é a industria do açúcar de beterraba. No conjunto era primitiva; mesmo as usinas "modernas" eram mal equipadas e mal dirigidas e muitas das novas não são melhores. A industria acha-se localizada, na maior parte, em regiões subtropicais, onde não existem todas as vantagens climaticas exigidas pela cana de açúcar. Além disso, as variedades de cana mais geralmente utilizadas pelos plantadores indianos são sobreviventes inferiores dos tempos antigos; e, se bem que os geneticistas indianos, guiados por Vekatraman, que não é nada menos que um genio, tenham oferecido ao "ryot" indiano melhores agrotipos de cana, a delgada Coimbatore, que êles tanto têm propagado, não se compara com as "nobres" canas tropicais.

Por outro lado (proseguindo com a logica da economia corrente do "laissez-faire"), a industria da cana de açúcar de Java era tudo o que podia ser uma industria economicamente respeitavel. Era eficiente. A mão de obra era barata. Podia utilizar essa excelente materia prima, num clima onde a cana se acha nas melhores condições e a essa materia prima applicava a industria e a ciencia agrobiologica, quimica e mecanica de maneira magistral. Podia fornecer o açúcar a um baixo preço sem igual. Tinha toda a justificação logica de existir e a sua destruição por uma tarifa estúpida, que apenas podia substituir o açúcar barato pelo açúcar caro, foi uma violação dos principios essenciais da economia classica.

Todavia (seguindo, agora, a logica da economia social), a razão de ter sido destruida a industria açucareira de Java estava na sua propria grande eficiencia. Em pé de igualdade ninguem lhe podia fazer competencia. Derrotava as industrias açucareiras indigenas. Por uma pessoa que empregava a

seu serviço, deixava sem emprego três ou mais pessoas em outra parte. Era essencialmente rapinante, pois alcançava longe, arrebatava o bem estar econômico de outrem, sem dar adequada compensação. Poder-se-ia responder que a indústria javanêsa deu suficiente compensação quando reduziu o preço do açúcar ao mínimo possível e estava pronta a fornecer tudo o que era preciso nessa base. Póde-se responder a essa objeção dizendo que a diferença de um "penny" por libra no preço do açúcar, paga pelas classes mais abastadas da população da Índia, constituiu uma imensa vantagem para as massas indianas, para com as quais nenhum dever social tinham os produtores de Java. E estes certamente tinham menos interesses recíprocos com os humildes "ryots" que os compatriotas desses mesmos "ryots".

Quanto á objeção de que não se compreende que se inverta a ordem "natural", transformando mercadorias baratas em mercadorias caras, replica-se que nenhum economista do "laissez-faire" poderá ser qualificado de economista social enquanto não veja o que é preciso que se lhe mostre. Eis aqui, de fato, a "pons asinorum" que separa esses dois ramos da ciência económica. O economista social, conforme aparecerá em ação neste livro, póde ser descrito como uma pessoa que, sendo preciso, terá a audácia de começar a reconstruir uma indústria desmantelada com a supressão dos eficientes para dar lugar aos ineficientes, fazendo o consumidor pagar mais pela obtenção do que necessita. Parece estranho, mas é assim. E não é teoria, mas fato. Todo o negocio mundial do açúcar está envolvido com as indústrias açucareiras parasiticas, armadas e fortificadas contra as indústrias açucareiras rapinantes. A catastrophe da indústria de Java é um simples episodio de um conflito geral, interno e externo, entre a eficiencia e a relativa ineficiencia, conflito em que as comunidades políticas, com admiravel unanimidade, deram o seu apoio ao lado mais fraco. Atualmente o mercado livre serve apenas a um decimo do mercado total e essa proporção promete tornar-se ainda menor. Indiscutivelmente, na sua economia açucareira, o mundo prefere o parasitismo e as comunidades políticas estão encontrando o resultado de sua preferéncia. Aqui o economista social está manifestamente por cima e o apostolo do "laissez-faire" está manifestamente por baixo.

Temos, entretanto, de concluir o nosso estudo sobre a historia recente da indústria

açucareira mundial. Anteriormente ao episodio que acabamos de relatar, em que a outrora florescente indústria açucareira de Java ficou reduzida quasi que a uma insignificancia, os produtores javanêses, juntamente com o resto do mundo açucareiro, já tinham atravessado umas duas décadas acidentadas. A Grande Guerra de 1914 poz fim a uma idade mais ou menos insulsa, em que a produção e o consumo do açúcar estavam em relativo equilibrio; se algo se podia notar, era que a procura tendia a exceder a oferta devido ao aumento geral da população e à ascensão do nivel de prosperidade que se refletia no gradual aumento do consumo "per capita" em muitas das principais nações. A produção estava dividida quasi igualmente entre o açúcar de cana e o de beterraba. O mercado livre era ainda amplo. A indústria do açúcar de beterraba estava mais altamente desenvolvida, tecnicamente e industrialmente. Contudo, o açúcar de beterraba ainda não podia competir com o açúcar de cana em termos de igualdade no mercado livre; e, para superar essa inferioridade, varios governos, que haviam garantido aos seus industriais do açúcar, por meio de tarifas proibitivas, a posse absoluta dos respectivos mercados nacionais, os encorajaram a produzirem excessos exportaveis, concedendo-lhes, de uma forma ou de outra, premios de exportação, de modo a habilita-los a vender mais barato que alguns produtores tropicais. Essa concurrencia açucareira apoiada em premios estava ajustada de maneira mais ou menos satisfatoria por meio de negociações internacionais, das quais resultou o convenio conhecido na historia açucareira como Convenio de Bruxelas, após o qual o comercio do açúcar se firmou mais ou menos placidamente em um estado normal até que irrompeu a Grande Guerra.

Essa catastrophe, que abalou o mundo, teve profunda repercussão na indústria açucareira. Quasi toda a Europa, isto é, quasi toda a área europeia da beterraba foi envolvida no conflito; e, além da muita destruição real de fabricas de açúcar e da devastação de campos produtores de beterraba, a indústria foi gravemente prejudicada pela carencia de mão de obra e escassez de fertilizantes e de outros materiais essenciais e pelo reajustamento agrario provocado pela grande luta. O resultado pratico foi que, ao encerrarem-se as hostilidades, havia grande falta de açúcar nos mercados mundiais. Em face dessa falta foram largamente reduzidas as restrições á importação. Países que

antes mantinham tarifas proibitivas tiveram de modificá-las para não ficarem sem açúcar. O mercado livre sofreu subitamente uma vasta expansão.

Em toda parte os produtores apressaram-se em tirar vantagem do que parecia ser uma excelente oportunidade. Surdiram nos tropicos novas usinas de açúcar e em parte alguma mais espetacularmente do que em Cuba. A ansia de produzir açúcar que tiveram os cubanos ou, melhor, os seus financiadores norte-americanos, é exemplificada no seu metodo de utilizar novas terras para a produção e que era o de abater e queimar a mata primitiva, cavar buracos no sólo e lançar nêles estacas de cana. Não arrancavam os tocos, nem lavravam o sólo para amaciar o leito da semente. Não havia tempo. Seja dito, para credito do sólo virgem de Cuba, que mesmo com esse tratamento rustico, a produção era abundante. Não havendo falta de capital, enquanto vigoraram bons preços, a produção cubana de açúcar expandiu-se até alcançar mais de cinco milhões de toneladas por ano; e, durante esse tempo, expansão paralela se dava em outros países que cultivav a cana.

Nesse entrementes os produtores europeus de açúcar de beterraba restauravam a sua industria: e, à proporção que recuperavam a possibilidade de proverem aos seus proprios mercados internos, começaram a reconstruir as suas paredes aduaneiras até à altura original. Gradualmente era satisfeita a necessidade mundial de açúcar, gradualmente o mercado livre se retraía ás suas dimensões primitivas ou ainda menores. Diminuía forçosamente a precipitação louca de produzir açúcar, não antes, porém, de ter-se desenvolvido uma extraordinaria capacidade produtora, não antes, também, de se terem acumulado enormes estoques. Com tal aumento da capacidade produtora e com tamanhos estoques de açúcar invendivel pendentes sobre o mercado, o preço do açúcar no mercado mundial caiu a níveis tais que nenhum produtor, nem mesmo os super-eficientes holandêses de Java, podia ter lucro ou conseguir mais que cobrir o custo de produção. Com a crise que começou em 1929, quando o consumo "per capita" do açúcar desceu apesar dessa mercadoria ter tido o preço minimo conhecido, esse quadro ainda se tornou mais negro.

Por essa época, Wall Street, pensando nos seus mais de cem milhões de dolares em jogo na industria açucareira cubana, determinou que um senhor Chadbourne, qual

Moisés, retirasse as hostes açucareiras do deserto em que estouvadamente se tinham extraviado. Era, segundo as apparencias, um pesado designio: nada menos que persuadir os donos de todas as usinas de açúcar, cujos produtos entravam no mercado livre, a restringirem suas ofertas e a reduzirem sua nova produção até que se escoassem os estoques acumulados. Parecia que só por esse meio podia o açúcar ser de novo vendido a um preço razoavel, com o sentido de um preço que dêsse aos lavradores e usinas uma compensação apreciavel pelo seu trabalho e inversão de dinheiro. O que era preciso não era um simples "gentlemen's agreement", mas um contrato obrigatorio, lavrado de acordo com o direito publico de cada país contratante, pelo qual cada usina e cada plantador de beterraba ou de cana fosse obrigado, sob pena de multa ou prisão, a fazer o sacrificio necessario e a observar as estipulações no interesse de todos.

Parece estranho, mas o senhor Chadbourne teve até certo ponto os seus esforços coroados de êxito. Os varios fabricantes de açúcar, de regiões tão diversas como o Perú, a Tchecoslovaquia, a Belgica, Cuba, a Polonia, a Alemanha, Java, a Iugoslavia e a Hungria, foram acessiveis á logica, o que se deu principalmente entre as nações exportadoras. Não sem muita discussão, foram levados a concordar em pôr no mercado livre uma tonelagem total de açúcar não excedente ás necessidades normais desse mercado e a aceitarem quotas proporcionais desse mercado, divididas em rateio que foi julgado mutuamente conveniente. Além disso, cada grupo de produtores concordou em persuadir (e persuadiu) seus legisladores compatrioticos a votarem uma lei que restringisse cada usina á sua quota de produção rateada de acôrdo com o plano Chadbourne e a restringir cada lavrador individual de beterraba ou de cana ao seu contingente na quota da usina com a qual estava ligado. Enfim, todo o mercado livre do açúcar foi amigavelmente parcelado ou rateado em toda a linha — nacionalmente, localmente, industrialmente e agricolamente — do mais poderoso capitalista ao mais humilde lavrador.

Dentro da alçada do assunto que nos ocupa, a realização do convenio de Chadbourne é um fenomeno notavel. Revela-se, nêle, o andamento de uma fase de economia social pratica, construtiva, em grande escala internacional: um bem organizado esforço mundial para deter uma rapinagem de extensão mundial e a substituição da economia

do "laissez-faire" pela economia dirigida. O fato de que o artigo em apreço fosse o açúcar é de menos importância do que se esse empreendimento se tivesse concretizado com outra mercadoria. Estamos bastante familiarizados com os cartéis mundiais nesse ou em outros ramos da produção, os quais têm sido pouco mais que acórdos frouxos entre poderosos grupos de industriais, que se mantinham unidos enquanto o julgavam conveniente. O que ha de notavel no convenio Chadbourne é que êle pudesse unir todas as nações que concorriam ao mercado livre, as que o desejavam e as que não o desejavam, as grandes e as pequenas.

Seria um prazer afirmar que o plano Chadbourne teve completo êxito, mas os seus resultados ficaram muito aquém do objetivo visado, que era possibilitar a colocação regular do excesso de produção por um periodo de cinco anos, conservar a oferta em equilibrio com a procura enquanto ia sendo colocado o excesso de produção em estoque, de modo a manter um preço que, no minimo, não acarretasse prejuizo. Mas o plano não teve todo o efeito desejado, nem em conservar o preço, nem em remover o excesso. Isso foi devido a dois fatores. O primeiro foi o decrescimo do consumo "per capita" do açúcar em todo o mundo, em resultado da crise. Mais serio ainda foi o fato de que o plano não incluiu "todos" os países exportadores, especialmente os países que não eram exportadores, porém estavam forçando por tomar posse mais completa de seus mercados internos e que, assim, estavam tornando ainda menor o mercado livre. Por isso o plano atingiu o fim do periodo com um grande excesso de açúcar em mão e não foi renovado.

Uma das principais lições do episodio de Chadbourne é, pois, que, para que o controle da produção e do preço seja um eficaz instrumento de reconstrução econômica, é preciso que todos os produtores entrem no plano. Isso pôde ser difícil, em escala internacional, principalmente quando o mercado disponível é constituído no todo ou em parte de nações que se sentem impellidas para o auto-abastecimento; mas, teremos ampla ocasião de ver que é praticavel e tem sido praticado dentro dos limites nacionais, onde os interesses em conflito podem ser levados a ajustar-se numa economia nacional.

**NOTA DO TRADUTOR.** — Esta obra foi publicada em 1936, antes, pois do acôrdo internacional açucareiro de Londres (1937), que veio modificar a situação que o autor critica no presente capítulo. Aliás, o acôrdo de Londres consagra, em parte, os principios econômicos sustentados por O. W. Willcox.

## O AÇUCAR COMO REMEDIO

Nem todos sabem que açúcar, além de ótimo alimento, agradável e são, pôde também ser considerado, sob não poucos aspectos, como remédio. O açúcar é um ótimo tônico do aparelho muscular e, portanto, do mais importante musculo do nosso organismo, o coração.

O coração doente, que difficilmente mantém a função circuladora, com o auxilio de remedios que lhe fortifiquem as pulsações e regulem o ritmo, exige também uma maior quantidade de açúcar, porque maior é o esforço que dêle se exige. Não se pode, pois conceber uma doença do coração, leve ou grave, orgânica ou nervosa, sem que se administre ao paciente uma quantidade de açúcar maior que a normal, seja com leite, seja com agua.

Em grandes doses, o açúcar pôde realizar funções purgativas e, até em doses normais, é diuretico.

Lembremos, finalmente, que o organismo vivo tem a maravilhosa faculdade de transformar os hidratos de carbono em gorduras, sempre que disponha deles em quantidade sufficiente. Dai que o melhor tratamento para aumentar de pêso seja o feito com açúcar, com o que ha ainda a vantagem de facilitar a circulação do sangue e fortificar os musculos e os nervos. E' um tratamento que devia ser sempre utilizado depois das doenças prolongadas e nas diversas formas de depauperamento organico.

# BANCO HIPOTECARIO "LAR BRASILEIRO"

S. A. DE CREDITO REAL

RUA DO OUVIDOR, 90

**CARTEIRA HIPOTECARIA** — Concede empréstimos a longo prazo para financiamento de construção. Contratos liberais. Resgate em prestações mensais, com o minimo de 1% sobre o valor do empréstimo.

**SECÇÃO DE PROPRIEIDADES** — Encarrega-se de administração, venda de imóveis de qualquer natureza e faz adiantamentos sobre alugueis a receber, mediante comissão modica a juros baixos.

**CARTEIRA COMERCIAL** — Faz descontos de efeitos comerciais e concede empréstimos com garantia de títulos da dívida publica e de empresas comerciais, a juros modicos.

**DEPOSITOS** — Recebe depositos em conta corrente à vista e a prazo, mediante as seguintes taxas: **CONTA CORRENTE A VISTA**, 3% ao ano; **CONTA CORRENTE LIMITADA**, 5%; **CONTA CORRENTE PARTICULAR**, 6%; **PRAZO FIXO**: 1 ano, 7%; 2 anos ou mais, 7 ½%; **PRAZO INDEFINIDO** — retiradas com aviso previo de 60 dias, 4% e de 90 dias, 5% ao ano.

# INSTITUTO DO AÇUCAR E DO ALCOOL

BALANCETE EM 31 DE AGÔSTO DE 1939

## A T I V O

<b>Ativo fixo</b>			
Bibliotéca do Instituto .....		25:268\$100	
Construção de distilarias:			
Pernambuco .....	18.174:780\$300		
Ponte Nova .....	2.274:685\$500	20.422:465\$800	
<hr/>			
Distilarias centrais — Campos — Custo de Instalação .....		18.965:366\$650	
Laboratorios Recife — Aparelhos e Utensilios .....		45:794\$600	
Material permanente (Secção de Alcool-Motor) .....		20:943\$300	
Tanques, Maquinismos, Bombas, Accessorios e Instalações etc. ....		643:019\$900	
Móveis e utensilios .....		517:772\$400	
Vasilhames e tambores .....		869:303\$000	
Veiculos .....		205:053\$300	41.714:987\$050
<hr/>			
Titulos e ações .....		9.611:000\$000	51.325:987\$050
<hr/>			
<b>Emprestimos</b>			
Caixa de Empréstimos a Funcionarios .....		96:899\$000	
Compras de açúcar c/ retrovenda .....		975:420\$000	
Custeio de refinarias .....		1.500:000\$000	
Empréstimos a produtores de açúcar .....		2.445:933\$000	
Financiamento a Distilarias .....		12.141:094\$650	
Financiamento p/aquisição de ações da Cia. Usinas Nacionais .....		722:444\$900	17.881:791\$550
<hr/>			
<b>Despesas Deferidas</b>			
Açúcar c/despesas .....		1.765:619\$000	
Aluguéis .....		105:275\$800	
Comissões .....		280:022\$399	
Despesas de viagem .....		385:761\$100	
Despesas Gerais .....		205:838\$700	
Despesas judiciais .....		90:860\$400	
Diárias .....		222:285\$000	
Diversas despesas .....		613:996\$200	
Estampilhas .....		2:083\$600	
Gratificações .....		327:587\$200	
Juros .....		88:881\$440	
Laboratórios — Recife:			
Drogas e materiais .....		418\$300	
Material de escritório .....		164:044\$300	
Portes e telegramas .....		28:364\$100	
Vencimentos .....		1.600:727\$100	5.881:764\$540
<hr/>			
<b>Contas de resultado</b>			
Açucar c/reajustamento, quotas de equilibrio .....		843:275\$300	
Alcool motor c/fabrico .....		4.191:208\$990	
Anuário Açucareiro — Ano de 1938 .....	79:275\$900		
Ano de 1939 .....	6:000\$000	85:125\$900	
Compras de Açúcar .....		30.004:224\$300	
Compras de alcool .....		17:529\$000	
Compras de gasolina .....		12:777\$910	
Despesas do alcool motor .....		484:656\$225	
Distilarias Centrais — Campos — Despesas de Fabricação .....		3.469:320\$500	
Livros e Boletins Estatísticos .....		44:518\$820	
Materia Prima .....		6.251:872\$550	
Revista Brasil Açucareiro .....		1:546\$200	45.406:055\$695
<hr/>			
<b>Devedores Diversos</b>			
Adeantamento p/ compras de alcool .....		876:876\$400	
Cobrança do interior .....		110:375\$100	
Contas Correntes (Saldos Devedores) .....		3.479:303\$111	
Letras a receber .....		52:871\$400	4.519:426\$011
<hr/>			
<b>Caixas e bancos</b>			
Caixa — sede do Instituto: .....		107:689\$100	

Banco do Brasil — Rio :		
C/ de arrecadação . . . . .	38.715:945\$400	
C/ Taxa s/ açúcar de Engenho . . . . .	1.440:328\$400	
C/ Movimento . . . . .	3.474:695\$200	
C/ Com Juros — Caixa Emprestimos e Funcionários . . . . .	107:859\$800	
C/ Depósitos Especiais . . . . .	681:486\$000	44.528:003\$900
Delegacias Regionais c/suprimentos . . . . .	3.637:324\$300	
Distilarias Centrais c/suprimentos . . . . .	106:461\$600	48.271:789\$800

**Contas de Compensação**

Açúcar caucionado . . . . .	1.500:000\$000	
Açúcar depositado em penhor . . . . .	58.085:853\$800	
Banco do Brasil c/ créditos . . . . .	2:001\$000	
Depositantes de títulos e valores . . . . .	1.003:000\$000	
Títulos e valores apenhados . . . . .	866:777\$800	
Valores caucionados . . . . .	27.078:054\$400	
Valores em hipoteca . . . . .	27.078:054\$400	89.511:107\$000

262.797:921\$646

**P A S S I V O**

**Fundos acumulados**

Arrecadação de sobre-taxa s/excesso prod. açúcar . . . . .	3.238:056\$500	
Arrecadação de sobre-taxa s/produção de açúcar . . . . .	439:652\$000	
Taxa s/açúcar . . . . .	122.552:129\$150	
Taxa s/açúcar de engenho . . . . .	1.539:097\$720	
Taxa s/açúcar de refinarias . . . . .	1:158\$300	
Taxa especial equilíbrio da safra 1938/39 . . . . .	2.217:572\$000	129.987:665\$670

**Reservas**

Juros suspensos . . . . .	359:743\$300	
Reserva de alcool motor . . . . .	1.853.800\$801	2.213:544\$101

**Contas de Resultado**

Açúcar c/normalização mercados internos . . . . .	71:757\$000	
Alcool aldeído — produção de Distilarias Centrais . . . . .	73:582\$450	
Alcool anidro — produção de Distilarias Centrais . . . . .	7.427:985\$300	
Multas . . . . .	2:450\$000	
Oleo de Fusel — produção de Distilarias Centrais . . . . .	6:491\$600	
Sobras e Vasamentos . . . . .	33:499\$625	
Vendas de açúcar . . . . .	20.783:879\$600	
Vendas de alcool motor . . . . .	4.525:705\$050	
Vendas de alcool s/mistura . . . . .	928:650\$000	33.854:000\$625

**Obrigações**

Contas correntes (Saldos Credores) . . . . .	2.189:581\$520	
Depósitos Especiais . . . . .	1.113:981\$500	
Depósitos de Taxa s/rapadura a restituir . . . . .	358:074\$600	
Instituto de Tecnologia c/subvenção . . . . .	82:672\$374	
Ordens de Pagamento . . . . .	1.301:726\$400	
Vales emitidos s/alcool motor . . . . .	271:421\$656	5.317:458\$050
Banco do Brasil c/financiamento . . . . .	1.914:146\$200	7.231:604\$250

**Contas de compensação**

Banco do Brasil c/caução de açúcar . . . . .	975:420\$000	
Créditos á n/disposição . . . . .	58.085:853\$800	
Depositários de títulos e valores . . . . .	866:777\$800	
Outorgantes de hipoteca . . . . .	27.078:054\$400	
Penhor mercantil :		
Usina Brasileiro S. A. . . . .	1.003:000\$000	
Cia. Usinas Nacionais . . . . .	1.500:000\$000	2.503:000\$000
Títulos e valores depositados . . . . .	2:001\$000	89.511:107\$000

262.797:921\$646

**Lucidio Leite**  
Contador

# INSTITUTO DO AÇÚCAR E DO ALCOOL

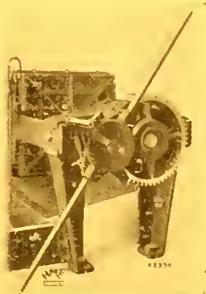
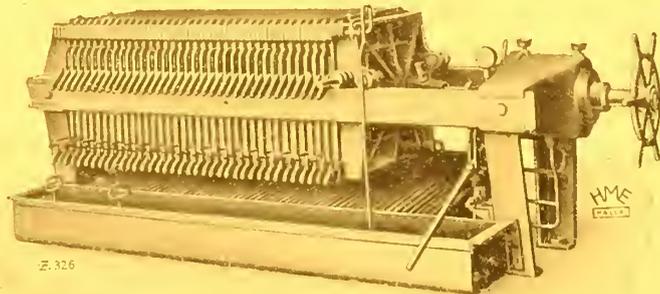
ORÇAMENTO PARA 1939 — POSIÇÃO EM 31 DE AGOSTO DE 1939

Nos.	Verbas	Duodecimo	Saldo anterior	Quota mensal	Despesas mês: Agosto	Total Despesas	Média mensal	Credito anual	Saldo do Credito anual
<b>PESSOAL:</b>									
1	Comissão Executiva.	11:900\$000(1)	(1)	(1)	(1)	35.700\$000	\$	35.700\$000	\$
2	Conselho Consultivo	4:700\$000(2)	(2)	(2)	(2)	14.100\$000	\$	14.100\$000	\$
3	Séde do Instituto . . .	110:925\$000	104:289\$900	215:214\$900	103:092\$100	775:277\$200	96:909\$650	1.317:660\$000	542:332\$800
4	Secção Técnica . . . . .	18:394\$500	23:350\$000	46:750\$500	14:250\$000	114:655\$500	14:331\$940	220:734\$000	106:078\$500
5	Fiscalis, Tributaria . . . . .	62:022\$000	71:688\$000	133:710\$000	64:524\$400	426:990\$400	53:373\$800	744:264\$000	317:273\$600
6	Delegacias Regionais . . . . .	45:950\$000	130:602\$800	176:552\$800	42:956\$800	234:004\$000	29:250\$500	551:400\$000	317:396\$000
7	Desp. de Transporte.	69:166\$666	165:070\$962	234:237\$628	66:665\$400	385:761\$100	48:220\$140	830:000\$000	444:238\$900
8	Diárias . . . . .	38:400\$000	80:150\$000	118:550\$000	33:635\$000	222:225\$000	27:785\$620	460:800\$000	238:515\$000
9	Gratificações: Comissão Executiva — Presidencia. (relativo a 9 meses)	5:000\$000	\$	5:000\$000	5:000\$000	25:000\$000	5:000\$000	45:000\$000	20:000\$000
	Comissão Executiva — Represent. e Deleg. (relativo a 9 meses)	11:300\$000	11:600\$000	22:900\$000	12:900\$000	46:500\$000	9:300\$000	101:700\$000	55:200\$000
	Conselho Consultivo. (relativo a 9 meses)	5:633\$333	17:733\$332	23:366\$665	3:600\$000	8:400\$000	1:680\$000	50:700\$000	42:300\$000
	Pro-Labore semestral	41:666\$666	78:087\$262	119:753\$928	\$	217:063\$800	27:133\$600	500:000\$000	282:931\$200
	Diversos . . . . .	6:800\$000	18:740\$000	25:540\$000	1:758\$400	30:618\$400	3:827\$300	81:600\$000	50:981\$600
<b>MATERIAL:</b>									
1	Material Permanente	3:041\$666	6:923\$262	9:964\$928	5:781\$800	20:150\$200	2:518\$780	36:500\$000	16:349\$800
2	Material de Consumo	12:900\$000	24:403\$300	37:303\$300	12:605\$900	78:502\$600	9:812\$830	154:800\$000	76:297\$400
3	Diversas Despesas . . . . .	47:506\$166	67:470\$962	114:977\$128	48:125\$900	313:198\$100	39:149\$760	570:074\$000	256:876\$900
		495:305\$997	805:115\$780	1.283:821\$777	414:895\$700	2.948:211\$300	368:293\$920	5.715:032\$000	2.766:820\$700

(1) — Quota mensal relativa a 3 meses, de Janeiro a Março — Conta parada, p/força do Decreto-lei n.º 1.178, de 30-3-39.  
(2) — Idem, idem, idem.

**LUCIDIO LEITE**  
Contador

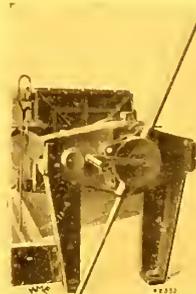
# FILTRO-PRENSAS



Prensas 40x40" com aperto manual sobre intermediario de engrenagens ou com aperto por pressão hidraulica.

Prensas 32x32" com aperto manual sobre intermediario de engrenagens.

Prensas 24x24" com simples aperto manual.



Hallesche Maschinenfabrik e Eisengiesserei  
Halle - Alemanha

USINAS DE AÇUCAR  
E  
REFINARIAS DE AÇUCAR

HERM. STOLTZ & CO

RIO DE JANEIRO: Av. Rio Branco, 66/ 74  
CAIXA POSTAL 200

TEL. 43-4820

SÃO PAULO: Rua Alvares Penteado, 8  
TEL. 5171

|| PERNAMBUCO: Av. Marquez de Olinda, 35  
TEL. 9211

# AÇUCAR ALEMÃO PARA O SUDÉSTE EUROPEU

*Transcrevemos abaixo um artigo publicado no jornal "Neues Wiener Tageblatt", de Viena, e da autoria do seu correspondente especial em Magdeburgo. Esse artigo, se bem que tenha a data de 5 de agosto ultimo, anterior de muito á guerra, conserva grande parte do seu interesse e atualidade. Assinalemos, por exemplo, o valor das informações que nos presta sobre a industria açucareira do sudéste da Europa, para acentuar o interesse que apresenta o trabalho que abrigamos em nossas colunas:*

"O entrelaçamento, cada vez mais acentuado, das relações de ordem economica entre o Reich e os Estados do Sudéste europeu, possuidores de zonas açucareiras, torna oportuno um estudo sobre a situação dos negocios de açúcar nas mesmas regiões e é dentro de tal ponto de vista que tentaremos dar uma ideia do assunto, relativamente a cada país, em particular:

## A HUNGRIA DESISTE DA EXPORTAÇÃO

Existiam na Hungria, antes da Grande Guerra, 35 usinas, das quais, em virtude do Tratado de Trianon, 21 tiveram de ser cedidas. A' industria açucareira hungara, restavam, assim, apenas 14 fabricas. Em atividade, porém, desde 1931/32, só se podiam contar 12 usinas. Em outubro de 1938, foram cedidas pela Slovaquia ao país magiar 3 fabricas, de modo que o total se elevou a 15 organizações. Depois da conflagração mundial, ficou a industria açucareira local inteiramente por terra; essa situação era de tal ordem que nem mesmo para cobrir o baixo consumo interno era suficiente a produção, tanto que na safra de 1921/22 teve-se de importar açúcar do estrangeiro. A safra de 1923/24, porém, conseguiu sobrepôr-se aos terriveis efeitos da guerra: a produção foi ás 123.654 toneladas, das quais 82.725, puderam ser exportadas. Nos anos subsequentes, a produção foi-se elevando cada vez mais até alcançar no ano-campanha 1930/31 seu nivel mais

elevado com 234.171 toneladas. A essa época, as dificuldades de venda no mercado livre condicionaram uma limitação consideravel no plantio da beterraba açucareira. Para 1938/39, espera-se uma produção de 127.000 toneladas contra 111.027 do ano anterior. A exportação do açúcar hungaro tem mostrado tendência a cair sempre nestes ultimos anos. Enquanto em 1929/30 foram exportadas 132.376 toneladas, em 1937/38 apenas 4.804 saíram do país. Instituída a economia dirigida nos negocios açucareiros da Hungria, a industria se encaminhará agora a cobrir estritamente as necessidades do consumo domestico, desistindo de toda e qualquer grande remessa para o exterior, não obstante dispôr o país de uma quota basica de exportação de 40.000 toneladas.

## RUMANIA

Data o desenvolvimento da industria do açúcar na Rumania do ano de 1874. Em linhas gerais, pode-se afirmar que o escopo principal da referida industria é o abastecimento exato do mercado interno. Como acontece com a maioria dos países europeus, a industria está sob o controle direto do governo, que procura determinar a estabilidade dos preços para a beterraba, suas sementes e para o açúcar, ao mesmo tempo que intervem nas oscilações do mercado. A produção açucareira sofreu nos ultimos anos oscilações mais ou menos serias, pois em 1937/38, para referir um exemplo, apenas foram produzidas 75.676 toneladas, não se chegando, assim, a cobrir as necessidades imediatas do mercado interno. A Rumania viu-se compelida, então, a importar 14.719 toneladas. A produção de 1938/39 deverá produzir cerca de 155.000 toneladas, com o que se satisfaz plenamente as necessidades internas e se provê ao abastecimento de emergencia. Em síntese, o que se pode afirmar quanto ao desenvolvimento da industria de açúcar naquele país, nestes proximos anos, é que se adstringirá aos limites do consumo domestico.

## IUGOSLAVIA

O mesmo que se disse para a Rumania, pode-se aplicar, no tocante ao desenvolvimento açucareiro, á Iugoslavia. Aqui tam-

bem o objetivo de suprir exatamente o abastecimento interno logrou êxito. A Iugoslavia, não obstante ter deixado de exportar açúcar desde 1929/30, jamais se desinteressou de todas as convenções internacionais visando a regular as exportações de açúcar para o mercado livre. É participante do Convenio Internacional desde maio de 1937 e manteve de pé sua exigência no contingente de reserva de uma exportação no montante de 12.500 toneladas. Quanto a efetuar essa remessa, é cousa, porém, passível de dúvidas, pelo menos no corrente ano, quando, mercê de sua pessima safra, teve de mandar buscar lá fóra cerca de 9.942 toneladas de açúcar. Não acreditamos, na realidade, que a indústria açucareira na Iugoslavia possa adquirir, nos anos vindouros, tanta importancia que lhe permita exportar para o mercado livre. A produção em 1938/39 atingiu 86.000 toneladas contra 37.370, no ano anterior.

#### A BULGARIA COBRE SUAS PROPRIAS NECESSIDADES

Este país, de 1927/28 a 1933/34, exportou para o mercado livre grandes partidas de açúcar. Daí para cá, entretanto, a indústria açucareira local tem-se situado de modo a suprir estritamente as necessidades internas. As usinas bulgaras, de certo tempo a esta parte, são manejadas, quasi que nos seus elementos essenciais, por sociedades capitalistas alienigenas, que, dado o alto custo da beterraba, lutam com toda a sorte de dificuldades. Nos ultimos tempos, então, o Estado cada vez mais procura intervir a fundo na organização da economia açucareira. Até 1937/38, pôde a indústria açucareira bulgara fazer frente, sem dificuldades, às necessidades do consumo interno; chegou ao ponto de se amontoarem até consideraveis remanescentes de safras. Em 1938/39, porém, sobreveiu uma safra má, determinando como consequencia a importação de 12.154 tons. de açúcar, vindas principalmente da Alemanha e do Protetorado. Isso, entretanto, deve ser encarado como um caso excepcional. A produção de açúcar em 1938/39 atingiu 20.000 toneladas contra 32.430 no ano precedente.

#### SITUAÇÃO DA TURQUIA

Enquanto a Rumania, Iugoslavia e Bulgaria registram um longo desenvolvimento na sua economia açucareira, a fundação da industria correlata na Turquia vem de data recentissima. No ano de 1927, foram construi-

das as duas primeiras fabricas, respectivamente em Uschak, na Smyrna, e em Alpulla, na Tracia. A elas, foram acrescidas posteriormente mais duas usinas. O plantio da beterraba açucareira na Turquia está na dependencia muito mais do que em qualquer outro país das condições meteorologicas. Uma simples falta de chuva, o que não é coisa esporadica ali, e o fracasso da safra é inevitavel. Isso explica as grandes oscilações no espaço de um só ano. A produção açucareira local beirou em 1938/39 as 47.000 tons. contra 57.306 toneladas e 73.206 toneladas, nos dois anos precedentes, quando as areas plantadas pouca ou quasi nenhuma alteração sofreram. O consumo foi em 1938/39 de 115.000 toneladas contra 107.977 toneladas, relativamente às 88.215 toneladas dos anos-campanha 1937/38 e 1936/37. A produção turca ainda não atingiu um desenvolvimento de molde a permitir o suprimento das necessidades internas, de modo que ainda terão de ser recebidas do exterior grandes quantidades de açúcar para aquele fim. O principal fornecedor é o Protetorado. A Turquia emprega atualmente todos os esforços no sentido de ampliar cada vez mais seu parque industrial açucareiro colimando preencher, dentro em breve, suas necessidades consuntivas daquele produto mundial com os seus proprios recursos. Durante certo espaço de tempo, ainda, terá aquele país de depender da importação do exterior.

#### A GRECIA NÃO DISPÕE DE INDUSTRIA AÇUCAREIRA

Pertence a Grecia ao reduzido numero de nações europeias sem cultivo da beterraba e sem industria açucareira propria. Não faltaram, para corrigir esse inconveniente, esforços publicos reiterados no sentido de implantar o cultivo da beterraba e estabelecer uma industria açucareira local, verificandose, contudo, um êxito passageiro. Isso foi pouco tempo antes da Grande Guerra. A Grecia vê-se, pois, na conjuntura de ter de importar todo o açúcar necessario ao seu consumo interno. A importação registou, em 1937/38, 89.084 tons. contra 81.080 tons., em 1936/37, figurando como principais vendedores o Protetorado da Boemia-Moravia e a Grã-Bretanha.

Vemos por aí que, em condições normais, a economia açucareira da Hungria, Rumania, Iugoslavia e Bulgaria pôde muito bem satisfazer às respectivas necessidades consuntivas.

# PRODUÇÃO E MOVIMENTO DE ALCÓOL NO MUNDO

## SUIÇA

A "Régie" dos alcoois e o Departamento Federal das Finanças têm-se recusado até aqui categoricamente a concordar com a concessão para a criação de uma fabrica de sacarificação de madeira, segundo noticia de "Der Holzmarkt Soluturn". Alegam sempre que as despesas de fabrico e a revenda de alcool produzido pela sacarificação da madeira resultariam para a administração num "deficit", que ela não está disposta nem em condições de suportar.

Desde longo tempo, o departamento florestal acentuou o fato de que um "deficit" dessa especie depende tanto do preço de venda como do preço de compra e que o preço de venda do alcool industrial exige largo prazo para ser aumentado. Esse preço, com efeito, não sofreu nenhuma modificação depois de 21 de novembro de 1932, apesar de ter havido, no outono de 1936, como que uma desvalorização do franco, cuja consequencia foi aumentar de cerca de 40% o preço de todos os produtos importados (o alcool industrial pertence a essa categoria). Todos os consumidores de mercadorias importadas suportaram então a majoração de preços. Só quanto ao alcool industrial, o encarecimento não foi suportado pelo consumidor, mas pela "Régie" dos alcoois.

Ora, a 30 de junho de 1939, os preços de venda do alcool industrial foram elevados de 10%, em média. Os novos preços do alcool fino por tonelada metrica são os seguintes:

	Alcool fino 94% (peso) Francos	Alcool abso- luto Francos
Puros, em vagões-tanques, a partir de 10,000 qgs. . . . .	56	68
Brutos, em toneis, a partir de 10,000 qgs. . . . .	57	69
Brutos, em toneis, para 5,000 qgs., no mínimo. . . . .	58	70
Brutos, por quantidades inferiores a 500 qgs. . . . .	60	72

A Associação Suíça de Economia Florestal propôs, em tempo, uma elevação de preços de 14%. A introdução da sacarificação de madeiras não teria então custado um centimo á Confederação.

vas. Nos ultimos anos, porém, viram-se aqueles países, por motivos varios, na obrigação de receber de fóra grandes quantidades de açúcar. Tanto a Grecia como a Turquia tiveram, igualmente, nos recentes anos, de abas-

Termina o referido jornal dizendo: "Não sabemos por que considerações foi agora determinado o aumento dos preços do alcool industrial, que se podia acreditar intangiveis durante largo tempo. Contentamo-nos em registrar o fato com satisfação. Não seriamos surpreendidos se por isso o maior obstaculo á realização da sacarificação da madeira na Suíça tenha sido afastado".

## FERMENTAÇÃO ALCÓOLICA NA CANA DE AÇÚCAR ATINGIDA PELA GEADA

C. A. Fort, no "Sugar Bulletin", n.º 14, nos dá conta de suas observações sobre os efeitos da geada na cana de açúcar sob o ponto de vista da fermentação alcoolica. Aliás, de ha muito procuravam os pesquisadores na Luiziana determinar tais efeitos, caracterizados, sobretudo per uma deterioração qualitativa com o aumento de acidez (acido acético) e pela formação de goma (dextran) e manitol. Após as geadas de novembro ultimo, foram seguidas de perto as modificações, de ordem fermentativa, exibidas pela cana: o aumento da acidez e o aparecimento da goma apareceram tardiamente, mas o Brix do caldo baixou, encontrando-se, além disso, grandes quantidades de di-óxido de carbono no suco.

Sugerem tais fenomenos tratar-se, no caso, mais de uma fermentação alcoolica do que acida, o que, aliás, encontrou confirmação no fato de se ter encontrado alcool, no caldo, em quantidade acima de 0,71%. Isto, como é bem de vêr, não poderá deixar de influir na análise duma cana nestas condições, como o exemplo seguinte evidenciou: o caldo apresentava 0,64% de alcool por volume, a leitura do Brix era de 16,04º, e o teor em sacarose de 13,91 e a pureza constatada, 86,7%.

A correção do calculo para esta concentração de alcool deveria ser 0,28º Brix e o Brix indicado seria, então, 16,32º, com uma pureza de 85,2. Erros desta ordem poderão tão somente se verificar nas análises dos caldos, que estão entrando na usina; os xaropes do evaporador estarão, realmente, livres de alcool, traduzindo as suas análises um resultado real.

O efeito do di-óxido de carbono na titulação do caldo ou nos destilados para a estimação do excesso de acidez pode ser muito bem eliminado pelo aquecimento, até a ebulição, da porção de prova durante alguns segundos e procedendo-se á titulação a quente. E' este um processo de escolha para as análises de caldos de canas, mais seriamente atingidas pela ação das baixas temperaturas, pois doutro modo poderão advir daí resultados falsos.

tecer seus mercados de açúcar, no todo ou em grande parte, com encomendas do exterior. Esses países serão abastecidos, de futuro, ou pela propria Alemanha ou pelo Protectorado da Boemia-Moravia."

# ESTUDO SOBRE OS APARELHOS DE VACUO

Colin W. Waddell

Qualquer que seja o processo que se utilize para reduzir o gasto de vapor nas panelas, torna-se preciso ter em conta, em primeiro lugar, a quantidade de água efetivamente consumida. Na tabela abaixo pode-se ver o resultado das medidas de consumo — em toneladas métricas por 24 horas — efetuadas numa usina das Filipinas, a qual móe 100 toneladas de cana, por hora, produzindo em média 7,13 libras de açúcar no mesmo espaço de tempo e por pé quadrado da superfície de aquecimento total das panelas.

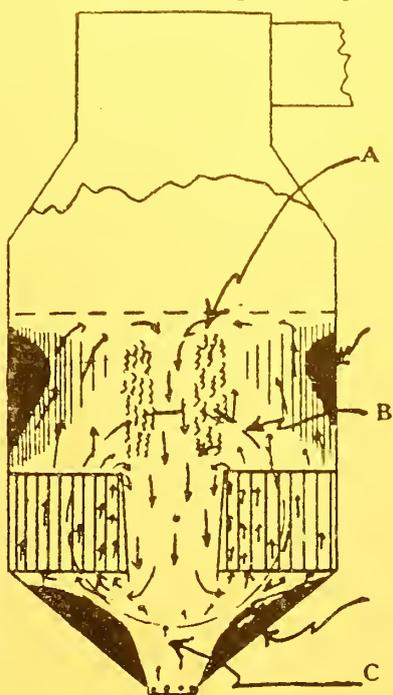


Fig. 1.

SEMANA	Adição direta d'água nas caldeiras de vacuo	Diluição dos méis nos reservatórios	Água de lavagem	Quantidade total d'água ajuntada	Evaporação proveniente do xarope	Evaporação total de todas as caldeiras
2. ....	105,0	12,6	2,6	120,2	121,0	241,2
3. ....	74,6	10,4	4,7	89,7	120,0	209,7
4. ....	76,8	9,1	4,9	90,8	117,9	207,7
5. ....	69,0	7,0	5,5	81,5	119,0	200,5
6. ....	62,7	16,0	5,0	83,7	129,0	212,8
7. ....	54,4	22,0	4,5	80,9	126,0	206,9
8. ....	52,7	17,6	4,4	74,7	120,0	194,7
9. ....	44,3	19,7	4,7	68,7	122,0	190,7
10. ....	42,7	21,7	4,9	69,3	118,0	187,3
11. ....	42,3	20,8	3,5	66,6	114,0	180,6
Média. ....	62,5	15,7	4,5	82,7	120,6	203,3

Mostram bem as cifras acima em que medida pôde ser reduzido o consumo de água, se possível com uma instalação suplementar.

As observações realizadas durante as semanas 4 e 5, quando a água ajuntada aos melços tinha sido notavelmente diminuída, mostraram que, provavelmente, menos de 15% da água ajuntada, em média, são suficientes para eliminar os falsos grãos, após o re-aquecimento a 160° F. (71° C.) nos reservatórios, antes de sua introdução nos aparelhos de vacuo, os 85% restantes sendo utilizados, durante sua concentração, propriamente dita, para evitar a formação de grãos defeituosos.

Sabe-se que existem certas zonas nos aparelhos de vacuo onde a massa cozida tende a parar, principalmente quando começa a se notar a evaporação. Atingindo tais áreas, a massa cozida vai-se esfriando e a velocidade de seu movimento tende a cair. O primeiro efeito é o aumento do grau de supersaturação e o segundo se traduz pela formação de um depósito de cristais.

A fig. 1 representa um aparelho ordinário de calandra chata, no qual, após numerosas experiencias foram delimitadas as diver-

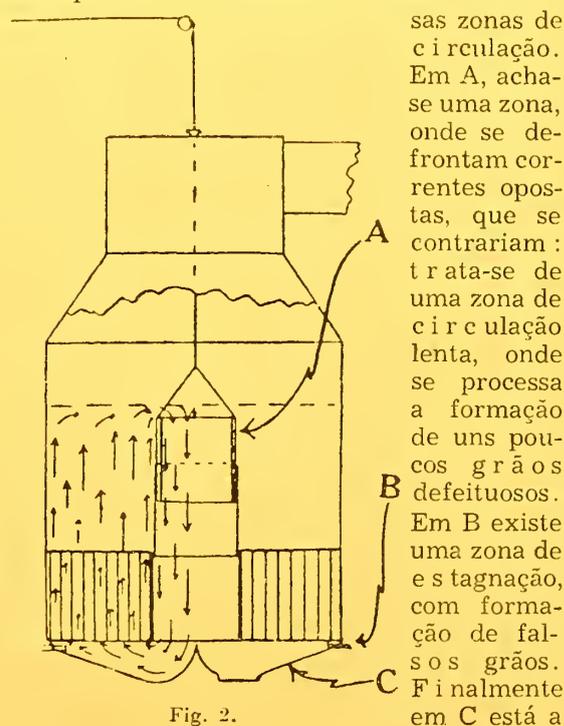


Fig. 2.

sas zonas de circulação. Em A, acha-se uma zona, onde se defrontam correntes opostas, que se contrariam: trata-se de uma zona de circulação lenta, onde se processa a formação de uns poucos grãos defeituosos. Em B existe uma zona de estagnação, com formação de falsos grãos. Finalmente em C está a

# INSTITUTO DO AÇUCAR E DO ALCOOL

## COMISSÃO EXECUTIVA

### 42.<sup>a</sup> SESSÃO ORDINARIA, REALIZADA EM 5 DE SETEMBRO DE 1939

Presentes os srs. Barbosa Lima Sobrinho, Alberto de Andrade Queiroz, Otávio Milanez, J. I. Monteiro de Barros, Alvaro Simões Lopes, Tarcisio d'Almeida Miranda e Alde Saimpaio.

Presidencia do sr. Barbosa Lima Sobrinho.

E' lida e aprovada a áta da sessão de 29 de agôsto findo.

**Abastecimento da Capital Federal** — E' lido o parecer da Gerencia do Instituto sobre o recurso do sr. Atilano C. de Oliveira, proprietário das Usinas Mineiros e São Pedro, sitas no município de Campos, relativo á integralização da quota fixada a essas fabricas para a formação do lote de abastecimento da Capital Federal, visto terem fornecido anteriormente á Cia. Usinas Nacionais um lote de 10.000 sacos de açúcar ao preço de 46\$000, por conta dos quais pede que seja considerado como realísado o fornecimento de 3.505 sacos, ainda a entregar á Companhia. O parecer opina por que, de acôrdo com resolução anterior da Comissão Executiva, deva ser mantida a quota de 17.305 sacos das Usinas Mineiros e São Pedro, pois a operação a que se refere agora o sr. Atilano C. de Oliveira não deverá influir na modificação da sua quota para o lote de abastecimento da Capital Federal. Para este, fixou-se o preço legal de 44\$000, ao passo que o lote a que se refere o sr. Atilano C. de Oliveira foi vendido a 46\$000.

A Comissão Executiva aprova o ponto de vista do parecer, observando, a respeito, o presidente que a redução das quotas daquelas duas usinas diminuiria o lote total destinado ao abastecimento do Distrito Federal e redundaria em uma exceção que, além de contrariar a resolução anterior da Comissão Executiva, acarretaria reivindicações prejudiciais á execução integral do plano do Instituto, por parte de outras Usinas. Ao recorrente

zona correspondente á entrada do xarope pelo fundo da panela, a qual é mantida em circulação durante todo o tempo em que se procede á introdução do xarope.

O exame das condições do xarope num aparelho de vacuo comum levou o autor a formular algumas regras applicaveis sobretudo aos aparelhos destinados ao cozinhamento do açúcar bruto. Assim, a relação da superficie de aquecimento para o volume deve ser, pelo menos, de 1 pé quadrado por 1 pé cubico. O xarope deve ser distribuido por 6 entradas independentes, pelo menos, dispostas a igual distancia do fundo da panela e perto da circunferencia.

A calandra deverá ser achatada e o espaço cilindrico central — representa mais

poderá, entretanto, ser facultado entender-se com a C. U. N., no sentido de considerar esta, como entrega por conta da parcela que lhe cabe, os 3.505 sacos que pleiteia reduzir na sua quota. Desde que a C. U. N. reconheça, mediante comunicação escrita ao Instituto, como efetivada a entrega daqueles 3.305 sacos por conta de sua participação no lote geral, nada haverá a opôr a que deixem aquelas usinas de entregá-los á mesma Companhia. O Instituto registrará aquela quantidade como recebida pela C. U. N., não havendo, assim, qualquer modificação na execução integral do plano de abastecimento á Capital Federal. E' unanimemente aprovada a proposta da gerencia, com a emenda apresentada pelo presidente.

**Financiamento** — O sr. Barbosa Lima Sobrinho comunica que, desde o dia 2 de setembro ultimo, foram integralmente liquidadas as operações de retrovenda, relativas ao financiamento da safra 1938-39, realizadas em Pernambuco e Alagoas. Durante o período da safra 1938-39, foram financiados, em Pernambuco, 2.001.971 sacos de açúcar, no valôr de 68.122:443\$000, e em Alagoas 145.020 sacos, no valôr de 4.467:592\$700, perfazendo o total de 2.146.991 sacos no valôr de 72.590:035\$700.

**Usina Santa Silvia** — E' lido o parecer da Gerencia, contrario ao pedido de aumento da quota da Usina Santa Silvia, no Paraná, de 256 para 3.000 sacos de açúcar, uma vez que a referida quota foi fixada em base regular e legal.

**Distilaria do Cabo** — E' autorizado, de acôrdo com os pareceres da Secção Técnica, o pagamento da quantia de 4:662\$700, pela colocação do elevador da Distilaria Central de Pernambuco.

E' aprovada a instalação de uma chave elétrica de duas direções, afim de possibilitar a ligação da energia eletrica fornecida pelo motor Diesel á rede geral de distribuição da energia eletrica da Distilaria Central de Pernambuco.

E' ainda aprovado o pagamento da importancia de 14:333\$100 á Cia. Construtora Nacional, por

ou menos 0,3 vezes o diametro da panela — será munido de um sistema telescópico (v. A, fig. 2) que se eleva automaticamente logo que o nível da massa cozida aumenta. Suprime-se, desse modo, a zona onde as correntes opostas se encontram.

Além disso, pode-se instalar um dispositivo (como em B) para alimentar a panela em numerosos pontos de modo a estimular a circulação nas vizinhanças das paredes. Por fim, resta ainda logar para a instalação de condensadores independentes para cada aparelho. O controle cuidadoso das quantidades dagua, que vão sendo metidas, é outra coisa digna de consideração.

(De "The International Sugar Journal", junho, 1939).

serviços extra-contratuais e extraordinários, incluídos na 16.<sup>a</sup> medição.

**Deshidratante** — E' aprovada a proposta do sub-assistente técnico, sr. João de Lucena Neiva para a aquisição, nos Estados Unidos, de 100 tambores de benzol, no valor de cerca de 70 contos de réis, para atender à necessidade que tem o Instituto de precaver-se contra a possibilidade de falta de deshidratante para o funcionamento das suas destilarias em Martins Lage e no Cabo, decorrente das dificuldades que poderão advir da situação criada pelo conflito europeu.

#### 43.<sup>a</sup> SESSÃO ORDINARIA, REALIZADA EM 14 DE SETEMBRO DE 1939

Presentes os srs. Barbosa Lima Sobrinho, Alberto de Andrade Queiroz, Otávio Milanez, Alvaro Simões Lopes, J. I. Monteiro de Barros, Tarcisio d'Almeida Miranda, Alde Sampaio e Alfredo de Maya.

Presidência do sr. Barbosa Lima Sobrinho.

E' lida e aprovada a ata da sessão de cinco de setembro ultimo.

**Estimativas** — O presidente traz ao conhecimento da Casa os elementos organizados pela Secção de Fiscalização, sobre as estimativas da safra, corrente, nos Estados do Rio, São Paulo e Minas. Segundo esses dados, os excessos de produção desses Estados serão, respectivamente, de 39.831, 266.277 e 3.756 sacos.

**Fiscalização** — Modificando uma proposta da Secção de Fiscalização, o presidente sugere que, em vista do aumento de despeza que a mesma acarretaria, resolve a Comissão Executiva elevar o numero de diarias dos fiscais tributarios do I.A.A. para 30 ou 31, conforme os dias do mês, mantendo porém, o seu valor atual de Rs. 20\$000.

E' unanimemente aprovada a sugestão do presidente.

**Transferencia de quota** — E lido o parecer da Secção Juridica sobre o requerimento em que o sr. Emilio R. Barbosa pede a incorporação da quota de sua Usina Alicinha ao limite da Usina Pontal. O parecer não considera suficiente a certidão junta ao processo pelo requerente para provar a propriedade do engenho em causa. Feita, porém, que seja, por documento habil, essa prova, não ha motivo para o indeferimento do pedido, zumprindo-se as formalidades legais relativas à desmontagem e lacramento dos maquinismos, etc. Em consequencia, a Comissão Executiva resolve fazer baixar o processo em diligencia, para o fim de ser apresentada pelo interessado a prova da qualidade de proprietario.

**Incorporação de quota** — Procede-se à leitura do parecer da Secção Juridica, sobre o pedido de incorporação da quota do Engenho Socego à Usina Volta Grande, sitas em Minas, ambas as fabricas. O parecer é favoravel, uma vez que se cumpram as exigencias legais, como desmonte e lacramento do maquinário do engenho, etc.

#### 44.<sup>a</sup> SESSÃO ORDINARIA, REALIZADA EM 19 DE SETEMBRO DE 1939

Presentes os srs. Barbosa Lima Sobrinho, Alberto de Andrade Queiroz, Otávio Milanez, José Inácio Monteiro de Barros, Alvaro Simões Lopes, Alde Sampaio e Alfredo de Maya.

Presidência do sr. Barbosa Lima Sobrinho.

E' lida e aprovada a ata da sessão de quatorze de setembo ultimo.

**Interpretação da lei n.º 178** — E' lido o parecer da Secção Juridica, sobre as condições em que a Societé de Sucreries Brésiliennes deseja instalar uma destilaria na Usina Paraíso, de sua propriedade, em Campos.

Pensa a Secção Juridica que, ao contrário do que julga a S. S. B., a situação dos fornecedores de cana a usinas de açúcar é idêntica à dos fornecedores de destilarias, em face da lei n.º 178. Nada obsta, porém, a fixação para as canas destinadas à produção de álcool de um preço diverso ao das canas destinadas à produção do açúcar. O parecer da Gerencia, lido a seguir, opina em sentido diverso do parecer da Secção Juridica. Entende a Gerencia que, no caso vertente, por se tratar de um acôrdo entre as duas partes, para aproveitamento especial de materia prima sobre a qual nenhum direito de fornecimento assiste ao plantador e não havendo obrigação de aquisição por parte da Usina, não está o fornecimento sujeito ao regime da lei n.º 178. Por maioria de votos, a Comissão Executiva aprova o ponto de vista da Gerencia, podendo assim a S.S.B. instalar uma destilaria junto à Usina Paraíso, no municipio de Campos, adquirindo, para o fim especial de produção de alcool, na destilaria a instalar, matéria prima de plantadores de cana, independentes das obrigações criadas pela lei n.º 178.

**Quota da Baía** — O sr. Barbosa Lima Sobrinho submete à consideração da Casa a nova reivindicação dos produtores baianos, relativa ao reajustamento da quota de equilibrio da safra 1938/39, da Baía. Pleiteiam eles o pagamento das bonificações integrais, pagas pela Cia. Usinas Nacionais ao Instituto por diferença de base de polarização. Aprovada essa pretensão, o pagamento atingiria à importância de 124:768\$200. A Comissão, entretanto, resolve aceitar a proposta da Gerencia, excluindo-se, pois, do total a pagar aos produtores baianos a importância de 14:453\$700, relativa à falta de pêso verificada no lote de demerara embarcado para a C. U. N.

**Destilaria de Ponte Nova** — Aprovada a proposta do presidente, a Comissão resolve autorizar o lavantamento do deposito feito no Banco do Brasil pelo Instituto (7.800 libras esterlinas) e relativo à primeira prestação correspondente ao fornecimento do material do trem de moendas da Destilaria de Ponte Nova, contratado com a S.F.C. Babcock & Wilcox, de Paris, bem como autorizar o pagamento da segunda prestação, no justo prazo previsto no contrato, mediante os reajustamentos futuros das taxas cambiais, de acôrdo com as prestações de contas fundadas nos contratos de cambio fechados com o Banco.

**Destilaria do Cabo** — A Gerencia do I.A.A., afim de evitar a escassez de melações de que carece a Destilaria Central de Pernambuco, para as experiencias que vai realizar, conforme indicações dos técnicos, propõe que o Instituto pague a tonelada de melação a 107\$000, nas usinas e não na Destilaria, como se resolvera a principio. Haverá assim um aumento de preço de 10\$000 a 12\$000 por tonelada, mas o Instituto fica garantido, quanto à obtenção da quantidade necessaria para o bom exito das experiencias a serem brevemente iniciadas naquele estabelecimento. E' aprovada a proposta.

# A INGLATERRA E O MERCADO MUNDIAL DE AÇUCAR

No seu numero de agosto ultimo, a revista "Facts About Sugar" publica a seguinte correspondencia sobre a posição da Inglaterra no mercado mundial de açúcar:

"Quando, em maio deste ano, os preços atingiram no mercado açucareiro de Londres o nivel de 8 "shillings", o governo britânico solicitou ao Conselho Internacional de Açúcar que procedesse a um exame da posição estatística e tomasse imediatas providencias no sentido de ser aumentada a quota do mercado livre, em 1938/39. Como é natural, a Inglaterra preocupava-se antes de tudo com o suprimento do seu mercado. Ao mesmo tempo, as refinarias inglesas pareciam acreditar que os preços do açúcar bruto haviam atingido um nivel que já não eram adequados. Os jornais chegaram a dizer que, se o Conselho não se dispuzesse a liberar quotas adicionais, o governo inglês examinaria a possibilidade de abandonar aquele órgão.

## MEDIDAS ADOTADAS PELO CONSELHO

Era evidente que o Conselho não podia deixar de atender ao pedido formulado pelo governo inglês, em vista da grande influencia que o Imperio Britânico exerce no accordo internacional do açúcar. Reunida em 10 de maio, a Comissão Executiva recomendou uma redistribuição imediata de quotas, num total de 239.000 toneladas, para os países que tiveram as suas quotas reduzidas em julho de 1938 e que dispunham de açúcar para satisfazer a nova distribuição. Recomendou ainda que os dominios e colonias britânicas tivessem permissão para aumentar de 153.265 toneladas as suas quotas do corrente ano. As medidas adotadas posteriormente para pôr em pratica essas recomendações são bem conhecidas.

E' indiscutível que essas liberações adi-

---

**Transferencia de quotas** — E' aprovada a incorporação da quota da Usina São Gonçalo, adquirida pelo sr. Osman Loureiro Farias, ao limite da Usina Camaragibe, de propriedade do mesmo, e ambas sitas em Alagôas, uma vez cumpridas as exigencias da lei, conforme o parecer da Secção Jurídica.

— De acôrdo também com o parecer desta Secção, é autorizada nova distribuição das quotas

cionais, acrescentando cerca de 390.000 toneladas, melhorou a situação estatística. Permaneceu, todavia, a duvida sobre se estava restaurado o equilibrio entre a oferta e a procura no mercado livre, e se a Inglaterra necessitava realmente da quantidade de açúcar posta á sua disposição. Temia-se que a União Sovietica não pudesse exportar a sua quota adicional de 65.956 toneladas. Segundo informou o "Financial Times", o governo inglês mostrava-se receioso da falta de açúcar em deposito e pensava que, mau grado o aumento das quotas, permaneceria um "deficit" de 106.000 toneladas. O unico país em condições de embarcar açúcar para o Reino Unido era Cuba e se não fossem tomadas as providencias necessarias para fazer frente á situação, a Inglaterra não teria outro recurso senão o de lançar mão das suas reservas. E nessa hipotese, não sómente os estoques visíveis, como os invisíveis, ficariam consideravelmente reduzidos.

Depois de divulgado esse resumo da situação do ponto de vista britânico, o Conselho Internacional de Açúcar fez uma liberação adicional de 100 mil toneladas, a qual deveria ser fornecida por Cuba, Java e São Domingos. O Conselho também interpelou a União Sovietica sobre se exportará ou não a sua quota de 65.956 toneladas. Caso a União Sovietica renuncie á sua quota, esta será distribuída a Cuba.

## A POSIÇÃO DA INGLATERRA

Nessas circunstancias, é oportuno considerar qual é a atual situação açucareira da Inglaterra. O escritório de estatística de F. O. Licht publicou recentemente um quadro abrangendo as estatísticas inglesas no periodo de setembro-maio, nos ultimos três anos. Deste quadro, destacamos as cifras abaixo:

---

dos Engenhos Trapiche e Serra Verde, do sr. Osman Loureiro Farias, não havendo, porem, alteração na soma das quotas das duas fabricas.

— E' indeferido o pedido do novo proprietario do Engenho Queimadas, no Maranhão, para a reconsideração do despacho do presidente que negou o restabelecimento da quota primitiva da referida fabrica, e de acôrdo com o parecer da Secção Jurídica.

ESTATÍSTICAS DO REINO UNIDO

Setembro - Maio

	1938—39	1937—38	1936—37
(toneladas metricas, valor bruto)			
Importações . . . . .	1.875.171	1.711.450	1.747.273
Estoques iniciais, 1. se- tembro. . . . .	325.504	226.348	185.126
Suprimento total. . . . .	2.200.675	1.937.798	1.952.603
Estoques finais, maio, 31 . . . . .	315.789	272.416	329.693
Entregas. . . . .	1.884.886	1.665.352	1.603.004
Exportações. . . . .	314.527	342.972	247.557
Consumo (calculado). . . . .	1.570.359	1.352.380	1.355.424
Consumo (oficial). . . . .	1.557.750	1.344.400	1.343.342

Não incluídos os estoques de açúcar de beterraba cultivada no país. Estes, em 31 de maio, exprimiam-se nas seguintes cifras: 117.292 toneladas metricas, valor bruto, em 1939; 100.132 toneladas em 1938 e 137.499 toneladas, em 1937.

Vê-se pelo quadro acima que as importações cresceram consideravelmente este ano. Aliás, sabe-se que a Inglaterra foi o primeiro país a constituir estoques de emergencia em 1938. O aumento das importações explica-se parte por essa medida, parte pelas maiores necessidades do consumo. O quadro mostra ainda que os estoques existentes em 31 de maio deste ano (incluindo o açúcar de fabricação inglesa) excediam de 60.503 toneladas os estoques de 1938 na mesma data, sendo, porém, inferiores em 34.116 toneladas aos de maio de 1937. Isso mostra que a constituição de estoques de emergencia não foi feita com exito completo, resultando daí a ansiedade com que o governo britânico encara o problema do abastecimento dos seus mercados açucareiros.

OS FORNECEDORES DA INGLATERRA

O quadro a seguir mostra as fontes onde a Inglaterra se abasteceu de açúcar bruto no periodo de setembro a maio dos dois ultimos anos. As cifras são em toneladas metricas.

	Setembro - Maio	
Importação da	1938—39	1937—38
Australia. . . . .	393.066	365.278
Ilha Mauricio. . . . .	259.055	247.762
África do Sul. . . . .	146.067	192.320
Índias Ocidentais Britanicas. . . . .	131.271	86.050
Ilhas Fiji. . . . .	71.668	65.167
Guiana Inglesa. . . . .	60.786	39.007
Outras fontes. . . . .	11.635	10.366
Total do Imperio. . . . .	1.073.548	1.005.950
Cuba. . . . .	418.194	334.973
São Domingos. . . . .	137.727	135.946
Java. . . . .	91.799	65.239
Perú. . . . .	51.909	74.646
Europa. . . . .	1.860	11.228
Outros países. . . . .	72.347	50.915
Total do estrangeiro. . . . .	771.976	661.723
Total geral. . . . .	1.847.384	1.678.901

Observe-se nos dados acima que as im-

portações de países estrangeiros cresceram muito mais que as dos dominios e colonias britanicas, o aumento sendo na proporção de 110 mil toneladas para os países estrangeiros e 68 mil para os dominios e colonias. O maior aumento verificou-se em Cuba, com 83 mil toneladas.

No tocante às exportações de açúcar refinado, nota-se que foram quasi identicas no periodo de setembro-maio de 1938/39 e 1937/38, isto é, 283.144 e 281.646 toneladas, respectivamente. Já em 1936/37, elas foram bem inferiores — 220.137 toneladas. O aspecto mais saliente das estatísticas de 1938/39 é que nesse ano dilataram-se as exportações para a Noruega (48.793 contra 27.512 toneladas) e para a Irlanda (44.186 contra 15.710 toneladas), entre os países europeus, e para as Índias Britanicas (14.524 contra 218 toneladas). Por outro lado, as exportações para o Uruguai e a Grecia caíram notavelmente em 1938/39. Dessas modificações apontadas a mais importante é talvez o aumento das exportações para a India. Isso dá a razão por que o "trust" vendedor do açúcar de Java reduziu drasticamente todos os preços, em fins de 1938, dos açúcares que se destinavam às Índias.

CONCLUSÕES

Resumindo as condições presentes do mercado açucareiro da Inglaterra, na conformidade dos dados estatísticos, constata-se que as importações cresceram sendo sensível no ano passado em consequencia do aumento do consumo e da acumulação de estoques de emergencia. Esse ultimo objetivo, aliás, não foi integralmente atingido. Deve-se esperar que em 1939/40 as necessidades da Inglaterra permaneceram em alto nivel, para o que contribuirá decisivamente o desejo do governo de melhorar a posição dos seus estoques.

Alguns observadores mostram-se apreensivos quanto á influencia sobre o consumo do recente aumento verificado nos preços de retalho, enquanto outros são de parecer que esse fato não exercerá a mais leve influencia desfavoravel no mercado. As exportações mostraram apenas uma ligeira tendencia para aumentar, dependendo das facilidades de obtenção de açúcar bruto um maior aumento. Em meses recentes, os refinadores não têm podido atender aos pedidos recebidos. Em vista da posição estatística, espera-se que os negocios açucareiros se desenvolvam intensamente no novo ano industrial. Convem notar que essas conclusões somente serão validas no caso de não surgirem novas ameaças no horizonte politico".

# PRODUÇÃO, EXPORTAÇÃO, CONSUMO, ESTOQUES E PREÇOS

## DE AÇÚCARES EXCLUSIVAMENTE DE USINAS

(Em sac. de 60 quilos)

SEÇÃO DE ESTATÍSTICA

INSTITUTO DO AÇÚCAR E DO ALCOOL

P E R Í O D O	Estoque inicial	Produção	Importação	Exportação	Consumo	Estoque final	Preço m/ no D. Federal	
							s/60 qs. Cristal	Refinado p/quilo
Setembro de 1939	1.337.108	1.418.225	0	—	1.191.301	1.564.032	N/	1\$100
Setembro de 1938	1.007.091	1.365.922	0	215	1.102.679	1.270.119	56\$500	1\$100
Setembro de 1937	1.367.796	1.310.594	0	158	955.323	1.722.909	58\$500	1\$100
Setembro de 1936	1.695.143	1.267.478	0	245	908.716	2.053.660	47\$500	1\$100
JUNHO / SETEMBRO								
1939/40	1.490.848	4.013.653	0	100.000	3.840.469	1.564.032	—	—
1938/39	1.589.395	3.515.630	0	299	3.834.607	1.270.119	—	—
1937/38	1.681.815	3.922.502	0	1.098	3.880.306	1.722.909	—	—
1936/37	1.771.399	3.584.933	0	1.686	3.300.991	2.053.660	—	—

## PRODUÇÃO, EXPORTAÇÃO, CONSUMO E ESTOQUES

TOTAL DE TODOS OS TIPOS  
(Usinas e Engenhos)

P E R Í O D O	Estoque inicial	Produção	Importação	Exportação	Consumo	Estoque final
Setembro de 1939	1.410.366	2.169.014	0	900	1.972.886	1.605.594
Setembro de 1938	1.027.488	2.173.422	0	215	1.916.217	1.284.478
Setembro de 1937	1.397.690	2.176.553	0	158	1.803.996	1.770.089
Setembro de 1936	1.821.914	2.099.532	0	487	1.771.651	2.149.308
JUNHO / SETEMBRO						
1939/40	1.600.557	6.383.233	0	121.287	6.256.898	1.605.594
1938/39	1.628.851	5.632.952	0	299	5.676.666	1.284.478
1937/38	1.764.335	6.027.376	0	1.289	6.020.324	1.770.089
1936/37	1.926.412	5.698.729	0	3.686	5.472.147	2.149.308

NOTA: — Consumo — refere-se a saídas para consumo.

Preços — referem-se ao último dia do mês.

Refinado — refere-se ao genero de 1.<sup>a</sup> qualidade no varejo.

# PRODUÇÃO TOTAL DE AÇUCAR

(Usinas e Engenhos)

MOVIMENTO DA SAFRA DE 1939/40  
(POSIÇÃO EM 30 DE SETEMBRO)

Instituto do Açúcar e do Alcool	A Ç U C A R (Em sacos de 60 quilos)				Total de Usinas e Engenhos	A L C O O L (Litros)
	Produção autorizada	Estimativa	Total Usinas			
			Estimativa	Total Usinas		
ESTADOS						
Acre . . . . .	7.738	10.000	—	—	2.580	—
Amazonas . . . . .	8.384	8.000	—	—	2.100	—
Pará . . . . .	27.478	38.500	4.975	4.975	38.795	18.640
Maranhão . . . . .	49.696	69.000	235	235	25.195	—
Piauí . . . . .	42.311	42.600	1.503	1.503	21.383	—
Ceará . . . . .	319.397	315.000	5.945	5.945	159.145	—
Rio G. do Norte . . . . .	149.189	146.000	7.050	7.050	36.800	46.740
Paraíba . . . . .	486.265	477.000	35.064	35.064	110.464	53.924
Pernambuco . . . . .	5.317.108	5.700.000	94.179	94.179	122.879	—
Alagoas . . . . .	1.958.067	2.250.000	72.455	72.455	97.755	62.781
Sergipe . . . . .	791.721	820.000	5.422	5.422	7.522	—
Baía . . . . .	1.044.554	1.140.000	77.859	77.859	106.559	—
Espirito Santo . . . . .	81.226	125.000	27.666	27.666	66.566	—
Rio de Janeiro . . . . .	2.114.227	2.110.000	1.625.053	1.625.053	1.692.553	6.973.376
São Paulo . . . . .	2.290.757	2.650.000	1.739.752	1.739.752	1.960.752	14.108.228
Paraná . . . . .	10.942	12.000	—	—	5.570	—
Santa Catarina . . . . .	336.220	323.000	21.354	21.354	158.154	132.477
Rio G. do Sul . . . . .	13.635	30.000	—	—	14.640	—
Minas Gerais . . . . .	1.929.030	2.411.000	287.727	287.727	1.678.427	1.317.124
Goiás . . . . .	88.776	135.000	752	752	65.252	—
Mato Grosso . . . . .	33.655	35.000	6.662	6.662	10.142	13.385
<b>TOTAIS</b> . . . . .	<b>17.154.376</b>	<b>18.838.100</b>	<b>4.013.653</b>	<b>4.013.653</b>	<b>6.383.233</b>	<b>24.726.675</b>

Seção de Estatística

# ESTOQUES TOTAIS NOS ESTADOS

NO FIM DA 2.<sup>a</sup> QUINZENA DE SETEMBRO

(Sacos de 60 quilos)

Instituto do Açúcar e do Alcool		Seção de Estatística					
ESTADOS	Gran-fina	Cristal	Demerara	Somenos	Mascavo	Bruto	Total
Rio Grande do Norte . . . . .	—	1.266	—	—	—	—	1.265
Paraíba . . . . .	—	6.780	—	—	—	79	6.859
Pernambuco . . . . .	2.673	35.045	9.903	—	1.583	14.003	63.212
Alagoás . . . . .	3.667	8.499	7.934	—	—	9.975	30.075
Sergipe . . . . .	—	31.181	3.127	—	2.048	—	36.356
Baía . . . . .	—	10.927	—	—	973	—	11.900
Rio de Janeiro . . . . .	—	413.895	—	—	250	—	414.145
D. Federal . . . . .	—	2.000	—	—	—	—	13.905
São Paulo . . . . .	—	846.850	—	21.288	—	17.500	885.638
Minas Gerais . . . . .	—	131.751	1.597	—	—	—	141.552
Goiáz . . . . .	—	—	—	—	8.204	—	685
TOTAIS . . . . .	6.340	1.488.194	22.561	21.288	25.649	41.562	1.605.594

Nota: Não existe disponível na praça de Recife.

# TOTAIS POR ESTADOS

EM IDENTICOS PERIODOS

ESTADOS	1937	1938	1939
Rio Grande do Norte . . . . .	1.426	2.183	1.265
Paraíba . . . . .	24.007	12.484	6.859
Pernambuco . . . . .	59.930	54.823	63.212
Alagoás . . . . .	6.921	10.787	30.075
Sergipe . . . . .	36.822	9.305	36.356
Baía . . . . .	21.184	10.564	11.900
Rio de Janeiro . . . . .	647.885	314.341	414.145
D. Federal . . . . .	22.530	4.118	13.906
São Paulo . . . . .	832.154	758.980	885.638
Minas Gerais . . . . .	116.811	105.484	141.552
Goiáz . . . . .	619	1.406	685
TOTAIS . . . . .	1.770.089	1.284.478	1.605.594

# COTAÇÕES

DURANTE O MÊS DE SETEMBRO

Instituto do Açúcar e do Alcool

Seção de Estatística

	1 9 3 8			1 9 3 9		
	Cristal	Demerara	Bruto	Cristal	Demerara	Bruto
<b>P R A Ç A S</b>						
João Pessoa .....	44\$000 — 47\$000	—	30\$000 — 30\$000	52\$000 — 55\$000	—	27\$000 — 27\$000
Recife .....	44\$000 — 44\$000	35\$000 — 35\$000	24\$000 — 30\$000	43\$500 — 43\$500	37\$200 — 37\$200	24\$000 — 26\$000
Maceió .....	43\$000 — 43\$000	36\$000 — 37\$000	22\$000 — 26\$000	47\$000 — 49\$000	40\$000 — 42\$000	16\$000 — 26\$000
Aracaju .....	37\$000 — 37\$000	—	20\$000 — 20\$000	38\$000 — 39\$000	—	16\$000 — 18\$000
Salvador .....	42\$000 — 42\$000	—	25\$000 — 25\$000	54\$000 — 54\$000	—	25\$000 — 25\$000
Campos .....	45\$000 — 48\$000	—	—	52\$000 — 53\$000	—	—
D. Federal .....	55\$000 — 57\$000	N/	48\$000 — 50\$000	N/	53\$000 — 54\$000	40\$000 — 42\$000
São Paulo .....	59\$000 — 60\$500	—	50\$000 — 51\$000	62\$500 — 65\$500	—	40\$000 — 41\$000
B. Horizonte .....	61\$000 — 61\$000	—	—	66\$000 — 66\$000	—	—
<b>MÉDIAS MENSIAIS</b>						
João Pessoa .....	44\$840	—	30\$000	54\$320	—	27\$000
Recife .....	44\$000	35\$000	26\$600	43\$500	37\$200	25\$000
Maceió .....	43\$000	36\$791	24\$033	47\$500	41\$000	21\$040
Aracaju .....	37\$000	—	20\$000	38\$500	—	17\$679
Salvador .....	42\$000	—	25\$000	54\$000	—	25\$000
Campos .....	47\$020	—	—	52\$500	—	—
D. Federal .....	56\$300	N/	49\$000	N/	53\$500	41\$000
São Paulo .....	59\$520	—	50\$500	64\$330	—	40\$500
B. Horizonte .....	61\$000	—	—	66\$000	—	—

Antonio Guia Cerqueira  
Chefe da Seção de Estatística

# A INDÚSTRIA AÇUCAREIRA EM MOÇAMBIQUE

O "Times", de Londres, divulgou a seguinte nota sobre a industria açucareira em Moçambique:

"Em 1858, o dr. Livingstone fez a sua segunda viagem á Africa Central, desembarcando no que é hoje o porto de Chinde. No relato que escreveu sobre as suas experiencias, o famoso explorador afirmou que as zonas marginaes do rio Zambezi, desde Conceição até acima de Chupanga, pareciam-lhe eminentemente propicias ao cultivo da cana de açúcar.

Mas foi somente em 1890 que John Hornung, pioneiro da industria açucareira de Moçambique, transformou a teoria em pratica. E' simplesmente epica a historia dos esforços de John Peter Hornung para criar a industria do açúcar, lutando quasi sozinho, transportando as primeiras moendas e outros maquinismos nos frageis barcos dos nativos e para isso subindo 100 milhas pelos rios infestados de crocodilos. A sua tenacidade venceu todos os obstaculos e em tres anos de trabalho poude colher a primeira safra de 600 toneladas de açúcar. Desses modestos principios, a industria progrediu sempre e em 1933 atingia o seu nivel mais alto. Nesse ano, tres empresas dirigindo oito fabricas modernamente equipadas fabricaram nada menos de 93.214 toneladas de açúcar.

Sob o ponto de vista do clima, a Africa Oriental Portuguesa presta-se á produção do açúcar de cana. Durante quatro ou cinco meses, de dezembro a abril, caem abundantes chuvas, numa média de 50 polegadas, havendo tambem grande humidade. A par das condições de tempo favoraveis, os terrenos de aluvião dos distritos situados em pontos mais baixos influem num sentido favoravel ao crescimento da cana, permitindo que esta possa ser colhida num periodo de 12 meses. Os restantes sete meses do ano são quasi inteiramente secos, circunstancia que acelera o amadurecimento da cana. Durante o dia, a temperatura eleva-se gradualmente, ás vezes até 120° Farenheit, maximo que é alcançado pouco antes da estação chuvosa em dezembro.

Outro fator que igualmente favoreceu o desenvolvimento da industria foi o trabalho barato. Esse fator vai, porém, desaparecendo. E' que se eleva lentamente o custo da produção, em consequencia tanto da imigração para Rand e outros logares como por-

que os nativos se vão tornando mais esclarecidos.

## APOIO DO GOVERNO PORTUGUÊS

O rapido desenvolvimento da industria açucareira deve-se precipuamente ao apoio do governo português, que, desde os primeiros tempos, estabeleceu um sistema de proteção no mercado interno para o açúcar produzido nas colonias. Essa proteção existe ainda, mas foi modificada ha poucos anos. Tal como existe agora é uma lei excelente, tipica dos metodos empregados pelo novo estado corporativo português, e consiste numa escala que opera em sentido inverso ao nivel mundial para os açúcares livres, de forma que não somente estabiliza os preços de retalho para o consumidor português como ainda assegura ao produtor um justo preço para o seu açúcar.

Por outro lado, o desenvolvimento da industria açucareira na costa ocidental da colonia influiu desfavoravelmente sobre os produtores da costa oriental. A quota de açúcar de Moçambique que Portugal protege no seu mercado interno decresceu á medida que a de Angola aumentou. Durante a ultima decada, os preços alcançados pelo açúcar no mercado livre mundial não chegam para cobrir as despesas da produção; consequentemente essa queda no mercado português resultou na diminuição da produção de Moçambique. Desde 1933, quando a produção atingiu o seu nivel mais alto, 93.214 toneladas, tres fabricas foram forçadas a fechar as suas portas e a produção de 1938, foi apenas de 64.369 toneladas, das quais 48.500 foram consumidas em Portugal e nas suas colonias.

Nas colonias funcionam atualmente tres companhias, a saber: Propriedades Açucareiras de Sena Limitada, com a capacidade de 80.000 toneladas; Propriedades de Incomati Limitada, com a capacidade de 20.000 toneladas; Companhia Colonial do Buzi, com a capacidade de 18.000 toneladas.

Vê-se, portanto, que, em condições favoraveis, ha margem para expansão.

A Companhia Propriedades Açucareiras de Sena está localizada nas duas margens do Zambézi e estende-se por 60 milhas rio acima, desde o ponto onde começa o delta. O seu porto é Chinde. A Propriedade de In-

comati tem a sua usina ao sul da colonia, em Xinavane, de onde o açúcar é transportado por estrada de ferro para Lourenço Marques, afim de ser embarcado. A Companhia Colonial do Buzi, constituída somente de capitais portugueses, está situada na zona banhada pelo rio Pungue, que se lança no mar em Beira, onde naturalmente fica o seu porto de embarque.

Para se ter uma ideia do valor dessas empresas e da sua importancia para o desenvolvimento econômico da colonia, damos, em continuação, alguns dados estatísticos referentes á Propriedades Açucareiras de Sena. Constituída de capitais ingleses, essa companhia dispõe de um capital de 2.250.000 esterlinos e possui duas refinarias e quatro usinas modernamente equipadas. As suas terras abrangem uma area de 150.000 acres, servidas por 230 milhas de estradas de ferro; possui 36 locomotivas, 2 mil carros para transporte de cana, além de 9 lanchas a motor e 50 alvarengas. Nela trabalham 500 europeus e 12 mil nativos.

Até poucos anos, apenas uma variedade de cana era cultivada — a conhecida "Ubá". Recentemente, porém, a Incomati começou a introduzir novas variedades. As outras companhias logo seguiram o exemplo e presentemente metade da zona cultivada é ocupada pelas variedades P. O. J. 2878 e C. O. 281 e 290, que foram originariamente cultivadas na India, na Estação Experimental de Coimbatore. Desde que foram adotadas essas variedades, o rendimento de açúcar por hectare aumentou sensivelmente.

Dariamos uma impressão falsa do progresso da industria, se não mencionassemos as dificuldades com que lutam os produtores. As condições climatericas, por exemplo, são as mais desfavoraveis na Africa Oriental Portuguesa. Periodos de forte estiagem são acompanhados por excessivas chuvas que provocam inundações de efeitos desastrosos. Nos meses de março e abril deste ano, o Zambézi atingiu a um nivel quasi 30 pés acima do nivel mais baixo de novembro do ano passado. Quando se sabe que o Zambezi tem uma largura de quasi duas milhas na zona canavieira, é facil calcular o imenso volume de agua nos periodos de enchente e as devastações que as mesmas causam nos canais.

#### COMBATENDO O GAFANHOTO

Não são apenas as dificuldades oriundas do clima que os agricultores teem a enfrentar. A praga dos gafanhotos persegue-os ter-

rivelmente. E' preciso vêr para acreditar o que é uma invasão de gafanhotos africanos. E' um enxame de 12 milhas de comprimento e 3 de largura, que escurece o horizonte, abatendo-se sobre as plantações. Não é pouco frequente assistir-se o espetáculo da invasão dos gafanhotos e, na época da migração e da postura, os plantadores de cana teem de lutar dia e noite contra os destruidores insetos. A luta contra o gafanhoto faz-se intensamente por todos os meios e anualmente gastam-se somas consideraveis, milhares de libras, para afastar essa terrível praga.

Apesar de muito ligeiro, o exame que acabamos de fazer da industria açucareira em Moçambique sempre indica a importancia economica do açúcar na vida da colonia lusa. O pioneiro da exploração da cana, o sr. J. P. Hornung, ainda vive e pode assim assistir á vitoria integral da sua iniciativa. Ha poucos anos, o governo português prestou-lhe uma homenagem, concedendo-lhe a comenda da Cruz de Cristo".

## COCKSHUTT Arado de disco n. 40



### Para lavoura de cana

Solidamente construído em diversos tamanhos, com 3, 4, 5 e 6 discos para serviços pesados, trabalhando com tratores de grande força. Superior em construção e rendimento.

Para informações escreva diretamente a  
**COCKSHUTT PLOW CO. LIMIT.**  
**BRANTFORD; CANADÁ**

# PRODUÇÃO E CONSUMO DE AÇÚCAR NO MUNDO

(EM TONELADAS METRICAS, VALOR EM AÇÚCAR BRUTO)

Pelo dr. Hugo Ahlfeld (F. O. Licht)

## EUROPA

	PRODUÇÃO			CONSUMO		IMPORTAÇÕES		EXPORTAÇÕES	
	1937/38	1936/37	1935/36	1936/37	1935/36	1936/37	1935/36	1936/37	1935/36
Alemanha . . . . .	2,215	1,804	1,669	1,845	1,687	7	9	3	24
Antiga Tchecoslovaquia . . . . .	740	710	558	413	399	—	—	320	161
Austria . . . . .	157	146	206	184	179	1	1	—	—
Hungria . . . . .	111	144	117	101	108	—	—	—	—
França . . . . .	965	870	914	1,114	1,062	368	357	35	9
Belgica . . . . .	240	240	237	271	252	139	128	256	278
Países Baixos . . . . .	246	237	229	333	303	159	131	119	115
Dinamarca . . . . .	251	226	245	210	209	1	5	73	53
Suecia . . . . .	346	299	295	296	298	10	5	24	1
Polonia . . . . .	562	458	444	414	383	—	—	1	—
Italia . . . . .	349	334	321	359	358	3	3	54	77
Espanha . . . . .	182(1)	266(1)	214(1)	290	297	20	—	24	19
Suiça . . . . .	13	9	8	174	152	169	145	—	—
Reino Unido . . . . .	415	572	549	2,454	2,324	2,296	2,162	1	1
Est. Livre da Irlanda (Eire) . . . . .	92	97	91	120	118	26	36	348	436
União Soviética . . . . .	2,500	1,999	2,609	2,016	2,197	—	—	—	—
Outros países . . . . .	305	351	384	812	757	413	403	199	123
(TOTAL EUROPA) . . . . .	9,689	8,762	9,090	11,408	11,083	3,612	3,385	1,461	1,299

## ASIA

India Britanica (2) . . . . .	3,345	3,895	3,333	3,868	2,336	52	194	47	35
China + Hong-Kong . . . . .	670	619	476	997	896	383	425	5	5
Império Japonês (3) . . . . .	1,328	1,202	1,099	1,114	1,102	191	244	218	262
Java . . . . .	1,420	1,416	327	592	281	—	—	1,125	873
Filipinas . . . . .	1,000	1,014	896	66	66	—	—	864	879
Outros países . . . . .	107	79	72	752	738	947	915	264	239
(TOTAL ASIA) . . . . .	7,870	8,225	6,468	7,124	6,419	1,573	1,778	2,523	2,293

## AFRICA

Egito . . . . .	150	138	132	153	142	82	37	70	50
União Sul Africana . . . . .	425	405	379	229	199	1	1	158	195
Mocambique . . . . .	75	80	69	6	6	—	—	75	63
Maurício . . . . .	315	308	285	18	14	—	—	289	274
Reunião . . . . .	80	84	91	3	3	—	—	81	88
Outros países . . . . .	137	92	91	407	364	380	341	59	51
(TOTAL AFRICA) . . . . .	1,182	1,107	1,047	816	728	463	379	732	721

AMERICA DO NORTE

Estados Unidos:									
Cana . . . . .	423	396	347	6,593	6,067	4,549	4,479	72	86
Beterraba . . . . .	1,287	1,318	1,189	26	26	—	—	804	874
Hawaii . . . . .	914	875	988	65	50	—	—	843	792
Porto Rico + Ilhas Virgínia . . . . .	904	904	840	510	485	422	439	2	2
Canadá + Terra Nova . . . . .	61	77	60	215	210	—	—	2,668	2,439
Cuba . . . . .	3,050	3,028	2,635	30	28	—	—	512	455
São Domingos + Haiti . . . . .	495	491	495	42	40	5	5	420	385
Índias Ocidentais Inglesas . . . . .	470	457	420	5	5	—	—	101	91
Índias Ocidentais Francêsas . . . . .	102	106	95	300	284	—	—	18	7
México . . . . .	316	327	342	137	129	25	23	—	—
America Central . . . . .	120	120	133	7,923	7,354	5,001	4,946	5,440	5,131
(TOTAL AMER. DO NORTE)	8,142	8,099	7,544						

AMERICA DO SUL

Argentina (4) . . . . .	411	482	433	494	387	1	1	4	5
Brasil . . . . .	975	900	1,075	921	952	—	—	5	105
Guiana Inglesa . . . . .	190	203	188	11	10	—	—	199	174
Peru . . . . .	360	406	383	77	75	—	—	322	314
Outros países . . . . .	105	100	102	310	294	232	204	19	19
(TOTAL AMER. DO SUL)	2,041	2,091	2,181	1,813	1,718	233	205	549	617

AUSTRALIA E OCEANIA

Australia (5) . . . . .	800	795	657	365	342	—	—	430	315
Fiji e outras zonas . . . . .	141	151	134	85	85	89	78	148	132
(TOTAL AUSTRALIA E OUTROS)	941	946	791	450	427	89	78	578	447
MUNDIAL:									
Açúcar de cana . . . . .	18,757	19,019	16,745	29,534	27,729	10,971	10,771	11,283	10,508
Açúcar de beterraba . . . . .	11,108	10,211	10,376						
(TOTAL)	29,865	29,230	27,121						

(1) — Inclusive açúcar de cana; a produção de açúcar de cana ascendeu a 12,000, 15,000 e 15,747 toneladas, respectivamente. (2) Dado o fato de as cifras sobre "gur" figurarem nas estatísticas hindus, foram elas convertidas em valor em açúcar bruto na proporção de 100:50. (3) Incluindo açúcar de beterraba — 47,820, 43,639 e 30,952 toneladas. (4) Incluindo açúcar de beterraba — 1,100, 2,320 e 4,900 toneladas. (5) Incluindo açúcar de beterraba — 4,700, 4,247 e 5,197 toneladas.

**ANUARIO**

**AÇUCAREIRO**

DE 1935, 1936, 1937 E 1938

PREÇO DO EXEMPLAR

brochura - 10\$000

encadernado - 20\$000

**ANUNCIOS:**

Página de 2 côres. .... 1:000\$000  
Página de 1 côr. .... 500\$000

A' venda nas Delegacias Regionais do Instituto do Açúcar e do Alcool nos Estados da Paraíba, Pernambuco, Alagôas, Sergipe, Baía, Rio de Janeiro (Campos), São Paulo e Minas

Gerais e na séde:

RUA GENERAL CAMARA, 19-7.º and.—s. 12  
Secção de Publicidade ou Caixa Postal 420

**TEL. 23-6252**

**DISTRITO FEDERAL**

# PUBLICAÇÕES

Mantendo o Instituto do Açúcar e do Alcool uma Biblioteca, anexa a esta Revista, para consulta dos seus funcionários e de quaisquer interessados, acolleremos com prazer os livros, gentilmente enviados. Embora especializada em assuntos concernentes á industria do açúcar e do alcool, desde a produção agrícola até os processos técnicos, essa Biblioteca contém ainda obras sobre a economia geral, a legislação do país, etc. O recebimento de todos os trabalhos que lhe forem remetidos será registrado nesta secção.

## KISÉRLETUGYI KOZLEMÉNYEK — Boletim das Estações Agronomicas Experimentais Hungaras.

O "Boletim das Estações Agronomicas Experimentais Hungaras", recentemente publicado, e do qual recebemos um exemplar, representa um apanhado cuidadoso de varias contribuições de ordem técnica e economica, levadas ao Congresso Internacional Técnico e Químico das Industrias Agricolas, realizado ha pouco tempo no país magiar.

O volume está bem impresso e todas as relações de valor técnico são acompanhadas de gráficos e esquemas elucidativos, além dum sumario, em inglês, francês e alemão, o que facilita grandemente a consulta dos interessados, não identificados com a difficilima lingua hungara. Na verdade, uma serie de pesquisas ineditas, nos dominios do cultivo no campo e nas determinações de laboratorio, acha-se ali bem concatenada, como poderemos ver logo adiante, o que traduz a competencia do dr. Grenzer Béla, um dos principais organizadores do certame e responsavel pela publicação, de que nos ocupamos. São os seguintes, em síntese, os principais assuntos ventilados no Boletim: Principios para a gradação e avaliação do trigo e da farinha — F. Gruzl; O papel das aguas de lavagens e de aspersão, contendo nitratos, no branqueamento das farinhas — F. Bárány; Composição das aguas do país, empregadas durante a fabricação do alcool — Taxner e Latnovits-Köllö; Em torno de um método para a determinação da concentração de ions-hidrogenio na agua, na fonte — R. Maucha; Analise dos xaropes e pastas citricas sob o ponto de vista de suas substancias basicas — Mayer e Heltai; Determinação refratometrica da graxa — Jakobey; Problemas técnicos do trabalho manual agrícola — A. Halács; A reorganisação do Real Museu Hungaro de Agricultura. — dr. G. Toborffy, afóra outros artigos dignos da atenção dos químicos e agronomos.

Na sua parte final, contem o Boletim uma lista dos institutos de pesquisas, na Hungria, e, pela especificação e numero dos mesmos, que resumimos abaixo, poder-se-á ter uma idéia do desenvolvimento da ciencia agrícola naquele país: Instituições de pesquisas e experimentações de caracter geral, para o desenvolvimento da produção agrícola — 13; Instituições tendo por fim a produção e a realização de certas especies e grupos de plantas — 8; Instituições de pesquisas e experiencias servindo á "elevage" de animais — 7; Instituições para o progresso das industrias agricolas — 7; Instituições para assegurar a qualidade das mercadorias e servir á repressão contra as falsificações das mesmas — 9; Total: 44

## THE AUSTRALIAN SUGAR JOURNAL

Recebemos os numeros correspondentes aos meses de abril, maio, junho e julho, deste ano, de "The Australian Sugar Journal", que se edita em Brisbane, Queensland, e é órgão da Associação dos Produtores de Açúcar da Australia.

Esse interessante mensario aparece em edições de 70 paginas e insere abundante materia editorial de carater técnico e informações sobre problemas da industria e da lavoura da cana na Australia e nos principais centros açucareiros do mundo.

Com uma excelente feição material, "The Australian Sugar Journal" figura ao lado das mais úteis publicações especializadas em assuntos açucareiros.

## "REPORT OF THE GOVERNEMENT SUGAR EXPERIMENTAL STATION", TAIWAN, FORMOSA, JAPÃO.

A Estação Experimental de cana de açúcar de Formosa, no Japão, pode ser enfileirada, inquestionavelmente, entre os maiores centros de pesquisas sobre a rica gramínea, no mundo. Contando com uma equipe de técnicos de renome firmado, nos diversos convenios internacionais daquele ramo da ciencia agronomica e da química do açúcar, os trabalhos saídos de Formosa logram despertar interesse não somente entre os especializados na materia mas também em muitos circulos, que se não são de todo leigos, guardam apenas ligeiras relações com a industria e a lavoura da cana e da beterraba açucareiras.

O relatório do corrente ano daquela estação não desmente a expectativa em torno do ineditismo de muitos dos assuntos abordados em suas paginas, confirmando ademais o conceito de rigorismo científico e acuidade de observação, traços que bem delimitam as investigações laboratoriais no grande país do Oriente longinquo e a que não puderam fugir as proprias pesquisas realizadas no campo. Se bem que a patologia da cana de açúcar não tenha sido objeto de grandes estudos no volume que recebemos, varios aspectos curiosos da fisiologia da cana-planta foram esmiuçados; sobreleva ainda considerar os trabalhos sobre fermentação, que atraem fortemente a curiosidade dos técnicos. O relatório abrange o seguinte: Yamasaki e Arikado — O quebramento pelo vento dos topes das variedades de cana de açúcar e sua causa mecanica; Kashibuchi — Algumas investigações sobre o flechamento das cana-plantas; Kiryu — Estudos sobre os caracteres fisiologicos da "Cerastotomella paradoxa" (v. Höhn.) Dade;

Takano e Iijima — Estudos sobre os modos de vida e hábitos do "Bufo marinus" L. em Formosa. Parte II — Ecologia da gíea e do sapinho; So e Nishioeda — Ação da luz sobre varias substancias extraídas das folhas da cana de açúcar; Yoshida — Determinação da quantidade minima de açúcar pela prova do alfanaftol; Yoshida — Uma investigação para determinar o açúcar reductor; Iwata — Experiencias sobre a fermentação alcoolica com canas lesadas; Suzuki — Progressos na fermentação do caldo de cana pela adição de seus proprios melaços; Ohtsu — Excelente qualidade de môsto para fermentação alcoolica do caldo de cana, obtida da "Chondracris Rosea de Geer; Ohtsu — A substancia estimuladora da fermentação está contida na propria cana; Honda e Nakamura — Estudo sobre a feitaura de polpa com o bagaço, pelo processo da soda; Idem — Em tôrno da composição química do bagaço; Ibidem — Sotado no preparo da polpa de bagaço.

#### O AÇUCAR EM ALAGOAS — Humberto Bastos — Maceió 1939

O Departamento de Estatística e Publicidade do municipio de Maceió dedicou o seu Boletim de agôsto ultimo ao IV Centenario da Cana de Açúcar em Campos. E essa publicação resultou num estudo oportuno e valioso sobre "O açúcar em Alagôas", feito pelo Sr. Humberto Bastos, assistente técnico e diretor interino do referido Departamento.

Como diz o proprio autor, o seu trabalho é uma síntese da evolução da industria açucareira em Alagôas. O primeiro capítulo, a título de prefacio, versa propriamente sobre o IV Centenario da Cana de Açúcar, resumindo os seus aspéctos capitais no passado e no presente. E os demais condensam téses interessantes, como o Açúcar em Alagôas, O primeiro açucar do Nordeste, Povoamento do territorio, Engenhos alagoanos, Açúcar: fator de progresso e atraso, O Negro na lavoura açucareira e a Usina.

A segunda parte do Boletim consta de quadros estatísticos, organizados sobre dados colhidos nas publicações do Instituto do Açúcar e do Alcool. Começa pela produção de açúcar nas safras de 1925-26 a 1937-38 e termina com a relação das usinas e engenhos alagoanos.

"O Açúcar em Alagôas" é, em suma, uma excelente contribuição para fixar a situação da lavoura canavieira e da industria do açúcar no Estado nordestino, á passagem daquela data.

Só é de desejar que os órgãos congêneres dos demais Estados produtores, filiados ao Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, imitem o exemplo do Departamento de Publicidade do municipio de Maceió.

#### FLORIANO E BARROSO — Maceió — 1939

Em "plaquette" cuidadosamente impressa, o Departamento de Estatística e Publicidade do municipio de Maceió reuniu os discursos pronunciados nas sessões civicas por êle promovidas, respectivamente, a 3 de Maio e 11 de Junho do corrente ano, em homenagem á memoria do Marechal Floriano Peixoto e do Almirante Barroso. Esses discursos foram proferidos pelo capitão Mario de Carvalho Lima e pelo comandante Macedo Soares Guimarães, sendo vibrantes apo-

gias dos dois inesqueciveis vultos da nossa historia.

Em "Apendice" são resumidas as biografias de Floriano Peixoto e do Almirante Barroso. Completa-se assim o trabalho em apreço, destinado á distribuição nas escolas publicas.

#### O IV CENTENARIO DA CANA DE AÇUCAR — Estado do Rio — 1939.

Editado pelo Departamento de Propaganda e Turismo do Estado do Rio, o album dedicado ao IV Centenario da Cana de Açúcar no municipio de Campos é, sem dúvida, uma das publicações mais características que essa efeméride suscitou no país. Desde a capa artistica, em que se reproduzem um antigo banguê e uma destilaria moderna, como pontos extremos da evolução da industria açucareira, esse trabalho atinge perfeitamente as suas finalidades.

O texto sintetisa a historia do aparecimento da cana de açúcar em Campos e a actual situação da velha industria no Estado do Rio. Exalta as belezas naturais e a fecundidade inesgotavel da planicie goitacá, destacando dentre os seus monumentos artisticos e historicos a Catedral de Campos e a Fazenda do Colegio, fundada pelos jesuitas e berço de Saldanha da Gama. E contém ainda detalhada noticia descritiva da Distilaria Central do Estado do Rio, construida e explorada pelo Instituto do Açúcar e do Alcool.

Numerosas e nitidas fotografuras ornam o excelente Album. Muitas delas são aspéctos externos e internos de engenhos de açúcar e da Distilaria Central. As demais, vistas panoramicas, ruas, praças, edificios, estradas e canaviais de Campos, em esplendida propaganda do maior municipio açucareiro do Brasil.

#### DIVERSAS

BRASIL — "Mundo Automobilístico", setembro de 1939; "Revista Comercial do Brasil", julho de 1939; "Boletim de Informações da Bolsa de Mercadorias de São Paulo", 2 de setembro de 1939; "Boletim do Sindicato Medico Brasileiro", julho de 1939; "Maquinas e Construções", agosto de 1939; "Seguros e Bancos", agosto de 1939; "Vida Militar", julho de 1939; "Boletim da Associação Comercial do Rio de Janeiro", 1 de setembro de 1939; "Boletim do Ministerio das Relações Exteriores" ns. 31 e 32; "Revista do Centro de Importadores de Fortaleza", julho de 1939; "Revista do Club Militar", agosto de 1939; "Revista do Departamento Nacional do Café", julho de 1939; "Mensario Estatístico da Prefeitura do Distrito Federal", junho de 1939; "Boletim da Associação Comercial do Rio de Janeiro", 8 de setembro de 1939; "Exportação de Café, Departamento de Estatística do Espirito Santo"; "Hora Medica", agosto de 1939; "Boletim do Departamento de Estatística de Santa Catarina", julho de 1939; "Cultura", setembro de 1939; "Revista Agronomica", agosto de 1939; "Revista de Química Industrial", agosto de 1939; "A Panificadora", agosto de 1939; "Boletim da Associação Comercial do Rio de Janeiro", 15 de setembro de 1939; "Boletim da Cooperativa do Instituto de Pecuaria da Baía", julho de 1939; "Viver", 15 de setembro de 1939; "Educação Física", setembro de 1939; "Boletim de Informações da Bolsa de Mercadorias de São Paulo", 16 de setembro de 1939; "Hamann", 15 de setembro de 1939; "Boletim da Associação Comercial de Pernambuco", agosto de 1939; "Boletim da Camara de Comercio Chileno-Brasileira", setembro de 1939; "Economia", setembro de 1939; "Boletim da Associação Comercial do Maranhão", julho de

# COMENTARIOS DA IMPRENSA

A transcrição de notas e comentários da nossa imprensa, nesta secção, não significa, convem deixar bem claro, concordancia, da nossa parte, com os conceitos nêles exarados.

## EXPORTAÇÃO DE AÇÚCAR

Vimos, no editorial de ontem, que a produção de açúcar de beterraba, na Europa, de 1913 a 1920, desceu de 9.015.000 a 3.326.000 toneladas, isto é, menos 5.689.000 toneladas. A' medida que se ia reduzindo a produção européia, cresciam, naturalmente, as possibilidades dos demais produtores, assim como o valor da mercadoria. E' o que podemos ver nos proprios algarismos brasileiros, através de nossa exportação de açúcar, no periodo da conflagração mundial. Em 1913, havíamos exportado apenas 5.371 toneladas. A partir dessa data, fomos numa expansão regular, descontada, em alguns anos, a influencia que podia advir da situação de nossas safras. A exportação, a partir de 1914, foi a seguinte:

	Toneladas
1914. . . . .	31.875
1915. . . . .	59.170
1916. . . . .	54.438
1917. . . . .	138.159
1918. . . . .	115.634
1919. . . . .	69.429
1920. . . . .	109.149
1921. . . . .	172.094
1922. . . . .	252.112

A influencia da guerra foi sensível. No periodo anterior á guerra, a nossa média de exportação anual não iria adiante de 20.000 toneladas. Nos primeiros três anos de luta, subiu a cêrca de 50.000 toneladas. De 1917

em diante, porém, tomou expansão moior, alcançando o maximo no trienio de 1920 a 1922. Esse ultimo ano registra, aliás, a maior exportação verificada no seculo atual. Se observarmos que o decrescimo de produção do açúcar de beterraba, na Europa, chegou ao ponto extremo em 1920, concluiremos que o desenvolvimento de nossa exportação acompanhou, de perto, o decrescimo da produção européia.

Entre o volume de exportação e o preço, a correspondencia foi tambem continua. O valor da tonelada de açúcar, em moeda inglesa, o qual, desde 1910, vinha em média pouco acima de 11 libras, não se alterou nos dois primeiros anos do luta, sendo, para 1914 e 1915, respectivamente, de 11,7 e 12,8. Mas a partir dessa data, sobem vertiginosamente:

1916. . . . .	24,0
1917. . . . .	27,9
1918. . . . .	47,2
1919. . . . .	44,7
1920. . . . .	45,6

O valor maximo foi verificado em 1918, enquanto a exportação maior se fazia em 1922. As variações cambiais cooperavam, todavia, para essas divergencias, pois que a maior cotação, em moeda brasileira, ocorria em 1920, com o preço de 970\$ por tonelada. A partir do ano de 1920, descem os preços quasi aos niveis anteriores á guerra, com uma pequena reação em 1923 e 1924. A quéda do cambio dissimulava, todavia, ou mascarava a quéda do valor em moeda britanica.

Se a influencia da guerra européia não foi imediata, quanto aos preços, o certo é que desde o primeiro momento surgiu, para a produção brasileira, uma oportunidade nova, que se foi ampliando com o tempo, á medida que se tornavam mais sensíveis os efeitos da

1939; "Revista Bancaria Brasileira", 20 de setembro de 1939.

EXTERIOR — "La Revue Agricole", maio-junho, 1939; "British Sugar Beet Review", agosto de 1939; "Revista de Agricultura", maio de 1939; "Weekly Statistical Sugar Trade Journal", 24 de agosto de 1939; "El Rotariano Argentino", agosto de 1939; "Belgique Amérique Latine", 15 de agosto de 1939; "Revista de la Cámara de Comercio Uruguayo-Brasileña", 15 de agosto de 1939; "Fortnightly Review", 12 de agosto de 1939; "Technique Suisse", julho-agosto de 1939; "Weekly Statistical Sugar Trade Journal", 31 de agosto de 1939; "Boletim da Camara de Comercio

Argentino-Brasileña", 31 de agosto de 1939; "L'Industria Saccarifera Italiana", agosto de 1939; "The Australian Sugar Journal", 10 de agosto de 1939; "Revista de Agricultura", junho de 1939; "Cuba Economica y Financiera", agosto de 1939; "Gaceta Algodonera", 31 de agosto de 1939; "Bulletin Mensuel de Reinseignments Techniques", agosto de 1939; "L'Industria Saccarifera Italiana", agosto de 1939; "Journal des Fabricants de Sucre", 19 de agosto de 1939; "Revista di Politica Economica", julho-agosto de 1939; "Resolutions adoptées par le Dixième Congrès de la Chambre de Commerce Internationale", "L'Economie Internationale", agosto de 1939; "Commerce Reports", ns. 34 e 35.

desorganização das lavouras de beterraba. Mesmo depois de cessada a luta, não conseguiu a Europa refazer-se imediatamente. Devemos aqui recordar o ensinamento de J. A. Pennock, citando, aliás, a opinião de uma autoridade de renome universal, F. O. Licht: — "As consequências das destruições sobrevindas durante o período de 1914 a 1918 se fizeram sentir ainda muito tempo, e o rendimento por hectare, que havia diminuído fortemente, só muito devagar veio a melhorar. Esse rendimento menor é uma das consequências naturais de um trabalho de campo defeituoso, de adubos insuficientes, etc. e ainda não foi de todo remediado, mesmo hoje, em numerosos países".

("Jornal do Brasil", 13-9-39).

### **POLITICA DE IRRIGAÇÃO**

Os estudiosos dos problemas canavieiros do país já haviam notado a tendencia de expansão dos nucleos produtores do Sul, ás expensas de regiões do Norte. O mosaico forçara o produtor do Sul á renovação de seus canaviais, enquanto as lavouras do setentrião continuavam fieis a especies menos produtivas e menos resistentes. Desse modo, deu-se uma especie de deslocamento na produção de açúcar. Em doze anos, de 1925 a 1937, registrava-se, nas safras do Sul, uma expansão prodigiosa, passando de 1.100.000 sacos a . . . . . 5.270.000, considerando os algarismos concernentes aos Estados do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais. Entretanto, naquele mesmo espaço de tempo, a produção de Pernambuco, Alagôas e Sergipe quasi se mantinha estacionaria, pois que era de . . . . . 3.081.000 sacos em 1925 e 3.322.000 em 1937. No Sul, quasi quintuplicára a produção, que no Nordeste se conservava inalteravel.

E' verdade que o ano de 1937 representava uma fase de seca para os Estados do Norte. Nem por isso, entretanto, se alterava a expressão do fenomeno, pois que os decrescimos de produção daquela zona valiam como estímulo para os produtores do Sul. Considerava-se fóra de duvida a necessidade de tornar estavel a safra do Norte, evitando as oscilações verificadas nos ultimos anos, em correspondencia com a quantidade de chuvas observadas. Basta lembrar que Pernambuco produzira, em 1935-36, mais de quatro milhões e meio de sacos, para na safra seguinte se limitar a cerca de 2.100.000 sacos, menos de metade da safra anterior. Cada colapso de safra nortista obrigava a uma concessão nova aos produtores do Sul, com a dificuldade de conseguir de-

pois, diante dessas lavouras aumentadas, o retorno aos limites anteriores. Se o Norte queria evitar o desastre, só teria diante de si um meio, a politica da agua, o trabalho decidido para a criação de um sistema eficaz de irrigação.

Os produtores de Pernambuco perceberam a expressão e gravidade do problema e não faltaram com as medidas indispensaveis. O ultimo numero de "O Observador Económico" nos dá noticia minuciosa dos trabalhos de irrigação, através de um excelente e documentado estudo do sr. Gileno Dé Carli, que soube reunir dados preciosos e consideravel informação fotografica. Muitas são as usinas que realizam planos de irrigação. Basta citar as usinas Catende, Santa Terezinha, Tiama, Marsau-Assú, Bulhões, Matari, 13 de Maio, Barreiros, Petribú, Mussurepe, Pumati, Capibaribe e outras. Cada uma faz o que póde, dentro de suas necessidades. Catende, por exemplo, gastou cerca de 1.500 contos; Santa Terezinha anda com as suas despesas de irrigação por perto de quatro mil contos. Com a sua actual instalação de força e barragens, póde a usina Santa Terezinha irrigar 1.600 hectares. A usina Tiama prepara barragens com uma capacidade total de perto de quatro milhões de metros cubicos, para mais de mil hectares de terra, com o auxilio de agua bombeada do rio.

A irrigação, por si só, não resolveria o problema da produção canavieira do Norte. Tornava-se tambem necessaria a adubação, que está sendo feita de maneira racional, com resultados magnificos. Em Catende, dos estudos feitos pelos técnicos, chegou-se á conclusão de que a produção média era de 85 toneladas e 690 quilos por hectare, na zona irrigada e adubada, enquanto a média de cana de planta não irrigada só atingiu a 30 toneladas, com uma diferença, pois, de 55 toneladas por hectare. Essa vantagem talvez seja o menor dos beneficios resultantes dessa politica de irrigação.

("Jornal do Brasil", 26-9-39).

### **MERCADO PARA UM PRODUTO NOSSÓ**

O melaço é, como todos nós sabemos, um sub-produto da cana de açúcar. Diversas applicações encontra êle no Brasil, conforme as regiões produtoras de cana.

Parece, porém, que um emprego não lhe é dado entre nós: o de facilitar a ensilagem das colheitas ricas em proteínas. Aliás, os silos, ou tulhas subterraneas, não são ainda de

uma pratica generalizada em nossas lavouras; são-n'ó, porém, em numerosos países, entre os quais o Canadá.

Depois de demoradas experiencias, o Departamento de Agricultura do Dominio chegou a conclusão de que o melaço é excelente, sob varios aspectos, para a bõa conservação das forragens e até mesmo dos legumes.

Um relatório oficial, ao qual se reporta o "Serviço de Noticias Canadenses", que nos fornece estas notas; dizia recentemente o seguinte:

"A alfafa, o trevo, certo feijão e certas forragens, como a Phleum Pratense, tem sido ensilados com sucesso mediante a adição de quarenta libras de melaço por tonelada de material.

Os melaços adicionam carbo-hidratos ás colheitas ricas em proteínas e dão uma ração mais perfeitamente equilibrada. Fornecem o necessario açúcar para uma fermentação favoravel e para a preservação da ensilagem.

Melhora o sabôr da ensilagem para os produtos de legumes e pode significar a diferença que ha entre ensilagem deteriorada e impropria á alimentação e ensilagem de excelente qualidade e de grande valor nutritivo".

Aconselhada pelo Departamento de Agricultura, a ensilagem com o emprego de melaço estende-se nos campos canadenses e, como o Dominio não produz cana de açúcar, tem de importar o sub-produto do estrangeiro.

Essa importação, em 1938, ascendeu a treze milhões de galões (cada galão, 4 1/2 litros), fornecidos pela Guiana Inglesa e pela ilha de Barbados em maxima parte, distribuindo-se o restante do fornecimento pela Jamaica, Trinidad, Tubago, outras partes das Indias Ocidentais Britanicas, Cuba e Estados Unidos.

Achando-se em super-produção o açúcar brasileiro, parece que deve haver largas disponibilidades de melaço em nossas usinas e nos banguês. Nesse caso, por que não tentar a sua introdução no Canadá?

Por que não estudar convenientemente esse mercado, que tantas possibilidades de consumo oferece a muitos dos nossos produtos?

("Diario de Noticias", 23-9-39).

## A AUTARQUIA E A FABRICAÇÃO DO ALCOOL

Para os países que procuram bastar-se a si mesmos, diz um jornal italiano, depois do ferro e do carvão, o alcool etílico é o produto que mais interessa. Ele pôde ser utilizado, seja como materia prima para a fabricação da borracha sintética, seja como carburante, substituindo ou misturado a hidrocarburetos provenientes do estrangeiro.

E' principalmente para este fim que o alcool etílico interessa os países que procuram realizar a autarquia, porque com os processos que vão sendo utilizados cada vez mais para a transformação em alcool de residuos agrícolas ricos em celulose, sua possibilidade de produção em grandes quantidades cresce cada vez mais. Esses residuos, na maior parte destruidos agora, podem constituir a base de uma grande industria nacional. E entre êles é preciso destacar a serragem e a palha das regiões produtoras de trigo.

Ha pouco o professor Mario Giordani, da Universidade de Roma, fez uma exposição sobre os fenomenos da transformação da celulose e seus derivados em açúcares fermentaveis ou não, facilmente ou não transformaveis em alcool, terminando-a com um breve resumo dos processos industriais applicados até hoje nestas transformações.

Segundo êle, três são os processos que estão sendo utilizados e que apresentam possibilidades de exito: dois alemães, o de Bergius e o de Scholler, e um italiano, o de Giordani e Leone. Depois de explicar detalhadamente os processos alemães, passou o conferencista a se referir ao italiano, demonstrando que este exige uma maquinação menos complicada e não obriga a utilização de metais especiais, tendo ainda a vantagem de dar como sub-produto outros materiais uteis, tais como acido acetico. O processo italiano já saiu dos laboratorios. Uma pequena fabrica, sob o controle do Conselho Nacional de Pesquisas da Italia, está em pleno funcionamento e até o fim de 1939 deverá ser inaugurada uma grande empresa, utilizando o mesmo método, na zona industrial de Bolzano.

### Alcometria, Estereometria e Analise do Alcool

Livro do dr. Anibal R. de Matos

Á venda na Secção de Publicidade do

Instituto do Açucar e do Alcool

# BRASIL AÇUCAREIRO

ORGÃO OFICIAL DO INSTITUTO DO AÇUCAR E DO ALCOOL

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA GENERAL CAMARA N. 19-7.º and.-s. 12  
TELEFONE: 23-6252 — CAIXA POSTAL, 420

OFICINAS — RUA MAYRINK VEIGA, 22 — TELEFONE 23-3990

DIRETOR — Miguel Costa Filho

Redator principal — Joaquim de Melo

Redatores — Gileno Dé Carli, José Leite e R. Vieira de Melo

Assinatura anual, para o Brasil . . . . .	24\$000
Assinatura anual, para o exterior . . . . .	30\$000
Numero avulso . . . . .	3\$000
Numero atrazado . . . . .	5\$000

Acham-se esgotados, para venda avulsa, os numeros de março, abril e maio de 1934, abril e junho de 1935 e janeiro e março de 1936.

Vendem-se, porém, coleções desde o 1.º numero, solidamente encadernadas por semestres, ao preço de 35\$000 o volume.

As remessas de valores, vales postais, etc., devem ser feitas ao Instituto do Açucar e do Alcool e não a BRASIL AÇUCAREIRO ou nomes individuais.

## ANUNCIOS:

1	Pagina . . . . .	300\$000
1/2	" . . . . .	150\$000
1/4	" . . . . .	80\$000

Os anuncios com colocação determinada pagarão mais 20%

Os recibos só serão validos quando assinados pelo diretor.

Representante para as Republicas Argentina e do Uruguai:

**Gaston T. G. DE MOL** - Caixa Postal, 793 - BUENOS AIRES

# BANCO DO BRASIL

## O maior estabelecimento de crédito do País

Agências em todas as capitais e cidades mais importantes do país e correspondentes nas demais cidades e em todos os países do mundo.

### Condições para as contas de depósitos:

<u>COM JUROS</u> (sem limite) . . . . .	2% a. a. (retiradas livres)
<u>POPULARES</u> (limite de rs. 10:000\$000) . . . . .	4% a. a. ( " " )
<u>LIMITADOS</u> (limite de rs. 50:000\$000) . . . . .	3% a. a. ( " " )
<u>PRAZO FIXO</u> — de 6 meses. . . . .	4% a. a.
— de 12 meses. . . . .	5% a. a.

### Prazo fixo com renda mensal:

— de 6 meses. . . . .	3,1/2 a. a.
— de 12 meses. . . . .	4,1/2 a. a.

NOTA — Nesta conta, o depositante retira a renda, mensalmente, por meio de cheque.

DE AVISO — Para retiradas (de quaisquer quantias) mediante prévio aviso.

— de 30 dias. . . . .	3,1/2 a. a.
— de 60 dias. . . . .	4% a. a.
— de 90 dias. . . . .	4,1/2 a. a.

### Letras a prêmio - (sujeitas a sêlo proporcional)

— de 6 meses. . . . .	4% a. a.
— de 12 meses. . . . .	5% a. a.

Nesta capital, além da Agência Central, sita na rua 1.º de Março n.º 66, estão em pleno funcionamento as seguintes Metropolitanas:

GLÓRIA — Largo do Machado (Edifício Rosa).

BANDEIRA — Rua do Matoso n.º 12.

MADUREIRA — Rua Carvalho de Souza n.º 299.

MEYER — Av. Amaro Cavalcanti n.º 27.

# Companhia Usinas Nacionais

ALÇUCAR

“PEROLA”

SACO AZUL

Cinta encarnada

Pacotes de 1 a 5  
quilos

**FABRICAS:**

RIO DE JANEIRO

SÃO PAULO

SANTOS

TAUBATE'

JUIZ DE FÓRA

BELO HORIZONTE

NITEROI

CAXIAS - EST. DO RIO

SÉDE:

RUA PEDRO ALVES, 319

TELEGRAMAS “USINAS”

TELEFONE 43-4830

RIO DE JANEIRO

EGON RULE CO 1 U.S.A. 2 3 4 5

1  
U.S.A.  
2  
3  
4  
5



60

